CPAD

O HOMEM

A natureza humana explicada pela Bíblia

CORPO
ALMA
e ESPÍRITO

Severino Pedro da Silva

O HOMEM: CORPO, ALMA E ESPÍRITO

Digitalizado por JuniorEvan

Severino Pedro da Silva

O HOMEM: CORPO, ALMA E ESPÍRITO

CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1988 para a língua portu-guesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

572 Silva, Severino Pedro da, 1946-
SILh O homem: corpo, alma e espírito. Rio de Janeiro, CPAD, 1988.

1. Antropologia. 2. Evolução. 3. Alma - Origem. 4. Corpo - Origem.
I. Título

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

21ª impressão: Novembro 2013 - Tiragem: 1.000

Índice

Apresentação 7
Prefácio 9
Introdução 11
1. Definição da Antropologia 13
2. A teoria da evolução 19
3. As espécies preservadas 25
4. O conceito histórico 31
5. A tradição para outras famílias 37
6. O homem e sua natureza 41
7. O corpo humano 59
8. A alma humana 67
9. A origem da alma 79
10. A alma e a consciência 83
11. A alma e a imaginação 89
12. A alma e a memória 91
13. A alma e os instintos 95
14. A alma e o sangue 99
15. A alma e o coração 105
16. A alma e a imortalidade 109
17. A alma volta do mundo invisível 113
18. O espírito humano 125
19. A fusão do espírito com a alma após a morte 139
20. O homem e o tempo 145

21. A Antropologia cultural 153
22. A coloração da pele 157
23. O homem e as concepções morais 165
24. A moral social 179
25. A família 183
26. As formas de governo 191
27. A queda do homem 197
28. A salvação do homem 203
Bibliografia 213

Apresentação

Apresentamos o livro nº 2 da NOVA COLEÇÃO TEOLÓGICA DA ESTEADEB, de autoria do pastor Severino Pedro da Silva.

Após examiná-lo cuidadosamente com o missionário Eurico Bérgsten, achamos que o mesmo está de acordo com nossos princípios doutrinários e conceitos mantidos nas Assembléias de Deus no Brasil.

São Paulo, maio de 1987
José Wellington Bezerra da Costa

Prefácio

Tenho a honra e o prazer de prefaciar esta obra, que se intitula O Homem: Corpo, Alma e Espírito, *da exímia e fecunda pena do apreciado escritor, pastor Severino Pedro da Silva.*

Numa exposição clara, direta e agradável, o autor nos transmite uma antropologia (doutrina do homem) vigorosa, atuante e presente em cada capítulo que certamente é e será uma obra de singular importância.

O homem foi, e é, a criatura mais importante da Terra e, sem sombra de dúvida, a Antropologia é uma ciência das mais sublimes, porque trata da própria humanidade e dos grandes problemas da vida e da morte.

Creio que, segundo o autor, se pode e deve estudar o homem para se saber o que ele é e fazer, em seguida, que ele seja o que deveria ser.

Neste livro, portanto, o leitor encontrará temas e assuntos de alcance muito vasto. Não só vasto, mas, segundo se diz, com profundo significado e infinito alcance. Nele

são desenvolvidos argumentos à luz de cada contexto, tais como: O corpo, a alma e o espírito; a divisão entre alma e espírito; a alma e a imaginação; a alma e a memória; a alma e o sangue; a alma e a imortalidade, etc.

Cada assunto, portanto, é seguido dentro do contexto e argumento principal das Escrituras. Recomendamos a todos a leitura desta obra.

Fortaleza, verão de 1987,
Pastor Luiz Bezerra da Costa

Introdução

Etimologicamente, *Antropologia* significa ciência do homem; ciência que estuda os homens, suas obras e seu comportamento desde seu aparecimento sobre a Terra.

Essa ciência pode ser examinada de dois ângulos totalmente diferentes, a saber, o da filosofia humana e o mandamento da Bíblia. Razão por que a antropologia meramente humana distingue-se como ciência que estuda o homem do ponto de vista físico-somático e do ponto de vista histórico - sua origem e seus princípios últimos.

Enquanto que, do ponto de vista divino de observação (a revelação da Bíblia) é a ciência que estuda o homem com Deus (sua origem, vida e destino), e suas relações.

Evidentemente, no estudo em foco, focalizaremos todos esses pontos acima mencionados, para que haja melhor compreensão do significado do pensamento.

Neste livro, portanto, iremos estudar cada tema e assunto à luz de cada contexto. E, neste vasto mundo de idéias, tomamos como fonte principal a Bíblia, a imortal Palavra de Deus.

Nela, descobrimos material abundante de natureza positiva e confiável.

A revelação divina apresenta informações finais para cada tema e ao mesmo tempo apresenta soluções adequadas para cada argumento que já surgiu (e surgirá) dentro da história do nosso planeta.

Espero que o leitor seja capaz, partindo desses fatos, de chegar às conclusões apropriadas.

São Paulo, 1987
Pastor Severino Pedro da Silva

1

Definição da Antropologia

O conceito básico detrás da palavra grega "anthrõpos" é aquele que determina o homem genérico e suas formas de expressão, para o distinguir dos "deuses" e dos animais. Paulo, por exemplo, emprega a expressão "ho esõ anthrõpos" em vários de seus elementos doutrinários (Rm 7.22; 2 Co 4.16), a fim de denotar o verdadeiro "Eu" do crente (mundo religioso) ou da pessoa humana (mundo filosófico), conforme se depreende ("homem interior"), como é visto por Deus e (parcialmente) conhecido por nós na consciência.(1)

1. DEFINIÇÃO GERAL DO ARGUMENTO

Até dois séculos atrás, ou seja, até Holff, o estudo do homem era chamado "De anima". Holff em sua forma de interpretação distinguia dois tipos de pesquisas, e as chamava respectivamente de Psicologia Empírica(2) e Psicologia Racional.(3) Hoje, porém, o uso adotado e corrente do significado do pensamento é mais abrangente e, segundo se diz, atinge um conceito vastíssimo. Vejamos:

a. O estudo do homem do ponto de vista físico-somático: Antropologia física como é analisada nos grandes temas.

b. O estudo do homem do ponto de vista da sua origem histórica: Antropologia etnológica ou cultural.

c. O estudo do homem do ponto de vista dos seus princípios últimos: Antropologia filosófica.

d. O estudo do homem do ponto de vista religioso: Antropologia teológica.

Esta última, segundo se diz, trata do homem com Deus e suas relações.

Já G. Durand, na Enciclopédia Universal, no verbete "Antropologia"([4]) oferece a seguinte divisão:

1. Antropologia biológica, que se subdivide em:
- física (ou anatômica)
- fisiológica (conservação e crescimento do homem)
- patológica (sua origem, sintomas e natureza)
- zoológica (relação entre o homem e os animais: ponto de vista rejeitado pelo cristianismo em geral)
- paleontológica (estudo dos fósseis: humanos, vegetais e animais).

II. Antropologia mental, que se subdivide em:
- psicologia (estudo da alma)
- sociologia (analisa o homem como um ser social). Este ramo da antropologia mental é também chamado de "sociologia cultural".

2. ANTROPOLOGIA NOS GRANDES TEMAS

A antropologia (ou a doutrina do homem): filosófica, física, cultural e teológica passou a despertar grande interesse em todas as gentes, tanto do passado como do presente. No sentido teológico, porém, ela se revestiu de grande importância, razão por que, todos os povos de ambos os Testamentos atribuíram a Deus a criação do homem. Portanto, tem grande dignidade. O salmista Davi, rei de Israel (1000 anos a.C), faz a seguinte indagação a Deus: "Que é o homem?" (Sl 8.4a). No campo filosófico, porém, isso assume quase que uma dimensão maior (não em valor - mas em extensão) de tal modo que quase todos suscitaram grande interesse, como aqueles que se seguem:

a. *Vista geral:*

- o homem econômico
- o homem instintivo
- o homem angustiado
- o homem utópico
- o homem existente
- o homem moral

b. *Vista contextual:*

- o homem falível (continua)
- o homem hermenêutico
- o homem problemático
- o homem cultural
- o homem biológico
- o homem religioso, etc.

O homem sempre foi (e continua sendo) objeto de estudo em todos os períodos da história da humanidade.

Foi estudado pela filosofia grega, assim como pela cristã, pela filosofia moderna como pela contemporânea. Cada uma destas escolas apresentou e defendeu pontos de vista diferentes. Mas, o Cristianismo sempre seguiu sua linha de pensamento definido, isto é, que Deus criou o homem e que continua cuidando do homem, seja qual for sua circunstância.

3. O HOMEM: SUA ORIGEM

A fonte de informação principal sobre a origem do homem é a Bíblia.

Ela afirma isso logo no primeiro capítulo de sua história (Gn 1.26,27) e depois continua em seus elementos doutrinários (Jó 33.4; Mc 10.6; At 17.25,26, etc). Deus fê-lo do pó da terra usando o poder da palavra: "...façamos!" (Gn 1.26; Jó 33.4). A seguir, em harmonia com seu equivalente, deu forma determinada da tríplice preparação do homem para sua vida e trabalho sobre a Terra, usando três palavras hebraicas que descrevem cada significado do pensamento:

a. "...e os criei (Bara) para minha glória (isto é, produzi-os do nada)", usando seu equivalente no tempo e no espaço (Is 43.7a).

b. "...eu os formei" (Asah), sim, isto é, fi-los existir numa forma determinada (Is 43.7b).

c. "...eu os fiz (isto é, yatzar), preparei (disse Deus) as disposições e arranjos finais referentes a eles" (Is 43.7c). Assim as Escrituras mostram, clara e enfaticamente, que o homem é o resultado de atos imediatos, especiais e formativos de Deus.(5)

O termo "criar" na presente seção, em hebraico, é *Bara: Cabendo a noção da criação do nada.* A palavra significa então: "Libertar", "deixar aparecer", "deixar tomar forma determinada". O significado depreende-se do uso no tempo e no espaço (compare-se Números 16.30): "... criar alguma coisa nova do nada".(6)

Assim o homem aparece na ordem da criação como "uma coisa nova" em forma determinada de ser vivente, pois Deus o fez d& acordo com a sua imagem e semelhança.

4. O HOMEM: E A IMAGEM DE DEUS

O doutor Graham Scroggie (ND) observa que originalmente aparece a "imagem de Deus". Porquanto, ela é a "substância espiritual da alma". Mas, no caso de Sete (o terceiro filho de Adão) a ordem é invertida: aparece em primeiro lugar a "semelhança" e não a "imagem" como no primeiro caso (Gn 5.3b). Neste contexto, como já tivemos ocasião de ver, "a semelhança é o caráter moral separável da substância" e por isso foi perdida na queda. A "imagem", porém, sendo a "substância espiritual da alma" não pode ser perdida.(7)

a. A revelação de Deus traz a evidência de que, intelectualmente, o homem se parece com Deus, porque se não houvesse conformidade na estrutura mental, seria impossível a comunicação de um com o outro, e não poderia haver, portanto, uma tal relação.

O homem se assemelha a Deus pelo fato de possuir natureza racional e religiosa ao mesmo tempo. A capacidade do homem a esse respeito é a origem

de todo o conhecimento científico. Ele interpreta a significação da natureza e descobre que ela traz os sinais da razão. O homem compreende a Deus por motivos dos sinais de inteligência no mundo ao redor de cada coisa existente. A razão do homem assim corresponde à razão de Deus.(8) Assim afirma Pendleton: "Observando que, sendo feito tal como sou, foi uma grande glória ter sido feito semelhante a Deus em suas excelências intelectuais, mas para mim há outra glória maior é de Ele me ter feito semelhante a Ele em suas perfeições morais".(9)

b. O relato de Gênesis nos leva a entender que Deus fez o homem como coroa da criação. O fato de que os membros (Pai, Filho e Espírito Santo) da Santíssima Trindade falaram entre Si (Gn 1.26) indica que este foi o ato transcendente e a consumação da obra criadora iniciada em Gênesis 1.1 e ss. Deus criou o homem para ter percepção tanto do mundo espiritual como do mundo terrenal: corpo, alma e espírito impõem no homem este princípio.

Na declaração do Criador, portanto, o homem foi feito à imagem de Deus, evidentemente tem grande dignidade. Essa imagem de Deus no homem não se refere ao aspecto físico, já que Deus é Espírito (Jo 4.24), e sim aos caracteres que dizem respeito à imortalidade, à moral, ao raciocínio e ao domínio de si mesmo.

c. A imagem de Deus no homem conforme já tivemos ocasião de tocar, em notas expositivas nas seções anteriores, tem quatro aspectos, e cada um deles com significação especial:

- Somente o homem recebeu o sopro de Deus (Gn 2.7), e, portanto, tem espírito imortal, por meio do qual pode ter comunhão íntima com o Senhor.
- É um ser moral, não obrigado a obedecer a seus instintos como fazem os animais, porém possui livre-arbítrio e consciência do mal e do bem.

- É um ser racional, com capacidade para pensar no abstrato e formar idéias, as quais são transformadas em afluentes ideais.
- Tem domínio sobre a natureza e sobre os seres vivos. O doutor P. Hoff diz o que se segue: "Havia de ser o homem representante de Deus, investido de autoridade e domínio, como visível monarca e cabeça do mundo".([10]) Na sua tríplice constituição dependendo de cada função, três coisas o caracterizam: o espírito para ter comunhão com Deus; a alma para lhe obedecer, e o corpo para lhe servir. O Novo Testamento acentua os aspectos espirituais e morais da imagem e semelhança de Deus no homem, tais como conhecimento espiritual, justiça e santidade. O grande propósito do Criador é realizar a redenção e restauração desta imagem no homem até que seja perfeito como se observa em Cristo (Rm 9.29; Cl 3.10; 1 Jo 3.2).

([1]) S. V. Arndt, Anthrõps, R. Bult. Teol. NT. I.p. 203
([2]) Frankfurt, c.p. BM. 1732. p. 9
([3]) op. cit. c.p. BM. 1734. p. 9
([4]) Vol. II, pp. 30-51
([5]) Teologia Elementar E.H.B.D.D. 4ª imp. p. 207, 1983
([6]) Síntese Bíblica (At). C.J. p. 39. 1981
([7]) Scroggie, Dr. G. (Notas Diárias)
([8]) Esb. de Teol. Sist. A.B.L. p. 134. 1977
([9]) op. cit. Dr. E.H. p. 210. 1975
([10]) CJ. em o Pent. p. 27. 1985

2

A teoria da evolução

No início do século XVII, Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) delineia a teoria da evolução através da qual procura mostrar que as características físicas adquiridas durante a vida de um indivíduo podem ser transmitidas para seus descendentes. O fato se prendia, segundo Lamarck, através da comparação dos diversos seres vivos, de que havia profundas semelhanças estruturais entre diferentes animais, levando à suposição de um modelo inicial do qual tivessem se desenvolvido todas as espécies.

O naturalista defendia que haveria então necessidade de adaptar-se ao ambiente para o surgimento de novas características que, em seguida, o indivíduo no decorrer do tempo transmitia à sua prole.[11] Lamarck não consegue comprovar sua teoria através de experiências práticas, mas as suas pesquisas são importantes para chamar a atenção para a questão da evolução orgânica. Este cientista é o primeiro a usar o termo "biologia".[12]

1. O ARGUMENTO

Lamarck foi professor do Museu de História Natural de Paris, capital da França. Em sua formação ele admitia

a hipótese evolucionista especificada pelos caracteres (ou causas) da influência, tais como: *o meio, a hereditariedade e o tempo.*

As variações do meio, segundo Lamarck, tais como clima, alimentação, temperatura, etc, provocam transformações diversas nos corpos vivos. Estudos posteriores, entretanto, viriam demonstrar que essa idéia era apenas parcialmente correta, pois fatores ambientais de fato modificam o indivíduo, mas essas modificações não são transmissíveis. Pode ser que, em alguns casos, haja uma certa influência de codificação a partir da quinta geração, mas isso não se prende às modificações transmissíveis e, sim, ambientais.

a. Já o naturalista inglês, Charles Darwin, retoma as idéias de Lamarck, substituindo pela concorrência ou luta pela vida a explicação que Lamarck atribuía à ação do meio. Em 1859, com seu livro *A Origem das Espécies,* Charles Darwin provocou uma das maiores revoluções científicas da História ao propor a teoria da evolução através da seleção natural. Darwin (1809-1882) participa de um longo cruzeiro pelo mundo com a finalidade de observar os ambientes naturais e coletar material, que depois é pacientemente estudado. Desse trabalho resulta "A teoria da evolução natural" que se opõe à arraigada ideia da fixidez das espécies.([13])

b. Evidentemente essa teoria teve em Darwin o seu ponto sistematizador. O sábio inglês procurava provar que o homem é o produto da evolução natural das espécies, e o conhecimento dos mecanismos pelos quais essa evolução se processa deu à biologia um papel fundamental, e o domínio desse campo de conhecimento passa a influenciar outros vários campos, tais como: Psicologia, Sociologia, etc.

Segundo essa teoria de Darwin, o homem passa a ser visto sob o aspecto biofisiológico, tomado como ser animal, regido pelo instinto biológico, pelas leis que regem todos os animais. Dessa noção, decorre o gosto dos autores do Naturalismo pela "zoomorfização", que consiste na "aproximação" através de símiles entre o homem e o animal.

c. Na base de sua teoria evolucionista, Darwin coloca a luta pela vida, segundo a qual em cada espécie animal existe uma permanente concorrência entre os indivíduos. Somente os mais fortes e os mais aptos conseguem sobreviver. Segundo ele, a própria natureza se incumbe de proceder a esta seleção natural.

d. *Refutação do argumento.* As teorias de Lamarck e de Darwin estão hoje quase abandonadas como explicações gerais da evolução, declara Régis Jolivet, Decano da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Lyon, França. (14)

Em uma seção de seu livro(15) ele declara: "A evolução jamais poderá constituir uma explicação adequada da espécie humana, porque entre o animal e o homem há um abismo intransponível, uma radical separação. A evolução, se verdadeiramente se verificou, então deve ter-se limitado à preparação (de Deus) do corpo humano, que se tornou efetivamente um corpo humano a não ser pela criação da alma espiritual por Deus. Se bem que seja necessário falar, mesmo neste caso, de uma criação imediata por Deus do corpo e da alma do primeiro homem".(16) A solução da criação direta por parte de Deus foi acolhida por quase todos os cientistas do passado (inclusive Darwin, que atribuía, à ação direta de Deus a origem de quatro ou cinco protótipos viventes) e foi rigorosamente reafirmada por quase todos os cientistas contemporâneos.

2. A RAZÃO DIVINA

Vê-se assim que, segundo a hipótese de Darwin, o homem existiria realmente sem antepassados, se pelo menos for tomada esta palavra no sentido próprio. Não será, portanto, lícito empregá-la (como o fizemos acima), a não ser no sentido limitado e impróprio, que resulta do que acabamos de dizer, isto é, que Darwin atribuía a Deus alguns arranjos apenas e não sua totalidade na origem da vida.

a. As investigações científicas (não todas) têm procurado através dos séculos esse ELO PERDIDO (ligar o homem com os animais através da evolução), porém isso jamais será possível (porque tal ELO nem sequer existe). O doutor CL Scofield diz: "O homem foi criado, não evoluí-

do de alguma espécie de ser inferior durante séculos. Isto é expressamente declarado aqui, no inicio da Bíblia (Gn 1.26,27; 2.7) e de igual modo, confirmado por Jesus no NT (Mt 19.4; Mc 10.6). Existe um vasto espaço, uma divergência praticamente infinita entre o homem mais 'baixo' e a besta mais elevada. A besta não tem traço algum de consciência de Deus; não tem, portanto, natureza religiosa. O homem, porém, é praticamente diferente em comparação a uma besta; pois onde quer que o encontremos, ele está sempre virado em adoração a qualquer coisa. É evidente, portanto, que besta e homem não são a mesma coisa".(17)

b. A própria ciência moderna já chegou à seguinte conclusão: "O homem, pode e tem dois objetivos na vida: O objetivo imediato e o mediato. Já os animais, não têm objetivo mediato. Não lhes é possível pensar em alguma coisa tendo outra de permeio. O alvo é sempre imediato. Por isso, enquanto o animal é impelido, o homem é atraído, é chamado, é convidado por aquilo que tem como alvo na vida.

"Ainda outra característica que distingue o homem dos irracionais é a da 'intensidade e vastidão da vida' . Quase não há termos comparativos, neste sentido: *O homem e o irracional.* Ordinariamente um animal de dois anos já experimentou tudo na vida daquilo que lhe era possível experimentar. A vida tornou-se-lhe de então por diante uma contínua repetição das mesmas sensações. Mui diferente é a vida humana, porque o homem, aos dois anos nem sequer começou a viver, e, até aos cem anos e mais, está sempre experimentando coisas novas."(18)

c. Do ponto de vista divino de observação, a Bíblia ensina claramente o princípio de uma criação especial. Isto significa que Deus fez cada variedade segundo a sua espécie (Gn 1.21 e ss). Ele criou as várias espécies e então deixou-as para se desenvolverem, e progredissem segundo as leis do seu ser. A distinção entre o homem e as criaturas inferiores implica na declaração de que "Deus criou o homem à sua imagem". Ao lermos que fez cada criatura segundo a sua espécie, não queremos dizer que Deus as fez incapazes de se reproduzirem ou se desenvolverem em va-

riedades novas; queremos dizer ou afirmar que Ele criou cada espécie distinta e colocou uma barreira entre elas, de maneira que, por exemplo, um cavalo não se deveria desenvolver de maneira que se transformasse em um animal que não fosse cavalo e daí por diante. (19)

---

(11) **J. B. L. Philosophie Zoologique, 1809**
(12) **Alm. Ab. Secção de Biologia, p. 631. 1984**
(13) **op. cit. p. 631. 1984**
(14) **RJ. Crus. de Fil. p. 120. 1984**
(15) **op. cit. p. 120**
(16) **op. cit. p. 121**
(17) **Scofield, Dr. C. I. (Scofield Reference Bible)**
(18) **Esb. de Teol. Sist. A. B. L. p. 133. 1977**
(19) **Conh. as Dout. da Bibl. p. 69. 1977**

3

As espécies preservadas

De acordo com as fontes de informações tradicionais e científicas, todas as espécies criadas por Deus, desde a origem de tudo, se mantêm até hoje reproduzindo-se de acordo com as cópias originais. O grande problema, porém, apresentado pelos naturalistas, é, segundo este conceito, a impossibilidade de estas espécies terem sobrevivido ao Dilúvio, visto que, segundo eles, a Arca seria incapaz de agregá-los, isto é, não teria tal capacidade de agregar dentro de si dois e quatorze de cada espécie, respectivamente (Gn 7.1,2).

1. A PROVA CIENTÍFICA

O doutor Russell Wallace em sua distribuição geográfica dos animais afirma ser isso possível. Wallace desaprova cientificamente qualquer cientista que inescrupulosamente advogue que a Arca em si não teria tal capacidade para preservar cada espécie de acordo com cada cópia original. Vejamos:

Existem cerca de 1.700 espécies de mamíferos, 10.087 de aves, 987 de répteis e aproximadamente 100.000 de insetos.

As verdadeiras dimensões da Arca se acham matematicamente declaradas em Gênesis 6.15,16: "E desta maneira farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinqüenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura. Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da Arca porás ao seu lado: far-lhe-ás andares baixos, segundos e terceiros". Em termos modernos teríamos as seguintes dimensões: comprimento - 150 metros; largura - 25 metros; altura - 15 metros. Isso tomando como base o côvado hebraico, que é de aproximadamente 50 centímetros, diferente, portanto, do côvado francês, que é de 66 centímetros. Existem porém, outras possíveis medidas, tais como: comprimento - 135 metros; largura - 22,5 metros; altura - 13,5 metros. Passemos agora, portanto, a analisar cada andar e depois deduziremos o significado do argumento.

a. Mencionam-se três andares ou coberturas, tendo cada andar, deduzimos, 30 centímetros para o soalho e temos 4,20 metros de altura. Multiplicando-se os 135 por 22,5, teremos 3.037 metros quadrados de superfície para cada andar sendo que a forma total é de 9.111 metros quadrados de área para toda a Arca.

Segundo a capacidade básica em que se calcula um navio moderno (cerca de 500 quilos por metros quadrados), a Arca teria capacidade para 32.000 toneladas, podendo mesmo, em caso de necessidade, atingir 42.000 toneladas.

b. Observemos portanto, agora, a acomodação de cada espécie de ser (com exceção dos peixes) dentro da Arca:

• *Primeiro andar:* A Bíblia diz que entraram na Arca ca
pelo menos dois exemplares de cada espécie e de algumas outras sete pares (Gn 7.1-3). Os mamíferos variam bastante de tamanho. O doutor Russell Wallace toma como base o gato doméstico e a girafa, etc, de modo que, faremos o cálculo sobre esta base. Cada andar tinha 3.037 metros quadrados de área, isso porém, tomando as dimensões menores, de maneira que num só pavimento, digamos o primeiro, 3.400 animais teriam quase que um metro quadrado para as espécies menores, enquanto que as maiores teriam em forma especial 3,22 por 4,20 metros de espaço cada um. Consideremos o tamanho médio que propomos, e esses es-

paços seriam mais que suficientes. Naturalmente, precisamos de lugar para depósito de mantimento; mas lembremo-nos de que resta bastante espaço acima dos animais, e esse resto dos 4,20 metros de altura pôde ser usado para pôr forragem.

• *Segundo andar:* O segundo andar deixaremos para os insetos e os reptis bem como para seu alimento. Nesse espaço de 3.037 metros quadrados temos de abrigar 200.000 insetos, e 1.974 reptis. Os insetos, naturalmente, são muito pequeninos, e os reptis, na média, não são grandes, pois predominam as espécies menores. O cálculo mostra-nos que temos cerca de 150 centímetros quadrados para cada um. Isto, sem dúvida, provê espaço mais que suficiente para cada um.

• *Terceiro andar:* Resta ainda todo o andar superior, o terceiro, para Noé e sua família, de sete membros, juntamente com 20.174 aves para lhes fazerem música. As aves são, na média, pequenas, pois, como no caso dos insetos e reptis, predominam as espécies menores, mas poderemos conceder 1.350 centímetros quadrados a cada uma, e assim mesmo as maiores terão bastante lugar. ([20]) Assim, portanto, fica evidenciado que todas as espécies de seres vivos (com exceção dos peixes): homem, animais, reptis e insetos, não são processos de uma evolução, e sim de uma criação e preservação natural do próprio Criador (Gn 1.20-22; Sl 148.5-10).

2. CONSERVAÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA

Segundo informes arqueológicos e outras fontes de informações, após a expulsão do homem e sua mulher do Jardim do Éden (Gn 3.23), Adão e sua esposa foram fixar residência na cidade de "A-dai-Mieh", a 30 quilômetros do rio Jaboque. Evidentemente, dali partiram as famílias adâmicas até Noé, onde essas famílias são destruídas pelo Dilúvio e através dos três filhos de Noé (Sem, Cão e Jafé), têm novamente uma expansão das famílias na face de toda a Terra.

Observemos o que nos informa o doutor Wilhelm Gesenius, notável erudito hebreu do Século XIX, em seu

"Rastro Genealógico das Nações", ([21]) descrito no Léxico Hebraico:

a. As tradições mais antigas da raça humana apontam decididamente para o fato de que os homens tiveram uma origem comum. A história das migrações tendem a demonstrar que tem havido uma distribuição de populações primitivas partindo de um só centro, isto é, de um mesmo lugar. Os estudiosos têm descoberto que estudos feitos em torno das línguas da humanidade indicam que elas tiveram origem comum. Por exemplo, as línguas indo-germânicas encontram sua origem em uma língua primitivamente comum, da qual existem relíquias na língua sânscrita.

Também há evidências que demonstram que o antigo Egito é o "ELO" de união entre as línguas indo-européias e as semíticas.

b. De acordo com as informações bíblicas, os três filhos de Noé tiveram o seguinte destino: Cão emigrou para a África (Gn 10.6) e parte de seus descendentes para a Ásia (Gn 10.6-20). Sem emigrou para a Ásia (Gn 10.21,32) e Jafé emigrou para a Europa (Gri 10.2 e ss). Sobre isso devemos ter em mente a profecia de Noé concernente aos seus três filhos (Gn 9.24-27). O doutor W. Pinnock([22]) descreve que esta profecia de Noé sobre seus filhos se cumpriu no tempo e no espaço:

"Estas profecias cumpriram-se maravilhosamente". Concernente à descendência de Cão: Os egípcios foram castigados com diversas e duras pragas; a terra de Canaã foi entregue por Deus, 800 anos mais tarde, aos israelitas (Semitas) sob Josué, que destruiu muitos e obrigou o resto a fugir, alguns para a África e outros para vários países. As condições atuais do povo africano todos nós conhecemos.

c. Com respeito a Jafé, está dito: "...Alargue Deus a Jafé" (Gn 9.27) - cumpriu-se fielmente no extenso e vasto território possuído por ele - todos os países e ilhas do oeste europeu; e depois, quando os gregos (Javã) e romanos subjugaram a Ásia e a África, eles então "ocuparam ...as moradas de Sem e de Canaã", como vaticinara a profecia do velho Noé (Gn 9.27).

d. Com respeito a Sem, o primeiro filho de Noé, disse: e: "Bendito seja o Senhor Deus de Sem..." Isto é, ele e a sua descendência morariam nas tendas do Continente Asiático. Dele surgiria o Messias, e a adoração do verdadeiro Deus seria preservada entre a sua descendência, sendo os judeus a posteridade de Sem.(23)

3. O ELO UNIVERSAL

A alma humana é a parte mais importante da natureza constitutiva do homem; especialmente quando diz respeito à sua ligação com o mundo terrenal, e a Psicologia revela claramente o fato de que as almas dos homens, sem distinção de tribo e nação a que pertençam, são essencialmente as mesmas.

Possuem em comum os mesmos apetites, instintos e paixões; as mesmas tendências, e, sobretudo, as mesmas qualidades, as mesmas características que só existem no homem. Os grandes filósofos formulam o juízo comum quanto ao fato de que a raça humana se constitui numa só espécie, e que as diferenças entre as diversas famílias da humanidade, como constituição óssea, nariz, pele, cabelo, etc, são consideradas como variedades de uma espécie original.

a. Do ponto de vista divino de observação, a Bíblia de- e- clara: "...Deus... de um só [Adão] fez toda a geração dos homens, para habitar sobre [toda] a face da terra..." (At 17.25,26). O fato de que essas famílias vieram a habitar toda "a face da terra" se deu em Gênesis 10.25 (o primeiro estádio) e Gênesis 11.8,9 (o segundo). Observemos o que segue:

"E a Éber nasceram dois filhos: o nome dum foi Pelegue, porquanto em seus dias se repartiu a terra". E no contexto da passagem seguinte: "Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de [toda] a terra..." No tocante às formações das tribos, deu-se, evidentemente, através de uma operação divina declarada em Gênesis 10.5, que diz: "Por estes foram repartidas as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações".

Das gerações anteriores ao Dilúvio, somente Noé, sua esposa, seus filhos e suas respectivas esposas sobreviveram, e encabeçaram as gerações pós-diluvianas como já tivemos ocasião de ver em seções deste livro.

---

(20) Dr. Wallace. R, op. cit. A. Lafaiete. em Venc. em Tod. as Bat. LW.
(21) W. G. D. D., Hebrew and English Lexicon
(22) op. cit. p. N. L. Olson
(23) M. P. Atrav. da Bíbl. (LPL). p. 23. 1069

4

O conceito histórico

O que segue são dados extraídos do livro "História Ilustrada do Mundo Bíblico de Seleção de Reader's Digest".(24)

1. PROVA MORAL

O décimo capítulo de Gênesis é, com efeito, um documento único. Sustenta-se que nenhuma compilação igual se encontrou jamais na literatura de qualquer outro povo antigo. Seu sentido fundamental ainda está sendo verificado através do mundo inteiro, atualmente. Procura provar esse capítulo de Gênesis que as nações tiveram uma origem comum e que todos os homens são irmãos, com uma unidade humana que tem sua raiz em Deus.

a. Há nele um propósito religioso, uma séria tentativa para mostrar que a humanidade tem uma origem comum e que, embora sejamos povos e raças separados, somos um povo e uma raça só aos olhos do nosso Criador. A crença nesta verdade moral e sua prática elevam a civilização ocidental muito acima do paganismo e oferecem a promessa de paz universal.

b. Fora seus valores religiosos e morais, o décimo capítulo de Gênesis está se revelando um quadro extremamente fidedigno de nações, povos, e os descendentes dos filhos de Noé, o mais velho dos quais era Sem, seguido de Cão e de Jafé.

Os descendentes de Cão e Jafé receberam na Bíblia muito menos atenção do que os de Sem, entre os quais se encontrava o grande patriarca Abrão, ou Abraão.

c. Os filhos de Jafé são enumerados em Gênesis 10.2, e seus nomes mostram ser os daqueles povos indo-europeus que habitavam a Ásia ocidental nos primeiros tempos do Antigo Testamento. Gômer indubitavelmente designa um povo, os "kimmerioi", de Homero, uma tribo obscura que vivia na Península da Criméia. O nome Magogue é o de um povo que vivia para os lados do "norte", cuja terra foi perfeitamente identificada. Não pode haver muita dúvida de que Mandai significa os medos, que viviam na região montanhosa, entre o mar Cáspio e o golfo Pérsico.

De Javã vem o termo Jônio, que quer dizer gregos, e especialmente aquele ramo que habitava as ilhas egienses e o ocidente da Ásia Menor. Tubal e Meseque talvez tenham povoado parte da Ásia Menor, ao passo que Tiras muito provavelmente se transformou nos trácios.

d. Os descendentes do filho mais velho do Gômer, Asquenaz, parece que foram os citas, que, segundo Jeremias 51.27, viviam nas proximidades do Monte Ararát e adjacências. A tribo poderá ter avançado até a Europa: na literatura judaica posterior o nome Asquenaz denota os povos germânicos. Rifa e Togarma, filhos de Gômer, eram povos da Ásia Menor e que depois emigraram para parte da Europa.

e. Os quatro filhos de Javã foram Elisa e Quitim, cujos descendentes viveram na Ilha de Chipre, Társis, que viveu na Espanha, e Dodanim, cujos descendentes provavelmente habitaram Rodes e as ilhas vizinhas do mar Egeu.

f. Cuxe, filho de Cão, deu seu nome ao que conhecemos hoje como Etiópia, enquanto que Mizraim é um nome comum do Egito. Pute significa Líbia, e Canaã deu seu nome primeiro às planícies marítimas da Palestina e depois a toda a terra situada a oeste do rio Jordão.

Os filhos de Cuxe (Gn 10.7) povoaram a parte mais meridional da Península da Arábia, ao longo do mar Vermelho e do oceano Índico. Entre seus descendentes destacou-se o povo de Sabá, cuja famosa rainha mais tarde fez uma visita muito conhecida a Salomão (1 Rs 10.1 e ss). Ninrode (Gn 10.8-12) também merece menção, pois este "poderoso caçador foi fundador da vigorosa civilização babilônica." ([25]) Portanto, as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe!

2. AS TRIBOS DA TERRA SANTA

Agora chegamos às tribos da Terra Santa propriamente dita. Mas, para melhor compreensão do pensamento, devemos passar primeiro pelo Egito.

Mizraim parece ter gerado os egípcios e os filistinos. Canaã e seus filhos povoaram a terra que veio a ter o seu nome, bem como as áreas circunjacentes. O nome de seu primogênito, Sidom (Zidon), corresponde a toda a costa fenícia; Hete refere-se aos heteus (hititas), que construíram uma notável civilização na Síria; os jebuseus, até serem desapossados por Davi, conservaram o sítio que depois se tornou Jerusalém; os amorreus estabeleceram-se a leste do Jordão, os hamatitas ao norte de Canaã. Os outros nomes de Gênesis 10.16-18 designam tribos cananéias locais. Estas várias nações descendentes de Cão eram politicamente sujeitas ao Egito no tempo em que se fez esta relação.

a. Os nomes dos descendentes imediatos de Sem podem ser facilmente relacionados com certos grupos semíticos orientais. Elão são indubitavelmente os elamitas imediatamente ao norte do golfo Pérsico. Assur são sem dúvida os assírios, e admite-se em geral que Arfaxade sejam os caldeus. Lude são os lídios da Ásia Menor e Arã os povos arameus da Síria e da Mesopotâmia, os sírios.([26])

b. Os antepassados de Abrão ou Abraão, os habirus, ou hebreus, de que descendeu o Povo Escolhido de Deus, viveram durante algumas gerações na Mesopotâmia, segundo parece por Gênesis 11.24,25. Arfaxade, neto de Noé, representa os habitantes da área em volta de Ur. Seu

neto foi Éber, de cujo nome alguns eruditos acreditam que derivou o termo hebreu.

Abraão foi da sexta geração ou da sexta era, depois de Éber - geração que parece sem dúvida ter tido Ur como lugar de nascimento (Gn 11.27,28).

c. Éber teve dois filhos, Joctã e Peleque, em cujos dias, segundo explica a passagem de Gênesis 10.25, foi dividida a terra. Alguns sábios insistem em que esta divisão foi a descrita em Gênesis 11, e com ela o Senhor mostrou a supremacia de seu poder sobre o homem, provocando a diversidade de línguas e com isso a interrupção das obras da Torre de Babel, o que levou as nações para este fim e se espalharem mais uma vez por toda a face da Terra.

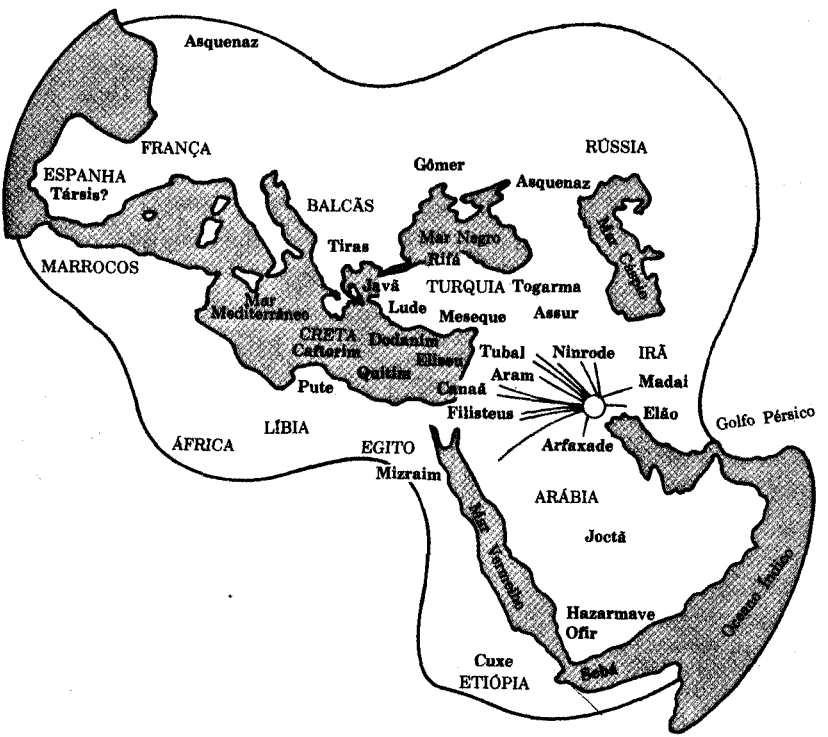
O episódio da Torre de Babel pretende elucidar a causa da diversidade dos povos e das línguas: neste capítulo 11 o fato é apresentado como castigo divino por uma ação orgulhosa dos homens - a construção de uma torre com a finalidade de atingir o céu. O autor sagrado (Moisés) dá uma explicação popular do nome Babel, que é a capital das cidades com torres: o nome Babel com o sentido de "confusão" está aproximado, em razão da raiz "balal", que significa "confundir". Na realidade, Babel, etimologicamente vindo do acádio, significa "porta de Deus".

"Bab-ili" (Babilônia provêm do plural bab-ilani, porta dos deuses).

d. A Bíblia não descreve esta segunda distribuição dos povos. Mas acredita-se que o nome Pelegue deriva do assírio "palgu", que significa *canal.* Baseado nisso, o doutor Wilhelm Gesenius acredita que Pelegue, filho de Éber, poderá ter representado um papel proeminente na introdução do sistema de canais de irrigação tão importantes para a vida ao longo dos rios Tigre e Eufrates. Outro indício foi acrescentado na década de 1930, quando arqueólogos franceses descobriram um reino perdido que tinha seu centro em Mari, no Eufrates superior. Na abundância de registros recuperados aparecem outros nomes de antepassados de Abraão relacionados em Gênesis 11.26-28, como de cidades do noroeste da Mesopotâmia. Parece que das nações mencionadas no capítulo 10 de Gênesis, os caimitas foram os primeiros a se organizarem criando dinastias. Destas di-

Nações Fundadas Pelos

Filhos de Noé



nastias, surgiram duas figuras de destaque: Ninrode e Mizraim.

Ninrode, rei de Babel, foi o fundador do antigo império babilônico. Este monarca era poderoso na terra. A sua esposa (Semiramis) é figura bastante conhecida na história secular; quando Ninrode foi assassinado, ela assumiu a posição de imperatriz do governo. E para manter-se no poder... criou um mito ao redor da figura do marido, atribuindo-lhe o nome de Zoroastrita, que quer dizer "a semente da mulher". Ninrode, foi o falso "messias" de seus dias e figura também daquele que se levantará durante a "Grande Tribulação".

Mizraim, segundo os Anais da História egípcia e, Menes I, o primeiro rei do Egito.(27)

e. Os treze filhos de Joctã, irmão de Pelegue, parece ce terem vivido em outra terra. Através dos séculos este personagem bíblico - cujo nome significa *ele será feito pequeno* - tem sido considerado o pai dos árabes meridionais. Um de seus filhos chamava-se Hazarmavé, nome que foi preservado no moderno Hadramaut, o território ao longo da costa sul da Península da Arábia. Outro de seus filhos foi Ofir, que talvez tenha dado o nome a outra região dessa terra, a qual no tempo de Salomão era famosa por seu ouro, pela madeira de sândalo e pelo marfim.

Os restantes dois filhos de Joctã também parece que se estabeleceram nesse grande país deserto a sudeste da Terra Santa.

---

(24) Reader's Digest. Edit. N.B. Keyes. pp. 13-15. 1' Ediç. 1959
(25) op. cit. Reader's Digest. p. 14, 1959
(26) Idem. p. 14. 1959
(27) The Two Babylons, Hislo. p. 294

5

A tradição para outras famílias

Este costume foi recomendado pelo próprio Deus (Gn 18.17-19; Êx 13.14 e ss; Jz 6.13; SI 22.31; 44.2; 78.3,6; Jl 1.3 e ss). Uma tradição foi possível por causa da idade avançada dos homens e isso fortalece o sentido do argumento de que todos os homens vieram de um só tronco e de um só lugar (At 17.26). Observemos a tabela seguinte:

Adão	130 anos	total	930 anos (Gn 5.3,5)
Sete	105 anos	total	912 anos (Gn 5.6,8)
Enos	90 anos	total	905 anos (Gn 5.9,11)
Quenã	70 anos	total	910 anos (Gn 5.12,14)
Maalalel	65 anos	total	895 anos (Gn 5.15,17)
Jarede	162 anos	total	962 anos (Gn 5.18,20)
Enoque	65 anos	total	365 anos (Gn 5.21,23)
Matusalém	187 anos	total	969 anos (Gn 5.25,27)
Lameque	182 anos	total	777 anos (Gn 5.28,31)
Noé	600 anos	total	950 anos (Gn 7.6; 9.29)
Sem	100 anos	total	600 anos (Gn 11.10,11)

1. DEPOIS DO DILUVIO

Arfaxade	35 anos	total	438 anos (nasceu dois anos depois do Dilúvio).
Salá	30 anos	total	433 anos

Éber	34 anos	total	464 anos
Pelegue	30 anos	total	239 anos
Réu	32 anos	total	239 anos
Serugue	30 anos	total	230 anos
Naor	29 anos	total	148 anos
Terá	70 anos	total	205 anos

Abraão com a idade de 75 anos entrou em Canaã. Atingiu 175 anos.

a. Conforme estes números: 1656 anos passaram-se de Adão até o Dilúvio, e 427 anos do Dilúvio até Abraão. Adão morreu em 1206 antes do nascimento de Moisés. Noé viveu 350 anos depois do Dilúvio, ele morreu 2 anos antes do nascimento de Abraão. Sem viveu 98 anos antes do Dilúvio e 502 anos depois do Dilúvio.

Sem viveu 75 anos ainda depois da entrada de Abraão em Canaã. Adão morreu quando a sua sétima geração nasceu. Lameque tinha 56 anos quando Adão morreu.

Noé viveu até a nona geração dos seus descendentes.[28] Vejamos portanto que foi possível uma tradição bem estabelecida de Adão até Moisés, quando, por expressa ordem de Deus, tudo então foi escrito de acordo com o conhecimento e a revelação divina.

b. Observemos agora o quadro seguinte da vida humana, e sua modificação de acordo com o tempo e o espaço.

Declaração bíblica: "O homem nascido de mulher é de bem poucos dias e cheio de inquietação. Sai como a flor, e se seca; foge também como a sombra e não permanece" (Jó 14.1-2). De acordo com o testemunho das Escrituras, o homem que mais viveu foi o patriarca Matusalém. Chegou a atingir 969 anos (Gn 5.27). Matusalém, segundo se diz em Gênesis 5.27 e Judas v 14, foi o oitavo homem da ordem genealógica começando por Adão. Porém nenhum outro homem seguiu seu exemplo. Nenhum outro viveu sua idade. Vejamos:

Matusalém: 969 anos (Gn 5.27); Jarede 962 anos (Gn 5.20); Noé: 950 anos (Gn 9.29); Adão: 930 anos (Gn 5.5); Sete 912 anos (Gn 5.8); Cainã: 910 anos (Gn 5.14); Enos: 905 anos (Gn 5.11); Maalalel: 895 anos (Gn 5.17); Lameque: 777 anos (Gn 5.31).

Observe que de Matusalém a Lameque houve uma

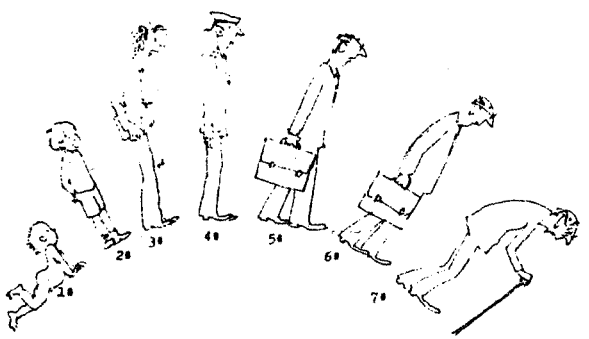
queda acentuada: 969 para 895 até Maalalel e, de Maalalel a Lameque de 895 para 777. Depois do Dilúvio esta redução obedece quase que à mesma escala, isto é, cada redução é de 100 aproximadamente. Vejamos:

Sem: 600 anos (Gn 11.10,11); Éber: 464 anos (Gn 11.16,17); Arfaxade: 438 (Gn 11.12,13); Sela: 433 anos (Gn 11.14,15); Enoque: 365 anos (Gn 5.23); Pelegue: 320 anos (Gn 11.18,19); Réu: 239 anos (Gn 11.20,21); Serugue: 230 anos (Gn 11.22,23); Terá: 205 anos (Gn 11.32); Isaque: 180 anos (Gn 35.28); Abraão: 175 anos (Gn 25.7); Anrão (o pai de Arão): 137 anos (Êx 6.20); Jacó: 130 anos (Gn 47.9).

Talvez Jó depois de Anrão, Isaque e Abraão, tenha sido o homem que mais viveu (Jó 42.16). Devemos ter em mente, para melhor compreensão do significado do pensamento, que cada queda acentuada da idade humana é de 100 anos aproximadamente.

Depois da sentença divina pronunciada em Gênesis 6.3, a escala da vida do homem sofre nova modificação. Caiu de 950 anos para 120 anos. Parece que, cerca do ano 1000 a.C, portanto 3000 anos depois da criação do homem (ou pelo menos quando foi oficializada a idade de Adão), houve uma nova redução da idade humana, isto é, de 120 anos para 80, 70 anos. Atualmente, porém, o homem começa a morrer logo quando nasce, disse um cientista médico. Só durante o Milênio de nosso Senhor Jesus Cristo tudo isso será novamente modificado, e a vida humana voltará à sua forma primitiva. Esperamos até lá! Observe o gráfico:

As idades da vida



(28) As Inform. Tir. do Halley Bible Handbook. p.85

6

O homem e sua natureza

Quando passamos a analisar o homem do ponto de vista de sua constituição, a antropologia teológica passa a descrevê-lo como um ser tríplice, isto é, composto de três partes: corpo, alma e espírito. Porém, quando o analisamos do ponto de vista de sua natureza, então ele é visto como um ser portador de duas naturezas: a humana (ligada com o corpo) e a divina (ligada com a alma e o espírito). No início, quando Deus criou o homem, Ele o formou do pó da terra e depois soprou "o fôlego da vida" em suas narinas. Tão logo o fôlego de vida, que se tornou o espírito do homem, entrou em contato com o corpo do homem, a alma foi simultaneamente produzida. Portanto, a alma é a combinação do corpo e do espírito do homem.

1. DEFINIÇÃO DO ARGUMENTO

As Escrituras, por isso, chamam o homem de "alma vivente". O fôlego de vida tornou-se a alma e o espírito do homem, isto é, o princípio da vida dentro dele, de acordo com a necessidade do corpo. Este fôlego de vida vem do Senhor da Criação. Todavia, não devemos confundir o

espírito do homem com o Espírito de Deus. O último é diferente do nosso espírito em essência e em poder. Romanos 8.16 manifesta esta diferença declarando que: "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito..." O original da palavra "vida" em fôlego de vida é "chay" e está no plural. Isto pode ser uma indicação para o fato de que o sopro de Deus produziu uma vida dupla: a vida da alma[29] e a vida do espírito[30]. Assim, portanto, o homem ficou constituído de duas naturezas: a divina e a humana.

a. Esta segunda parte do homem, que é constituída pelo espírito e a alma, é a que chamamos de o "homem interior", que, segundo é depreendido, se compõe das duas substâncias espirituais: alma e espírito, respectivamente (1 Ts 5.23; Hb 4.12). Neste sentido Deus colocou a "eternidade no homem". Paulo emprega esta expressão em vários textos e contextos de suas cartas (Rm 7.22; 2 Co 4.16; Ef 3.16) - "ho esõ anthrõpos", a fim de denotar o verdadeiro "eu". Na passagem já citada de 2 Coríntios 4.16, ele define claramente isso, quando diz: "Por isso não desfaleceremos: mas, ainda que o nosso 'homem exterior' se corrompa, o 'interior', contudo, se renova de dia em dia". la

No grego, por exemplo, a expressão "se corrompa" é transliterada: "se vai corrompendo". Essa é uma verdadeira mortalidade. O corpo se vai corrompendo, pois não pode suportar os ataques do tempo e das enfermidades físicas.

Portanto, se faz necessário que "o homem interior" (a alma e o espírito) "se renove de dia em dia".

2. SUA TRÍPLICE CONSTITUIÇÃO

No que diz respeito à sua constituição, o homem é tríplice (usamos aqui a expressão "tríplice" ao invés de "trindade", pois o vocábulo "tria" - Trindade, usado por Teófilo de Antioquia -160 d.C), foi criado com exclusividade para descrever as três Pessoas em que subsiste a Divindade: O Pai, O Filho e O Espírito Santo - assim o homem é tríplice e Deus é trino, e passagens tais como 1 Tessalonicenses 5.23; Hebreus 4.12 estabelecem a força do argumento. Os teólogos, porém, dividiram-se em três escolas de pensamento, sendo que, duas delas, menos aceitas, e uma (a terceira) acolhida quase que por todos . Vejamos:

a. *Unitarianismo:* (uma só parte). Este ponto de vista defende que a pessoa humana é apenas "um todo". Isto é, não existe uma outra parte no homem que, após sua morte, continuará vivendo. Este argumento é defendido da seguinte forma:

"Os cientistas e cirurgiões (quais?) têm chegado à conclusão de que o homem é simplesmente a ordem mais elevada da vida animal (vida sensitiva). As pesquisas científicas (quais pesquisas?) não têm podido encontrar no homem nenhuma prova definitiva da imortalidade. Não podem achar alguma evidência que indique que o homem tenha uma alma imortal... cada homem é uma alma".(31) E conclui dizendo: "As Escrituras (quais?) dizem que as bestas são também alma como as pessoas".(32) É certo que a palavra "alma" nas Escrituras não tem sentido uniforme, mas o sentido exato depreende-se do contexto. A palavra "alma vivente" em Gênesis 1.20 e 9.10 significa "ser vivente". E conhecemos que, de igual modo (sentido primário), em Gênesis 2.7, pode ou deve ter o mesmo sentido. Porém, tenhamos presente que há grande diferença entre a criação dos animais e a criação do homem.

Enquanto na criação dos animais, disse o Criador: "...produza a terra alma vivente conforme a sua espécie..." (Gn 1.24a). E, por imperativo divino, a terra produziu toda espécie animal. Tenhamos presente que tudo que é animal procede da terra. Porém, quanto ao homem, disse Deus: "façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26a).

As palavras "sopro de vida" constituem uma expressão metafórica que nos indica que a vida do homem - seu espírito e alma - procedem diretamente de Deus, como poder criador. Os animais são, de fato, "unitarianistas", mas o homem não!

b. *Dicotomia:* (duas partes). Este ponto de vista é, em suma, aceito mais no campo filosófico. Os advogados dele dizem que o homem, em seu todo, compõe-se apenas de duas partes, isto é, de corpo e alma. Esta dupla divisão da constituição humana que resulta logo à vista quando ele começa a pensar a respeito da sua própria natureza. E, ainda mais, é a que se observa mais facilmente nos outros.

O homem compõe-se, então (segundo essa teoria), de corpo e alma.

Essa idéia "dualista" sobre "corpo e alma", como descrição da personalidade humana, teve seu princípio em Platão. Não é de se surpreender, portanto, que a maioria dos teólogos cristãos primitivos se compunha dos que criam na teoria "dualista", pois muitos deles eram filósofos neoplatônicos convertidos ao cristianismo ou estavam sob a influência dessas ideias (conforme foi o caso de Justino Mártir, de Clemente de Alexandria, de Orígenes, e de Agostinho). Platão, por exemplo, opinava que o homem se compunha de duas partes: corpo e alma. Sustentava, entretanto, que a personalidade humana se dividia em três:

A Vegetal (a matéria do corpo).

O Ânimo (evidentemente um atributo da alma): a coragem para enfrentar os problemas éticos da vida, e vencer.

O Raciocínio (o princípio espiritual, a alma em si mesma). Esta divisão sugere um homem tríplice, mas Platão ensinava que ele era "dicótomo".(33)

c. *Tricotomia:* (três partes). Filosoficamente falando, lo, a tricotomia já era defendida por Aristóteles, que mesmo tendo sido discípulo de Platão, defendia, entretanto, a triplicidade na constituição humana. Orígenes aplicava também esse princípio quando se baseava nas Escrituras, enquanto que, do ponto de vista filosófico, aceitava a "dicotomia de Platão".

3. A RAZÃO DO ARGUMENTO

Para a maioria dos teólogos cristãos o ponto de vista mais aceito sobre a pessoa humana se dividia em três:

a. A natureza do "somma" (ou corpo físico) que era o sentido natural na primeira pessoa.

b. O sentido psíquico (ou seja, o sentido da alma): Psicologia Geral na segunda pessoa.

c. O seu "pneuma" (ou seja, o sentido do órgão de comunhão com Deus), isto é, aquilo que tange ao sentido místico de maior elevação espiritual: o espírito mesmo.

Vejamos, pois, o apoio das Escrituras sobre o significado do argumento:

"Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi abatido dentro do corpo" (Dn 7.15 e 1 Co 9.27).

"...Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a sua alma nele está" (At 20.10).

"...Peso da palavra do Senhor, o que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o espírito do homem dentro dele" (Zc 12.1). O espírito, portanto, é o órgão de comunhão com Deus; a alma, a sede da personalidade; e o corpo, o tabernáculo da morada de ambos.

O doutor C. I. Scofield descreve o que segue: "O homem é uma trindade. Que a alma e o espírito humanos não devem ser confundidos como apenas sinônimos é evidente, pois são divisíveis (Hb 4.12). Como também de igual modo o corpo (1 Ts 5.23). No dizer de Paulo, é sepultado 'corpo natural', e ressuscitado (no grego 'somma pneumatkon') 'corpo espiritual', conforme se lê em 1 Coríntios 15.44, e outras passagens que inserem o significado do argumento".(34)

4. ALCANCE DO ARGUMENTO

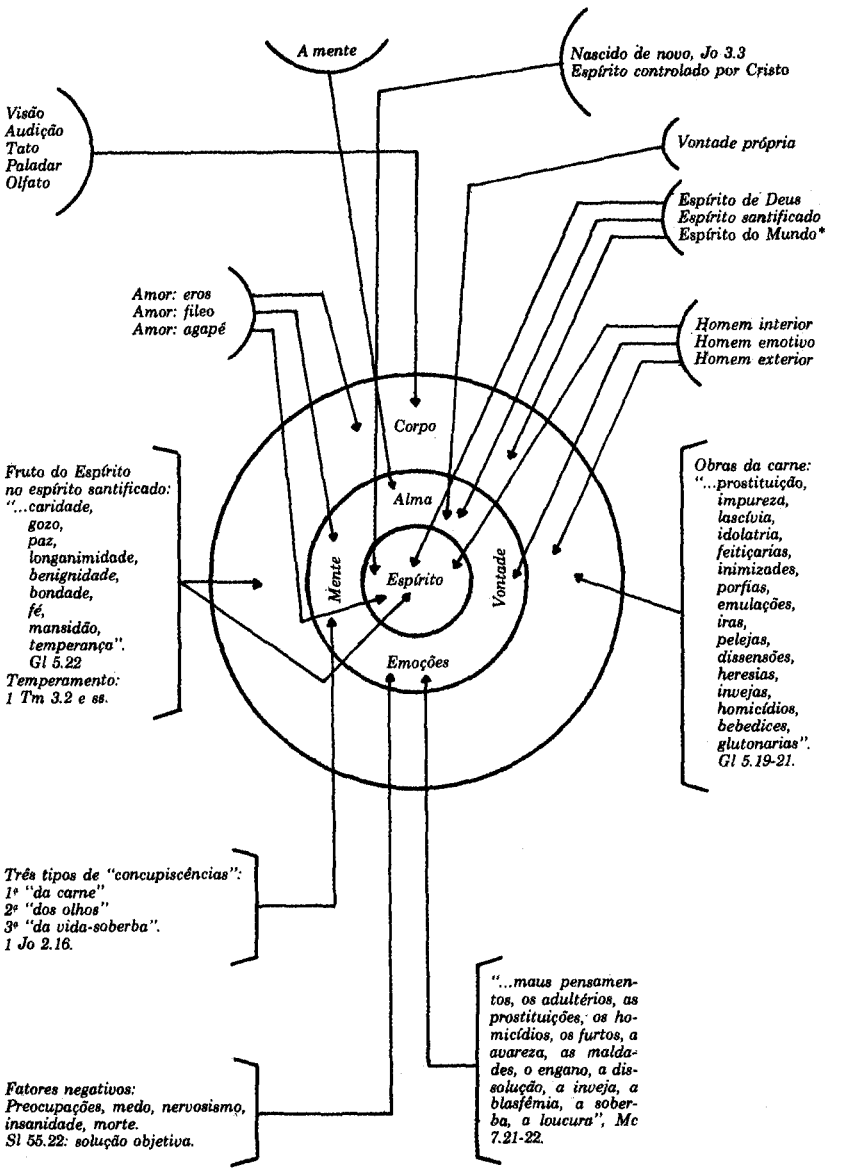
Segundo está declarado, o homem é formado de corpo, alma e espírito. Isso significa que, etimologicamente falando, ele se compõe de duas partes: material e imaterial.

A primeira parte, o corpo - fala daquilo que é material; a segunda, porém, composta da alma e do espírito - fala daquilo que é espiritual. Porém, no que diz respeito à sua constituição, tanto texto como contexto que esboçam o significado do pensamento, dizem que ele é tricótomo: corpo, alma e espírito. A controvérsia existe entre aqueles que estão "impressionados" com as diferenças e aqueles que estão "impressionados" com as semelhanças entre "os dois". Seria bom reconhecer que, quando necessário, a Bíblia dá aos dois termos um significado distinto e, quando nenhuma diferença específica está sendo considerada, a Bíblia dá a entender tanto a dicotomia (duas partes) como a tricotomia (três partes).

Mas quando há necessidade específica, a Bíblia define com precisão a distinção de ambos e, evidentemente, o significado do pensamento que se fizer necessário.

O leitor deve observar o esquema tríplice abaixo que. mostra as funções características do corpo, da alma e do espírito:

O GRÁFICO MOSTRA A TRÍPLICE CONSTITUIÇÃO DO HOMEM



a. Em confirmação ao que dissemos quanto ao uso que as Escrituras fazem destes termos, devemos notar o seguinte:

O termo espírito é usado livremente para indicar a parte imaterial do homem (cf. 1 Co 5.3; 6.20; 7.34; Tg 2.26), assim também o termo alma (cf. Mt 10.28; At 2.31; 1 Pe 2.11), Quanto ao uso paralelo desses termos, veja-se Lucas 1.46,47. Da mesma forma, à alma e ao espírito são atribuídas as mesmas funções gerais, tais como aquelas que se seguem (mas não nos casos específicos) - Mc 8.12; Jo 11.33; 13.21; compare-se Mt 11.29; 26.38; Jo 12.27; 2 Co 7.13; se for necessário: 1 Co 5.5; 2 Co 7.1; 1 Ts 5.23; Hb 4.12; 10.39. Confronte 1 Co 16.18; Tg 5.20; 1 Pe 2.11; observe-se a gama de variedades: Mc 8.36,37; 12.30; Lc 1.46; Hb 6.18,19; Tg 1.21. Aqueles que partiram desta vida para a outra são às vezes chamados de almas e outras, de espíritos (cf. Gn 35.18;; 1 Rs 17.21; Mt 27.50; Jo 10.30; At 2.27,31; 7.59; Hb 12.23, 1 Pe 3.18; Ap 6.9; 20.4, etc). Também para ser entendido pela mente natural Deus foi revelado como alma e espírito (cf. Is 42.1; Jr 9.9; Mt 12.18; Jo 4.24; Hb 10.38).

b. Observemos agora uma distinção silenciosa: Segundo já tivemos ocasião de focalizar, a verdade é que muitas vezes estes termos são "usados alternadamente".(35)

c. *A divisão da alma e do espírito.* "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra *até a divisão* da alma e do espírito..." (Hb 4.12a). Assim como no início da criação a Palavra de Deus operou na modificação caótica, separando a luz das trevas, assim também agora ela opera dentro de nós, como a espada do Espírito, penetrando *até a divisão* da alma e do espírito.

Daí, a mais nobre habitação de Deus - nosso espírito. A alma e o espírito, assim distinguidos, não podem ser senão as duas substâncias imortais da natureza imaterial do homem, entre as quais as Escrituras, ao contrário do que muitos pensam, sempre distingue.

Em uma outra seção deste livro (cap. 7, pág. 61, c), o homem é comparado a um templo, especialmente ao antigo templo judaico. A primeira parte (o corpo) representa o

átrio exterior. A segunda parte (a alma) figurando o Santo Lugar. Enquanto que a terceira parte (o espírito) prefigura o Santo dos Santos.

Para que se tivesse a aproximação dos dois últimos (o Santo e o Santíssimo), se fazia necessário algum sacrifício. O sacerdote dividia o sacrifício, assim também agora o Sumo Sacerdote divide nossa alma e espírito.

A faca sacerdotal era de tal agudeza que fazia com que o sacrifício fosse cortado em dois - sempre no expressivo: "...aquelas metades" (cf. Gn 15.10,17).

Essa divisão da alma e do espírito não significa apenas sua separação, mas também uma fenda aberta na própria alma. Visto que o espírito está envolvido pela alma, ele não pode ser alcançado antes que a Palavra da Cruz de Cristo penetre abrindo um caminho (o da obediência) à vontade divina. Quando assim sucede, Deus atravessa as duas camadas anteriores (corpo e alma), alcançando, "...com poder, pelo seu Espírito, no homem interior" (Ef 3.16b). Agora, a ação poderosa de Deus opera em nós, não de "fora para dentro" (do corpo para o espírito), e sim, de "dentro para fora" (do espírito para o corpo) e é isso que diz Paulo, por amor de seu argumento: "...todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis..." (1 Ts 5.23).

A passagem acima citada, indica que o homem possui em si três espécies de energia espiritual. E, evidentemente, esse fato foi provado pela Psicologia. Através de estudos feitos no campo da Psicologia, ficou conclusivamente demonstrado que o homem possui pelo menos três formas distintas de energia, talvez havendo até maior número de formas. Pelo menos se sabe que há mais de um nível de energia espiritual no homem, e que um desses níveis está *preso d terra,* ao passo que os outros são transcendentais.

d. Na Antiga Aliança, para que o sacerdote penetrasse se no Santo dos Santos, fazia necessário atravessar o véu.

Este era feito de material pesadíssimo, de linho, nas cores branco, azul, púrpura e escarlate. As citações rabínicas dizem que o véu tinha a espessura da mão de um homem na forma horizontal, 10 centímetros, com 74 fios retorcidos, cada um deles feito de 24 fios entretecidos. Tinha

mais de 30 metros de comprimento e dezoito de largura (Mishnah Shekalim, cap. 8, sec. 5. Shemot Rabba, sec. 50, foi. 144.2). Ora, o homem, sendo comparado a um templo, sua carne serve como o véu (cf. Hb 10.19,20). Porém, Cristo, como nosso Sumo Sacerdote, penetra além deste véu, ultrapassando, assim, até a divisão da alma e do espírito, discernindo os pensamentos e intenções do coração, fazendo ali (no espírito) sua própria habitação (2 Co 3.16-18; Hb 4.12, etc).

e. *O homem é um ser espiritual.* O homem é um ser espiritual em dimensões superiores a qualquer outro ser. Lendo-se Gênesis 1.26,27, vê-se que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Que significa esta expressão? Significa que em algum respeito ou vários respeitos o homem é como Deus. Para conformação desta resposta basta verificarmos o contexto de Gênesis 3.22: "...eis que o homem é como um de nós..." O registro da criação do homem indica que ele é composto de um elemento material e de um elemento imaterial. O homem é tão físico como espiritual em sua natureza.

Ele compõe-se de corpo e de alma e de espírito como teremos ocasião de estudar nos capítulos seguintes. Isto surge no relato de sua origem quando se diz que Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fô-lego de vida e o homem tornou-se alma vivente (Gn 2.7).

Aqui, o escritor sagrado parece estar dando uma relação dos dois elementos do ser humano, o físico e o espiritual.

O homem é composto, então, de dois elementos - um material e um imaterial. Ao material chamamos corpo. Nele são exercidos as relações do imaterial, tais como intelecto, consciência, alma - quando no sentido de ser vivente.

Ao imaterial chamamos de alma e espírito. Esta parte imaterial do homem torna-o uma personalidade espiritual. Nesta condição a ele imposta pelo Criador, o homem difere bastante dos outros seres criados.

A primeira diferença que se deve mencionar é a inteligência ou o poder de pensar. Os animais inferiores possuem este poder num sentido muito cru e elementar. O ho-

mem tem o poder de saber. A mais elevada forma deste poder encontra-se em conhecer-se e conhecer a Deus.

Consciência própria é geralmente apontada como um dos poderes essenciais da personalidade. Isto denota o poder de fazer próprio um objeto do pensamento. E o poder de conhecer-se em suas relações com outras coisas e seres.

A segunda diferença é o poder de afeição racional. Os seres inferiores possuem sensibilidade e afeição instintivas. Mas o homem se ergue acima deles tanto em sua vida de sensibilidade como o faz em sua vida pensante. A alma racional é a mais elevada qualidade em Deus e no homem. Esta qualidade da vida do homem opera deliberada e sacrificialmente para o bem do seu objetivo. Não é sentimento cego ou instintivo e muito menos mera compaixão.

A terceira diferença é a vontade livre. O homem é um ser livre. Ele tem o poder de determinação própria. Ele pode ser influenciado, porém não forçado. Neste respeito ele é como Deus. Deus é o único ser perfeitamente livre no universo. Ele se determina completamente a si mesmo. No homem, porém, essa determinação, em alguns casos, não é e não pode ser absoluta; assim, a sua liberdade é limitada, mas real.

Ele tem o poder de formar ideais e então dirigir suas energias em direção à obtenção desses ideais. Ele olha adiante e deliberadamente se move na direção que escolhe tomar. Os animais inferiores não possuem este poder: seus movimentos *e* atividades são determinadas na maior parte pelo instinto. O homem tem instinto, mas seus instintos, como teremos ocasião de ver mais adiante, são racionalmente controlados, e suas atividades são, em parte pelo menos, deliberadamente determinadas.

A quarta diferença diz respeito ao senso moral. No uso geral do termo, é isto o que se entende por consciência que depois veremos à luz do contexto. O homem tem o senso inato do direito e do errado. Suas idéias sobre o que é direito e o que é errado são em parte matéria de treinamento e educação, mas o sentimento de que existe uma coisa que é direita e uma que é errada e que cumpre ao homem fazer o que é direito e evitar o mal é praticamente universal. Uma vez que o homem é um ser provido de consciência própria e

possui este senso de obrigação de fazer o que é direito e evitar o mal, tem ele o poder de julgar-se a si mesmo em referência à qualidade moral de suas ações e aprová-las ou reprová-las.

É isto que diz Paulo por amor de seu argumento sobre a Santa Ceia do Senhor: "...examine-se pois o homem a si mesmo..." (1 Co 11.28a).

Sua capacidade. Para nós, isto se refere aos poderes que o capacitam a fazer uma ação certa ou errada. "Esses poderes são intelecto, sensibilidade e vontade, juntamente com aquele poder de discriminação e impulso, que chamamos de consciência" (Strong). O intelecto capacita o homem para discernir o certo e o errado; a sensibilidade apela para que faça um ou outro; e a vontade resolva o assunto. Mas em relação a estes poderes, há outro que envolve a todos, e sem o qual não pode haver nenhuma ação moral.

É a consciência. Ela aplica a lei moral a nós em casos particulares e insta para que a cumpramos. É praticamente desnecessário abordar o intelecto e a sensibilidade, mas precisamos falar da consciência e da vontade, o que faremos mais adiante.

No que diz respeito à vontade, o termo é usado em dois sentidos:

Primeiro, para indicar inclinação; e

Segundo, para indicar volição, ou o exercício dessa "faculdade" em dadas situações. Jonathan Edwards foi altamente determinista. Afirmava que "cada ato de vontade é provocado por motivo", e que "aquele motivo é a causa do ato da vontade". Ele negou que a vontade tenha poder para escolher entre dois ou mais motivos; isto é, de indicar um iniciar, um curso de ação contrário ao motivo que era anteriormente o predominante.

Por isso é que ele não pôde explicar como um ser santo pode cair. Strong observa que Edwards "identifica sensibilidade com a vontade, e considera as afeições como as causas eficientes das volições, e fala das conexões entre motivo e ação como sendo necessárias". Mas, cuidadosamente analisado, "motivos não são causas que compelem a vontade, mas sim influências que a persuadem. O poder destes motivos, todavia, é proporcional à força da vontade que

neles penetrou e os fez o que são". Porém, com efeito, existe um poder acima de qualquer tentação ou decisão e, necessariamente, ele torna a vontade livre.

Já tivemos ocasião de afirmar que Deus respeita a vontade do homem em suas decisões. Não impõe quaisquer restrições sobre ela, nem para cometer pecado nem para aceitar as ofertas de graça. É por poder o homem querer "...fazer a vontade dele" (Jo 7.17) que Deus pode lhe dizer: "...Hoje se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações" (Hb 3.7,8,15; 4.7). Por que apelar para a vontade de alguém se essa pessoa apenas puder fazer o que é errado? Parece isso contraditório se julgado dentro dos limites de nossos critérios; mas, que não é. Porque o homem tem diante de si o caminho de escolha: "Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal... A vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas..." (Dt 30.15,19). Ora, com efeito, isso significa, portanto, vontade livre.

A quinta diferença é que o homem se volta para Deus. Assim o homem como pessoa é capaz de ter uma religião. O objetivo de tudo isso é que ele é criado para Deus. Como conseqüência desse fato, estes poderes marcam em sua vida uma semelhança de Deus e assim o homem passa a ter uma afeição e afinidade espiritual para com Deus; ele é um ser religioso e capaz. Ele conhece a Deus, e não está satisfeito sem Ele. Caracteriza-o uma insaciável sede do infinito e do eterno. Ele não pode repousar senão quando repousa em Deus. Há nele uma irresistível súplica por um objeto espiritual de reverência, confiança e culto. Não se satisfaz com o que se vê e o transitório. Anela pela comunhão com o invisível e o que está além (Hb 11.27). E permanente!

Ao se voltar para Deus, ele sente o dever de julgar-se a si mesmo. Ele, então, a si mesmo se condena como tendo errado ou se aprova como tendo feito o bem. Com efeito, isso significa que sua consciência lhe avisa de que há algo errado em confronto com o senso moral (1 Jo 3.20).

Este poder de julgamento próprio é propriamente o que a consciência aponta e é uma das mais altas qualida-

des pertencentes ao homem. É o que dá qualidade moral à sua vida, é a coisa sem a qual sua vida não teria significado moral.

Este senso moral parece faltar totalmente nos animais e pertence supremamente a Deus. Assim, portanto, estas quatro coisas acompanham o homem durante sua existência:

I. Inteligência

II. Consciência: consciência própria particularmente

III. Afeição racional - vontade livre ou determinação própria

IV. O senso moral. Estes requisitos assinalam o homem como tendo sido feito como é Deus.

Esta natureza do homem, portanto, o faz religioso. Como afirma o Dr. William James (em Princípios de Filosofia, Vol I. p. 316): "Os homens oram porque não podem evitá-lo. O homem sente-se limitado e dependente. Ele anela conhecer Um que não está assim limitado e dependente para quem ele possa levantar os olhos em seu desamparo e em quem ele possa confiar para ajuda. Quando os homens se convencem por suas filosofias que não existe Deus a quem possam conhecer e em quem possam confiar, imediatamente começam a personificar a Humanidade, ou a natureza, ou o Universo, escrevendo a palavra com letras maiúsculas, e então reverenciam e adoram o IT. (Pronome pessoal neutro da língua inglesa, A. S. G.).

"A não ser que haja um Deus que o homem possa conhecer e adorar, parece então que ele está condenado para sempre a uma infrutífera pesquisa por algum deus".

Ele foi de tal modo criado que deve incessantemente buscar aquilo que ele não pode encontrar e sem o qual ele não pode ficar satisfeito. Se algum poder demoníaco tivesse querido criar um ser e garantir-lhe eterna miséria certamente não teria alcançado maior êxito do que fazê-lo de tal modo que ele devesse sempre buscar um Deus que não existisse e sem cujo conhecimento a criatura não pudesse repousar.

f. A natureza, portanto, se harmoniza com uma concepção apropriada, inata do homem. A natureza humana é uma substância, não uma propriedade apenas ou qualida- 1-

de de uma substância. Não é a propriedade ou qualidade de uma substância individual, mas é ela mesma uma substância específica ou geral. Sabemos que os povos europeus vieram em levas sucessivas da Ásia. Os índios americanos, os etnólogos geralmente concordam, vieram de fontes mongolóides na Ásia Oriental. Os esquimós freqüentemente vão e voltam da Ásia através do Estreito de Bering. O sangue, a temperatura e os sintomas de todo ser humano são iguais. Portanto, isso indica que ele partiu de uma mesma fonte que é Deus!

g. *Onde se localiza a alma no corpo?* A presente pergunta é antiga.

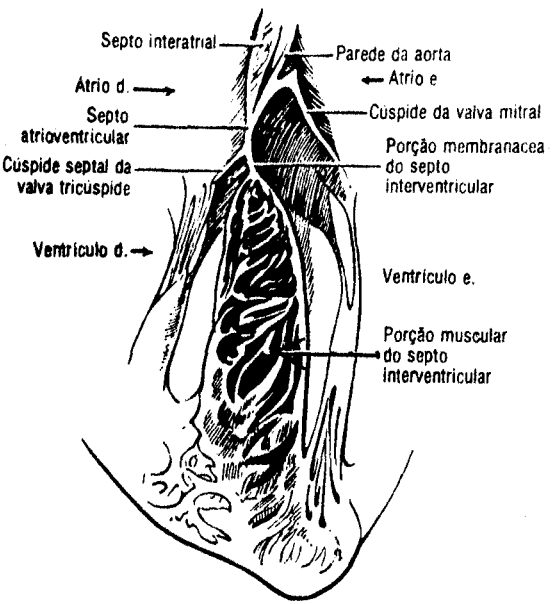
Os antigos tinham uma concepção de que o centro da vida onde se localizava a alma era o "SEPTO". O soldado romano talvez tivesse em mente atingir nosso Senhor nesta membrana do coração de Jesus (Jo 19.34), visto que, segundo se entendia, quando este local era tocado, então, a alma partia, causando morte instantânea. Isso se daria porque, segundo tal crença, com a ruptura do septo, a alma (envoltório do espírito) seria desalojada de seu átrio interior. Isso porém, não aconteceu; a Bíblia afirma que a lança do soldado atingiu o pericárdio de nosso Senhor.

O septo, segundo os médicos, é uma membrana que separa os dois ventrículos um do outro. Num corte transversal de um coração dilatado, mostra-o no centro dos dois ventrículos junto às colunas carnosas ventriculares.

Algumas vezes o septo é também chamado de "septo interventricular". Este septo é uma formação forte, obliquamente orientada, que consiste de uma porção membranácea e de outra muscular. A porção membranácea do septo é delgada, lisa e de estrutura fibrosa. Comumente, a cúspide septal da valva tricúspide insere-se no lado da parte superior do septo membranáceo, de tal forma que o lado direito do septo corresponde ao átrio direito, acima da valva, e ao ventrículo direito, abaixo dela.

Conseqüentemente, a porção do septo acima da valva situa-se entre o átrio direito e o ventrículo esquerdo. Esta porção é denominada de septo atrioventricular.

Veja o desenho de um corte do septo interventricular em que a seta mostra o local onde segundo se cria era o centro da vida: morada da alma



Uma face do septo interventricular volta-se para a direita, formando uma saliência na cavidade do ventrículo direito. A outra face volta-se para trás e para a esquerda. O septo estende-se da região apical do coração até o intervalo que separa os óstios pulmonar e tricúspide dos óstios aórtico e mitral.

Às vezes, as margens do septo são indicadas na superfície do coração por sulcos interventriculares superficiais. Segundo a crença antiga (e até admitida por médicos modernos), era este exatamente o local denominado de "o centro da vida".

De acordo com o que declara Jesus em Marcos 7.21, esta concepção não está de todo destituída da lógica e argumento principal:

"Porque do interior (septo?) do coração dos homens saem os maus pensamentos... etc."

h. *No caso de Jesus.* No caso de nosso Senhor, a lança ça lhe perfurou o pericárdio. A ciência médica mostra dois pericárdios no corpo humano: um fibroso e outro seroso. Mas, necessariamente, no caso de Jesus está em foco o "pericárdio seroso". É um saco fechado, cuja lâmina parietal externa forra a superfície do pericárdio fibroso e se reflete para o coração, onde é designada a lâmina visceral ou epicárdio. À medida que a lâmina visceral se reflete para o coração, ela envolve parcialmente os grandes vasos (op. cit. R. T. Woodburne, Anat. Rec, 97:197, 1947).

O "sangue e água" saídos do lado de Jesus indicam que ele teve seu pericárdio perfurado pela lança romana. De acordo com as autoridades médicas, sangue e água saindo do corpo logo após a morte, só acontece, apenas, em caso de rotura do coração; nesse caso o sangue acumula-se no pericárdio (membrana que envolve o coração) e se divide numa espécie de pasta sangüínea e soro aquoso. Muitos argumentos foram apresentados para estabelecer este acontecimento após a morte de Cristo. Entre outros, foi frisado que a brevidade do tempo durante o qual Ele permaneceu na cruz e o Seu grito bem na hora em que "entregou o espírito" (Lc 23.46) tendem a provar que uma ruptura do coração foi a causa da morte do "Homem de Dores" (Is 53.3).

Sob intensa dor e pressão violenta do sangue, o coração pode romper-se. "Pode ser que o sofrimento pelo pecado humano vá além do que a constituição física humana possa suportar". O Dr. Stround diz que isso freqüentemente acontece quando o coração é repentina e violentamente perfurado após morte por ruptura cardíaca (no caso de Jesus devemos afastar a hipótese de uma ruptura cardíaca: Ele voluntariamente entregou o espírito). Dentro de poucas horas após a morte, diz ele, o sangue, geralmente, se separa em suas partes constituintes ou elementos essenciais: *crassamentum,* substância lisa coagulada de cor vermelho-vivo, e soro, líquido aquoso pálido - popularmente chamados sangue e água, que correrão, separadamente, se o pericárdio for violentamente rasgado ou perfurado.

O apóstolo João afirma ter visto quando o soldado perfurou o lado de Cristo com aquela lança. E parece que fi-

cou temeroso de que não lhe dessem crédito; pois, na seção seguinte, ele teve o cuidado de dizer ao mundo que ele pessoalmente viu aquilo.

"E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais" (Jo 19.35). Portanto, fisicamente falando, pode ter acontecido uma ruptura; mas, necessariamente, não foi ela quem causou a morte de nosso Senhor. Ele, que, como já afirmamos entregou a sua vida (Jo 10.17,18).

---

(29) **W. Nee. O Hom. Espirit. Vol I. p. 23. 1986**
(30) **op. cit. W. Nee. p. 23. 1986**
(31) **J. F. S. Os Fals. Test. de Jeov. Portugal. 1972**
(32) **op. cit. J.F.S. 1972**
(33) **A.X. Teles. Int. ao Est. de Fil. 1984**
(34) **Scofield, Dr. Cl. (Scofield Reference Bible)**
(35) **C. Speriy, Dr. Lewis. Teol. Sist. Vol. I. 1986**

7

O corpo humano

Diversas palavras hebraicas são traduzidas como "corpo", sendo que a principal delas é "gewyya", que é usada principalmente no sentido de "cadáver", ainda que também se refira ao corpo humano e suas formas de expressões (Gn 47.18). Outras passagens das Escrituras, como, por exemplo: em Deuteronômio 28.4, a palavra "beten", que significa "ventre", é traduzida como "corpo" em outras versões. Somos também informados pelos eruditos que Isaías 51.23: "gẽwẽ" - tem o sentido de "costas". Em Lamentações 4.8, por "eçem", que significa "osso".[36]

1. O CORPO

Na estrutura do corpo humano, o que mais nos surpreende e encanta é o seu mecanismo, perfeitamente completo, isso tanto no conjunto quanto em suas partes singulares, tais como:

a perfeição do aparelho circulatório,
dos tecidos nervosos,
da estrutura dos olhos e ouvidos,
do nariz: local e posição onde se encontra,
da boca, etc.

Outro fato surpreendente diz respeito ao desenvolvimento, do corpo humano. Enquanto o animal nasce, geralmente, com um corpo já perfeito inteiramente pré-fabricado, pelo qual torna-se independente desde os primeiros dias, o homem nasce com um corpo que está ainda em fase de estrutura. Isto é, seu corpo é ainda bastante frágil, privado de qualquer autonomia, etc.(37)

a. Por outro lado, o corpo humano é de dimensões gigantescas em vários de seus aspectos:

Calcula-se que o cérebro humano é composto por cerca de "9 milhões" de células nervosas, enquanto que o corpo humano é formado por "1 trilhão" de células. Dentre os muitos dados que podem documentar a complexidade do organismo humano relembramos os seguintes:

"O comprimento total dos vasos capilares de um homem normal alcança os 100 mil quilômetros, o comprimento dos vasos capilares dos rins é de 60 quilômetros, a dimensão dos capilares abertos e distendidos em superfície forma um total de 6.000 metros quadrados, a superfície dos alvéolos pulmonares em extensão forma quase 8.000 metros quadrados".(38)

b. O homem, através do corpo, não só é senhor, de si mesmo, como também graças a ele torna-se senhor do mundo. Assim o corpo torna-se um dos componentes fundamentais do existir, do viver, do conhecer, do desejar, do fazer, do ter, etc. Ou seja, foi criado por Deus como ele-mento essencial do homem. Sem ele, o homem não poderá realizar as seguintes coisas:

não pode alimentar-se,
não pode reproduzir-se,
não pode aprender,
não pode comunicar-se,
não pode divertir-se,
não pode trabalhar,
não pode adorar.

É mediante o corpo que o homem é um ser social. Mediante o corpo, o homem é um ser religioso e, por meio deles, suas obras serão um dia aprovadas oú reprovadas diante de Deus (2 Co 5.10).

c. Quando vemos o nosso corpo sendo "o templo de Deus" (1 Co 3.16) o significado do pensamento deve ter a seguinte aplicação:

O homem também é o templo de Deus, e da mesma maneira tem três partes. O corpo é como o átrio exterior, ocupando uma posição exterior com sua vida visível a todos. Aqui o homem deve obedecer a cada mandamento de Deus. Aqui o Filho de Deus serve como substituto e morre pela humanidade.

Por dentro está a alma do homem, que constitui a sua vida interior e inclui sua emoção, vontade e mente. Tal é o Lugar Santo de uma pessoa regenerada, pois seu amor (fileo), vontade e pensamento estão plenamente iluminados para que possa servir a Deus como o sacerdote do passado fazia. (39)

No mais interior, além do véu, jaz o Santo dos Santos, no qual nenhuma luz humana jamais entrou e olho humano algum jamais penetrou. Ele é o "esconderijo do Altíssimo", a habitação de Deus. O homem não pode ter acesso a ele, a menos que Deus queira rasgar o véu, como fez por ocasião da morte de Cristo (Mt 27.51). Ele é o espírito do homem. Este espírito jaz além da consciência própria do homem e acima da sua sensibilidade. Aqui o homem une-se a Deus e tem comunhão com Ele, mas sempre por meio do corpo.

O alcance deste argumento esboça o seguinte, na presente analogia do corpo como templo de Deus:

Nenhuma luz é fornecida para o Santo dos Santos porque Deus habita ali. E assim está dito: "...O Senhor disse que habitaria nas trevas" (1 Rs 8.12b). No Santíssimo Lugar, portanto, era desnecessária a luz porque "Deus é luz" e, habitando na "luz inacessível", "cobre-se de luz como uma cortina" (Sl 104.2b; 1 Tm 6.16; 1 Jo 1.5). Já no Santo Lugar existia a luz fornecida pelo candeeiro de sete braços. O átrio exterior fica sob a ampla luz do dia. Todos estes servem como imagens e sombras para uma pessoa regenerada. Seu espírito é como o Santo dos Santos habitado por Deus, onde tudo é realizado pela fé, além da vista, sentido ou entendido pelo cristão. A alma simbolizava o Lugar Santo, pois ela é amplamente iluminada com muitos pen-

samentos e preceitos racionais, muito conhecimento e entendimento concernente às coisas do mundo idealista e terrenal. O corpo é comparado ao átrio exterior, claramente visível a todos.

As ações do corpo podem ser vistas por todos. Portanto, o corpo humano é de uma das partes do homem (homem aqui no seu todo) que merece bastante atenção.

2. O USO NEOTESTAMENTÁRIO

No Novo Testamento, portanto, depreende-se muitas vezes o uso do expressivo "somma", ou seja: o corpo, em grego, sempre em conotação com o campo religioso.

O vocábulo grego mantém-se bastante próximo do hebraico para evitar o difundido pensamento filosófico da antigüidade que reputava o "corpo" como sendo mau, prisão da alma ou razão, a qual é boa, ainda que Paulo emprega a expressão "corpo do pecado" como termo teológico paralelo à "carne", indicando o local onde opera o pecado. Entretanto, existe uma distinção mais clara no Novo Testamento entre o corpo, a alma e o espírito (Mt 10.28; 1 Ts 5.23; Hb 4.12; Tg 2.26). Vejamos:

a. O corpo propriamente dito, que é (foi) formado do pó da terra, tem em si "18" elementos, e estes são integrantes dos mais variados elementos específicos que compõem a substância do universo físico. Estes elementos são essenciais à vida do homem. Vejamos quais são: do

"Mais ou menos 72% de oxigênio, 14% de carbono, 9% de hidrogênio, 5% de nitrogênio; os restantes 3,5% se compõem de pelo menos mais 15 elementos como cálcio, fósforo, potássio, enxofre, sódio, cloro e vestígios de iodo, cobre, zinco, etc".([40]) Não existe no corpo humano qualquer elemento químico que também não possa ser encontrado na terra. Eis a razão por que disse o Criador: "...até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás" (Gn 3.19b). Somente o oxigênio se encontra no corpo em sua condição elementar; os demais elementos estão em combinação com outros e é impossível separá-los.

Um químico inglês, depois de analisar o corpo humano cuidadosamente, chegou à curiosíssima conclusão:

"Se os elementos do corpo humano pudessem ser separados, fabricaríamos os seguintes objetos: com a gordura, sete sabonetes; com o fósforo, uma caixa de fósforo; com o potássio, tirar uma fotografia de tamanho normal; com o açúcar, adoçar uma xícara de café; com o ferro, fazer um prego; enfim, o valor (segundo este cálculo) químico é aproximadamente de um dólar". (Veja a cotação do dólar no câmbio oficial e deduza o valor).

b. No entanto, o bioquímico H. J. Morowitz, da Yale University, eleva este valor para outra cifra. Vejamos: le

"O valor do corpo humano é bastante elevado" declara o doutor Morowitz. Antes, porém, ele tinha recebido de sua filha uma carta com os seguintes dizeres: "O valor do corpo humano de acordo com os bioquímicos é apenas avaliado em US$ 0.98, de dólar. (41) Estarrecido com o valor insignificante, o doutor Morowitz, então começou a pesquisar a quantidade e valor de cada elemento químico existente no corpo humano. Essa pesquisa levou-o a demonstrar que o corpo humano vale muito mais - "seis milhões de dólares"!

Observemos o valor de cada elemento e depois o valor total: fora os 68% (o percentual de água nele existente):

- Hemoglobina: US$ 258,00
- Um grama de insulina: US$ 47,50
- Bilirrubina, o pigmento da bílis: US$ 12,00
- DNA, substância existente no núcleo da célula: US$ 76,00
- Colagênio: US$ 15,00

Alguns outros elementos menos comuns, tais como:

- Quinase acetado, substância que ativa uma enzima: US$ 8,860 o grama.
- Fosfotasse alcalina: US$ 225,00
- Ácido hialusônico, a substância que consolida os tecidos: US$ 175,00.
- Bradykinin (Aminoácido): US$ 12.000,00.

O doutor H.J. Morowitz tomou um verdadeiro choque, quando tomou conhecimento do valor do hormônio estimulante do folículo: US$ 8.000,000,000,000 de dólares cada grama.

c. Calculado em US$ 254,54 o valor de cada grama dos elementos químicos existentes no corpo do homem, Morowitz tomou o peso do seu corpo e dele deduziu 68% (percentagem de água) e, multiplicando o restante pela referida quantia, verificou que o valor exato de uma pessoa humana (valor físico) era de US$ 6.000.015,44.

Tanto os filósofos como nosso Senhor Jesus Cristo se combinam entre si no que diz respeito ao valor da pessoa humana:

Filósofos: "O homem não tem preço; é o que existe de mais valor no universo".

Jesus: "Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em re-compensa da sua alma?".

3. CONSIDERAÇÃO TEOLÓGICA

Vamos considerar agora os diversos usos da palavra corpo conforme é empregada no Novo Testamento:

a. *O corpo do pecado* (Rm 6.6). Esta frase não justifica a antiga filosofia que ensinava que o corpo é a sede do mal, que deveria, portanto, ser enfraquecido e desprezado. Tal idéia contradiz o testemunho bíblico relativamente ao corpo humano. O pecado não começou com o corpo, mas é, antes, uma vontade rebelde contra Deus e sempre continuará sendo o mesmo. O corpo do cristão, por exemplo, tem inconfundíveis marcas de honra e dignidade.

É para o Senhor e o Senhor é para o corpo (1 Co 6.13); também se diz que é o templo do Espírito Santo (1 Co 6.15,19); seus membros devem ser devidamente submissos a Deus como instrumentos de justiça (Rm 6.13); e deve ser apresentado a Deus como "um sacrifício vivo, santo, etc." (Rm 12.1).

Se o corpo fosse a sede do pecado, seria abandonado e não remido: mas foi dito que o Espírito "vivifica" esse corpo mortal. Portanto, a frase, o corpo do pecado, foi usada em Romano 6.6 para descrever o "velho homem", ou a natureza do pecado.(42) Como o corpo humano expressa a vida do homem, assim o poder do pecado que se expressa pode ser anulado pelo poder do Espírito. O corpo do peca-

do é, portanto, nada mais que o poder do pecado a se expressar no corpo físico e moral.

b. *O corpo desta morte* (Rm 7.24). Novamente está em foco a natureza do pecado, ou aquilo na carne (oãpê) que se opõe a Deus. A luta de Paulo, que testemunhamos neste contexto (Rm 7.15-25), é entre o EGO salvo (hipoteticamente considerado) e a sua carne (eticamente considerada). Ele clama por libertação daquilo que ele compara "com um corpo morto" sempre presente com ele. Mais adiante Paulo diz que ele mesmo esmurrava o seu corpo, para poder colocá-lo em sujeição à vontade de Deus (1 Co 9.27).

c. *O nosso corpo abatido* (Fl 3.21). Ou como diz noutra tradução: corpo miserável (Edição "Ave Maria" - 1960). Aqui a tradução está totalmente defeituosa, porque nada do que Deus fez é miserável. Essa versão foi apenas para favorecer a idéia pagã quanto ao corpo humano. A tradução ARA diz "o nosso corpo de humilhação" (Fl 3.21). E, portanto, este deve ser o sentido exato.

d. *O corpo de Cristo* (Mt 26.12; Ef 5.30). Nestas duas passagens o sentido "corpo de Cristo" tem um sentido duplo.

No primeiro caso, refere-se ao "seu próprio corpo". Enquanto que no segundo, refere-se à sua Igreja. Conclusão: "Com referência ao corpo humano, podemos concluir que pela criação é um produto do "pó" da terra: ele é sustentado pelos elementos que derivam do pó e retornam ao pó como está predito. Está condenado à morte por causa do pecado que ocasionou a queda. Mas também está sujeito à ressurreição ou trasladação pela salvação em Cristo e é tão eterno (nesse sentido) quanto a alma e o espírito do homem". (43)

---

(36) **E. C. Rust, A Nat. do Homem. op. cit. O.N.D. da B. 1983**
(37) **B. M. Hist. Prob. Presp. 1984**
(38) **A Salmanoff. op. cit., p. 11**
(39) **W. Nee. O Hom. Espirit. Vol. I. p. 1986**
(40) **OHETT. T. da G. pp. 40-41**
(41) **OHETT. op. cit. p. 41**
(42) **L. S. C. Teol. sis. p. 449. 1986**
(43) **op. cit. p. 450. 1986**

8

A alma humana

Sobre o conjunto completo que denominamos ser "o homem", diz o doutor C.I. Scofield: "Sendo o homem 'espírito', é capaz de ter conhecimento de Deus e comunhão com Ele; sendo 'alma', ele tem conhecimento de si mesmo; sendo 'corpo', tem, através dos sentidos, conhecimento do mundo em que vive".(44) Portanto, é através do corpo físico que o homem entra em contato com o mundo material. Assim, podemos classificar o corpo como aquela parte que nos dá "consciência do mundo". A alma inclui o intelecto, que nos ajuda no presente estado de existência e as emoções, que procedem dos sentidos. Visto que a alma pertence ao próprio ego do homem e revela sua personalidade, ela é denominada a parte da "autoconsciência".

O espírito é aquela parte pela qual nós temos comunhão com Deus e somente pela qual podemos compreendê-lo e adorá-lo. Por indicar nosso relacionamento com Deus, o espírito é denominado o elemento da "consciência de Deus". Mas nesta seção, é a alma que está em foco!

1. A ALMA: SUA EXISTÊNCIA

O estudo objetivo dos fenômenos psicológicos leva-nos a afirmar que o homem possui uma alma, que é uma substância simples e espiritual. Os próprios filósofos já determinaram em séculos passados: "É impossível negar a existência da alma sem tornar, no mesmo instante, ininteligíveis todos os fatos que estudamos".

Com efeito, quando duas coisas têm propriedades opostas, concluímos, legitimamente, que têm duas naturezas diferentes.

Ora, constatamos no homem duas categorias de fenômenos perfeitamente distintos: fenômenos materiais, redutíveis a movimentos e por isso quantitativamente mensuráveis (peso, inércia, etc), e fenômenos qualitativos (pensamento, vontade, sentimento, etc), irredutíveis a movimentos.

Não é possível que fenômenos tão opostos procedam de um só princípio ou, ao menos de um princípio perfeitamente "uno" em si mesmo. Devemos, então, admitir no homem a tríplice realidade de um corpo e de uma alma e de um espírito. (45)

a. *A alma.* A definição da alma se resume da seguinte forma: A palavra alma vem de uma raiz hebraica "nêphesh" e vertida para o grego com a tradução de "psychê". "Psychê" se vincula etimologicamente com a raiz indo-européia "bhs", da qual se deriva o verbo alemão *blasen:* soprar. Originalmente significa: "hálito de vida".

Em alguns casos, o primeiro termo, refere-se à pessoa humana como um todo. Isto é, um ser que vive, enquanto que no grego, o segundo termo denota a parte interior do homem. As passagens depreendidas de Gênesis 11.20; Êxodo 1.5; 12.4; Jeremias 52.29,30 mostram-nos a condição original de um ser vivente, pois nesta condição tanto o homem como os animais foram chamados de "alma vivente" (Gn 1.21).

b. No Antigo Testamento, os vocábulos nêphesh (hebraico) e psychê (grego) aparecem 755 vezes: especialmente na Septuaginta (LXX) traduzidos 600 vezes por "psychê". Os judeus denominavam esta substância (a al-

ma) como sendo a sede da percepção, do desejo e do prazer, do desfrutamento, etc.

Para Platão (filósofo grego: 427-347 a.C), a característica essencial da alma consiste no fato de estar em movimento, e pode colocar em movimentação. Seu conceito era: "Entre todos os seres animados, é no homem em quem a Divindade implantou a alma mais poderosa. Além disso, tem uma participação na Divindade, sendo que o poder divino rege no homem através da alma".(46)

c. No Novo Testamento, o vocábulo correspondente a "nēphesh" no Antigo, passou para o Novo como equivalente. Nos evangelhos, por exemplo, existe uma maior gama de significado do pensamento, mas existem onze casos nos evangelhos sinóticos (do grego: sunoráo que significa "ver junto") onde a referência é a existência após a morte. Em outros casos, porém, em todos os quatro evangelhos "pneuma", equivalente grego do hebraico "ruah", denota o primeiro princípio da vida, embora noutras passagens indique o nível mais alto da vida psíquica.

Kardia corresponde a lēbh (lēbhābh) e também ocorre com sentido de "o homem interior".(47) O apóstolo Paulo emprega o termo "psychê" apenas doze vezes em seus elementos doutrinários. Em seis desses casos o significado é vida (compare-se Rm 11.3; 16.4; 1 Co 15.45; 2 Co 1.23; Fl 2.30; 1 Tm 2.8).

Dentre os quatro usos psíquicos, três indicam desejo (compare-se Ef 6.6; Fl 1.27; Cl 3.23) e um indica emoção (compare-se 1 Ts 5.23). Os dois exemplos restantes são pessoais (compare-se Rm 2.9; 13.1). Quando Paulo emprega "psychê" juntamente com "pneuma" em 1 Ts 5.23, está meramente descrevendo a mesma parte imaterial do homem, isto é, as duas substâncias espirituais: alma e espírito.

d. A alma como substância espiritual, envolvia para certos filósofos materialistas apenas "uma coleção de fenômenos". Mas esta teoria contradiz os fatos psicológicos mais positivos e os argumentos principais da razão. Os fatos e a própria Bíblia nos obrigam a admitir que a alma "é uma substância", quer dizer, uma realidade permanente, fonte e suporte dos fenômenos da vida: vegetativa, sensiti-

va e racional. No mundo grego, entendia-se que a alma era material, nutrida por "substâncias materiais", e que enchesse o corpo. É correlacionada com o corpo, diziam eles.

A substância da. alma é o pneuma, "hálito". Como o corpo, é o resultado da procriação. É alimentado pela evaporação do sangue, e pelo ar que respira. "Pathe", *afeição, paixão,* é maior inimigo da alma do que outras reações; têm condições de furtar-lhe a liberdade.(48)

e. A alma, no conceito bíblico, segundo se depreende, é uma "substância espiritual" que interligada ao espírito forma o "homem interior" (Jó 12.10; 24.16; Hb 4.12). Está restritamente interligada com o espírito, e espírito e alma se combinam entre si em cada detalhe. A alma estabelece contato com o mundo por meio do corpo que é instrumento da alma. Assim, o sentir, o pensar, o exercer vontade e outros atos são atribuídos tanto à alma como ao espírito.

Não pode ser isso apenas uma força inanimada. Por exemplo, uma pedra não pode desejar pensar. Devemos, por isso, concluir que a alma, de que procede a vontade, é uma substância espiritual. Por meio dela temos consciência de nós mesmos. Com efeito, se eu penso, a cada instante, evocar meus atos de consciência passados e reconhecê-los como meus, é necessário que alguma coisa de permanente subsista em mim, se não, longe de me reconhecer nos estados passados, minha consciência de mim mesmo se desvaneceria à medida que esses estados desaparecessem... mas através dela (da alma), tudo isso é imediatamente presente. (49) Se portanto, não houvesse no homem tal substância, nada disso seria então percebido.

2. NO TOCANTE AO "EGO"

Em outras notas expositivas, que serão apresentadas no decorrer deste estudo, veremos como a alma é a sede da nossa personalidade, o órgão da vontade e da vida natural, e por isso, podemos facilmente concluir que esta alma é também o "verdadeiro Eu" - Eu mesmo. Nosso ego é a alma. Isto pode ser demonstrado também na Bíblia. Em Números 30, a frase "ligar a sua alma" (v. 6 e ss) ocorre dez vezes. No original é "ligar a si mesmo". Disso somos levados a entender que a alma é o nosso próprio eu. Em muitas

outras passagens da Bíblia vemos que a palavra "alma" é substituída por pronomes, tais como:

"...nem neles (vos) contamineis" (Lv 11.43).

"...Ó tu (o ego ligado a alma), que despedaças a tua alma" (Jó 18.4a). Em outros contextos similares (Êx 12.16; Lv 11.44; Nm 23.10; 35.11,15; Jó 32.2; SI 131.2; Am 6.8, etc).

Watchaman Nee[50] nos dá o seguinte quadro sobre três faculdades distintas da alma:

a. *A faculdade volitiva*

"...Não *me* entregues à vontade dos meus adversá-rios" (Sl 27.12a).

"...Pelo que a minha alma *escolheria* antes a estrangulação; e antes a morte do que estes meus ossos" (Jó 7.15).

"...Era grande *desejo* da sua alma voltar" (Jr 44.14). E outros contextos tais como Deuteronômio 21.14; Salmo 41.2; Ezequiel 16.27, etc. A "vontade" ou, às vezes, "coração", aqui, indicam a vontade humana. "Disponde vosso coração", "elevam suas almas", "recusam" e "escolhem" são todos exercícios da vontade, tendo suas fontes na alma.

b. *A faculdade intelectual*

"...Assim também ficar a alma sem conhecimento não é bom" (Pv 19.2a).

"...Até quando consultarei com a minha alma...?" (Sl 13.2a).

"...A saudade das suas almas" (Ez 24.25). E outras passagens similares, tais como Salmo 139.14; Provérbios 2.10; 3.21,22; 24.14; Lamentações 3.20, etc. "Aqui", "conhecimento", "conselho", "levantam", "memória", etc, existem como as atividades do intelecto ou mente do homem, as quais a Bíblia indica como que provindo da alma. Embora, em alguns casos específicos, pode e são também exercidos pelo espírito.

c. *A faculdade emotiva*

"...A alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi" (1 Sm 18.1).

"...A minha alma engrandece ao Senhor" (Lc 1.46). E outras passagens similares, tais como: 2 Samuel 5.8; Zacarias 11.8, etc. Podemos descobrir, nas observações acima,

que várias emoções do homem, tais como: "odiar", "amar", "desejar" coisas boas ou más, "aspirar", "sentir", etc. são sempre reações exercidas por meio de sua alma e concomitantemente, conhecidas através do corpo.(51)

3. A ALMA: SUA SIMPLICIDADE

Quando falamos da simplicidade da alma, nos prendemos evidentemente àquilo que demonstra a análise das operações da alma, como por exemplo:

a. *A sensação.* Temos das coisas materiais uma percepção indivisa. Ora, isto não se pode explicar senão pela "simplicidade da alma".(52) Se a alma fosse composta de partes como chegou a ser admitido por alguns filósofos, cada uma dessas partes perceberia (como se dá com o corpo) ou todo o objeto ou uma parte do objeto, e nós teríamos então, no primeiro caso, tantas percepções totais quantas partes a alma tivesse, e, no segundo caso tantas percepções parciais quantas partes tivesse a alma, mas jamais uma percepção "una" e indivisa do objeto.

b. *A reflexão.* A alma humana pode voltar-se sobre si mesma para conhecer-se nos seus atos. Ora, o que é composto não pode conhecer-se a si mesmo como um todo, porque as partes do composto permanecem necessariamente exteriores umas às outras. A supor que uma parte possa conhecer-se a si mesma, as outras partes necessariamente permaneceriam sempre estranhas a ela. Unicamente uma substância simples é capaz de se voltar sobre si mesma, quer dizer, conhecer-se por reflexão.

Ora, isso é possível à alma da memória e da imaginação. Sem as quais, necessariamente, ela não teria lembrança das coisas passadas e nem a percepção das coisas futuras.

c. *A atividade.* No campo da "imaginação", a alma age "um passo" aquém do espírito, pois enquanto "ela medita", o espírito "investiga" (SI 77.6). Em sentido geral, a alma tem cuidado pelo corpo: quando este adoece, ela lamenta (Jó 14.22). Tem sede de Deus e deseja segui-lo de perto (SI 63.1,8). A alma exerce também diversas funções através do corpo, tais como: Visão, Audição, Paladar, Olfato e Tato.

Valendo-se do corpo como seu instrumento, a alma exerce suas funções da vida física e da vida intelectual. Vejamos:

Primeiro: funções vegetativas e sensitivas. Dependendo, para tais funções, dos seus órgãos corporais, pois só através do corpo elas podem ser exercidas dentro dos padrões exigidos.

Segundo: funções inteligíveis e volitivas. Ou seja, funções superiores ou, melhor, aquilo que está relacionado com a vida racional, etc.(53)

d. *Sua união com o corpo.* O problema da união da alma e do corpo tornou-se insolúvel nas doutrinas filosóficas tais como as de Descartes, de Malebranche, que concebem o corpo humano e alma humana como substâncias ou seres completos por si mesmos. Para esses filósofos, a alma é essencialmente pensamento e o corpo essencialmente extensão.

Para o cristianismo, porém, essa união da alma com o corpo foi essencialmente feita através do Criador (Gn 1.27; 2.7 e ss). Essa união, porém, um dia será rompida através da morte e, segundo se depreende das Escrituras, a alma continuará sua existência em outra dimensão que é a dimensão espiritual (Ap 6.9 e ss). No artigo: a alma e a imortalidade, o leitor encontrará notas sobre isso.

e. *Como substância.* A fotografia Kirliana, procura, através de uma espécie de radiografia, capturar os "campos de luz" que existem em torno de todos os objetos, animados e inanimados, embora aqueles que circundam os animados sejam consideravelmente diferentes, modificando-se com as emoções e os estados da saúde, ao passo que os que circundam os objetos inanimados permanecem fixos na natureza. (54)

A fotografia Kirliana recebeu nome do casal russo, Semyon e Valentina Kirlian. Kirlian, um eletricista, notou, um dia, que quando seus dedos tocavam em uma chapa de papel fotográfico, estando em um campo de corrente elétrico de alta freqüência, apareciam impressões de estranhos zigue-zagues, manchas e linhas sobre o papel. Impressionado com isso e querendo melhorar as suas imagens, ele desenvolveu, com extrema dificuldade, uma nova câmara

e um método especial de tirar fotografias das coisas extremamente sensíveis.

I. Uma vez que conseguiu desenvolver sua nova forma de fotografia, relatou: "Galáxias de fagulhas azuis, violetas, amarelas e douradas brilhavam contra um pano de fundo negro".(55) Algumas piscavam, outras brilhavam com constância, e ainda outras relampejavam a intervalos.

Enquanto uma porção dessas fagulhas não tinha movimentos, outra Darte percorria labirintos luminosos (cf. Pv 20.27).

II. Sobre essas fantásticas galáxias de luzes fantasmagóricas, havia lampejos rebrilhantes e multicoloridos, e também pequenas nuvens apagadas. Foi assim que se abriu um novo e fantástico mundo, para ser contemplado pelos demais. O cientista russo lutou, mas não conseguiu "a fotografia exata da alma humana." Kirlian detectou sinais que ele disse serem "projeção da psyquê"; mas certamente substância espiritual que somente pode entrar em nossas dimensões através de uma expressa ordem de Deus e não através de pesquisas humanas (cf. Jó 4.15,16 etc.)

III. Outros cientistas, porém, tentaram, através de aparelhos "ultra-leves", detectar "o peso do espírito humano"; mas jamais conseguiram realizar sua tarefa, visto que isso se prende exclusivamente à autoridade de Deus e não do homem. Vejamos:

"Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos, mas o Senhor PESA os espíritos" (Pv 16.2).

TEQUEL: 'PESADO' - Belsazar; "foste (por Deus) pesado na balança, e foste achado em falta" (Dn 5.27).

4. O ALCANCE DO ARGUMENTO

Como já tivemos ocasião em outras notas expositivas, a alma, assim como o espírito, tem diversas variações de significado no Antigo Testamento, que podem ser assim resumidas:

"Alma" (ser vivente); "vida" (ser, pessoa); "desejo, apetite, emoção e paixão".(56) No primeiro exemplo significa aquilo que respira e como tal se distingue de "bãsãr" (carne) - Isaías 10.18. Talvez Deuteronômio exemplifique o significado do pensamento (Dt 12.23), de "sh'eer", "car-

ne interior", perto dos ossos (cf. Pv 11.17) - sua própria carne. De "beten" (ossos). E Salmo 31.10: "...os meus ossos se consomem".

Como hálito da vida, ela sai com a morte(Gn 35.18; Jr 15.2). Por isso o desejo entre os santos do Antigo Testamento de serem libertos do Sheol e seu equivalente era retratado também na poesia. Vejamos:

"Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (SI 16.10). Através de uma fácil transição, a palavra passa a significar a vida individual, pessoal, a pessoa com duas variações distintas de significados que poderiam ser melhor indicadas através das palavras latinas "anima e animus". Com "anima" (alma), indica-se a vida inerente ao corpo, o princípio animador no sangue (cf. Dt 12.23,24). "Somente esforça-te para que não comas o sangue, pois o sangue é a vida; pelo que não comerás a vida com a carne".(57)

a. Com animus, "mente", indica-se o centro de nossas atividades e passividades mentais. Existe, portanto, diferença na "mente" (literalmente, entendimento) de um santo e a "mente" de um pecador. Mas uma boa mente é o pré-requisito para um bom coração. E isto nos leva a um exame especial no presente argumento. Literalmente falando, o vocábulo "mente" é, no original, "Nous" que a maioria das versões correntes traduzem por "entendimento". Essa palavra ocorre 24 vezes em o Novo Testamento, nas seguintes passagens: Lc 24.45; Rm 1.28; 7.23; 11.34; 12.2; 1 Co 1.10; 2.16; 14.14,15; Ef 4.18; Cl 2.18; 2 Ts 2.2; 1 Tm 6.5; 2 Tm 3.8; Tt 1.15; Ap 13.18, etc. Existem também outras possíveis passagens que encerram o mesmo pensamento: Rm 14.5; 1 Co 14.19; Ef 4.23; Fl 4.7; Ap 17.9, etc. Mas o significado do pensamento envolve em si outros aspectos. Por isso lemos sobre uma "...alma faminta" (SI 107.9), uma "...alma cansada" (Jr 31.25), uma "...alma sedenta" (SI 42.2), uma "...alma angustiada" (Jó 30.25), uma "...alma que ama" (Ct 1.7), uma "...alma que aborrece" (2 Sm 5.8, etc.).E muitas outras expressões parecidas.

b. O doutor Cremer caracterizou este uso da palavra em uma sentença, "Nephesh" (alma) no homem é o sujeito da vida pessoal, enquanto que "Pneuma" ou "Rũah"

(espírito em ambos os sentidos) é o princípio e o fim da vida real.

Essa individualidade do homem, contudo, pode ser também indicada por Pneuma, sem uma distinção. Nephesh ou "alma" (sentido de pessoa) só pode indicar a vida individual com uma organização material ou um corpo. Já Psychê, conforme já tivemos ocasião de expor, indica vida tanto no "corpo como fora dele". (Cf Ap 6.9 e 20.4). Pneuma ou "espírito" não é também tão restrito. As Escrituras falam de "os espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.13b).

5. REFLEXÃO DO ARGUMENTO

Isto levanta outra questão: a alma tem influência sobre o corpo e o corpo, sobre a alma. Dissemos anteriormente, embora para efeito de estudo, que no complexo humano é necessária a distinção entre espírito, alma e corpo, mas isso não significa que o ser humano seja dividido (ou melhor repartido) em três seções independentes, mas sim que estas partes constituem uma única pessoa.

Portanto, o que acontece em uma destas partes afeta as outras. Observemos, então, como isso se processa:

a. Os médicos cada vez mais reconhecem a importância da medicina "psicossomática" (alma-corpo). Alguns estudiosos médicos dizem que porcentagem bem alta dos males físicos são realmente causados por atitudes mentais (alma) erradas. E o efeito oposto é reconhecido também, que o estado pode causar problema da alma.

Evidentemente, como já tivemos ocasião de expor em outras notas expositivas neste livro, evidencia-se cada vez mais, por exemplo, que o ingerir demais açúcar refinado pode causar males como depressão, insônia e perturbação psicológica em geral.[58]

b. Outro ponto a ser analisado deve ser alguns sintomas psicológicos (da alma) que estão reagindo favoravelmente ao tratamento químico do corpo. Podemos tomar como exemplo o tratamento com o "lítio", para certos problemas emocionais.

O motivo disto é que o corpo e a alma têm um instrumento comum: o cérebro. O cérebro é tanto um bom com-

putador para processamento de dados e tomada de decisões, como também um centro controlador elaborado do corpo, mantido em funcionamento por funções corporais. O modo pelo qual você cuida de seu corpo exercitando-se e alimentando-se bem tem relação definida com o uso que o Espírito Santo (no caso de ser um cristão) pode fazer de você. Pelo menos uma grande Universidade Cristã nos Estados Unidos da América (Universidade Oral Roberts) requer que os alunos tenham um programa regular de exercícios. Os dirigentes da Universidade acham que o propósito da escola é nutrir o espírito, a alma e o corpo. Isto parece-nos bastante sábio, pois um exercício adequado, não só favorece o corpo (homem exterior) mas também a alma e o espírito (homem interior).

c. Já para o ascetismo, essa maneira de proceder não é é correta. Mas a Bíblia não aceita o ascetismo. Ascetismo é o ensino de que o corpo é mau e deve ser tratado com severidade - flagelamento, jejuns extremos, camisas de pelo, dormir sobre tábuas, falta de higiene, etc.

A Bíblia não é um livro ascético. Há casos isolados que têm essa aparência. Elias, o Tisbita; João Batista, ou Ezequiel, e outros vultos do passado, talvez, mas o tom da Escritura é que Deus deseja que recebamos as bênçãos para o corpo como também para a alma e o espírito. ([59]) O próprio Jesus estava tão longe de ser um "asceta" que foi acusado de glutonaria pelos rebeldes (Lc 7.34 e ss). É claro que foi uma acusação injusta, mas jamais poderia ter sido feita se Jesus tivesse sido "um asceta" e não tivesse prazer normal em comer e beber.

O Espírito Santo nos exorta através de Paulo, quando diz: "...todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados..." (1 Ts 5.23). E na passagem de 1 Coríntios 3.16, ele acrescenta: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" E, noutras palavras, o mesmo apóstolo testifica: "Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne (corpo); antes a alimenta e sustenta... (Ef 5.29a).

([44]) **Scofield, Dr. C.I. (Scofield Reference Bible)**
([45]) **RJ, Curs. de Fil p. 232. 1984.**

(46) Phaedrus. 245-e.
(47) O Dic. da Bíbl. p. 63, Vol. I. 1983
(48) op. cit. 232. 1984.
(49) Idem, p. 232. 1984.
(50) W. Nee. O. Hom. Espirit. Vol. I. p. 37. 1986
(51) op. cit. p. 39. 1986
(52) RJ, Curs. de PU. p. 234. 1984.
(53) op. cit. p. 236. 1984
(54) O NT. Int. v.p.v. R.N. Champlin, Ph, D. 1982
(55) op. cit. 1982
(56) Lexicon, s.v., 195
(57) W. Nee. O Hom. Espirit. Vol. I. p. 38. 1986
(58) D. e R. Benntt. Trind. do Hom. p. 210. 1982
(59) op. cit. p. 211. 1982

9

A origem da alma

Já tivemos ocasião de verificar em outras notas expositivas, sobre a questão da origem do homem no que diz respeito à sua componência somática (estudo sobre o corpo) e vimos que, do ponto de vista divino de observação, trata-se (ou tratou-se) de um ato imediato por criação direta de Deus. Mas agora chegamos a um dos pontos mais discutidos: De que, como, e quando tem origem a alma do homem?

1. AS OPINIÕES DIFERENTES

Sobre tal questão: a origem da alma, existem e existiram várias opiniões. Mas passaremos a focalizar aquelas mais divulgadas tanto pelos filósofos como pelos cristãos. Vejamos:

Derivação da alma dos filhos da dos genitores. Essa teoria é chamada traducianismo e foi patrocinada sobretudo por Tertuliano de Cartago e por Agostinho. (60)

Emanação do ser supremo: dos Logos para os estóicos, do Uno para os neoplatônicos, da substância para Spinoza, pelo Espírito Absoluto para os idealistas.

Criação simultânea de todas as almas ou então no momento da origem do mundo. Esta tese foi sustentada por Filão de Alexandria, por Orígenes, e por Agostinho, em parte.

Criação individual e isolada de cada alma por parte de Deus no momento da formação do corpo. É a tese mais difundida entre os pensadores cristãos de todas as épocas e, deve ser, de fato, o sentido do argumento. Essa forma de interpretação baseia-se nas seguintes passagens das Escrituras: Gn 2.7; Jó 33.4; Ec 12.7; Is 43.7; 57.16; Zc 12.1; Hb 12.9.

Evolução da matéria. É a tese difundida por todas as correntes modernas de concepção e inspiração materialista. Ora, já que a alma humana não tem a matéria como elemento constitutivo de si mesma, não pode ser formada com alguma coisa que faça papel de matéria. Resta, então, que seja produzida do "NADA" e assim seja criada. Sendo, porém, a criação uma obra própria exclusivamente de Deus, disso segue que seja criada imediatamente como já expomos.

2. SUA ORIGEM EM DEUS

Ora, quando admitimos que a alma humana tenha sua origem em Deus, isso não afasta também a possibilidade de que os pais cooperam na existência de um novo ser. Por exemplo: Agostinho e, depois, a própria Ciência admitem que os sinais indicativos de vida, num embrião, começam a ser sentidos entre 18 a 21 dias de existência. Ora, nas palavras do Criador em Gênesis 2.7, isso fica também subentendido. Primeiro Deus formou o corpo e depois implantou nele a alma; e na passagem de Zacarias 12.1 é reforçado o significado do pensamento:

"...Fala o Senhor... que forma o espírito 'dentro' do homem". Isso já tivemos ocasião de ver numa outra parte. O original da palavra "vida" em "fôlego de vida" é *chay* e está no plural. Isto pode ser uma indicação para o fato de que o sopro de Deus produziu uma vida dupla: a vida da alma (...) e a vida do espírito. Portanto, o rigor da lógica exige que a alma tenha origem por criação direta, pessoal, distinta e separada por parte de Deus. Ela é, portanto,

como dizem os textos sagrados: "uma doação de Deus para o corpo", a fim de que o corpo tenha vida (cf. Ec 12.7; Hb 12.9). Espírito, aqui, pode e deve ter o sentido de "vida" (alma), visto que não se trata de um argumento específico (ou restrito) no que tange ao espírito e, sim, da vida em geral.

([60]) W. Nee. O Hom. Espirit. Vol. 1. p. 23. 1986

10

A alma e a consciência

O termo "consciência" não aparece nas páginas do Antigo Testamento; entretanto, no Novo, aparece por trinta vezes. Vem do grego "syneidêsis". Seu significado é: "um conhecimento acompanhador". Do ponto de vista divino de observação, a consciência "é a faculdade da razão", que distingue entre o mal e o bem.

A consciência é sempre vista como algo intuitivo e racional e espiritualmente instruído pela influência do Espírito Santo. Sobre ela (a consciência) declara R. Jolivet: "...só pode defender sua esperança cristã com plena certeza aquele que tiver mantido boa consciência.[61]

1. PARA OS FILÓSOFOS

No campo filosófico, a consciência psicológica é a função pela qual conhecemos nossa vida interior, isto é, nossos diversos estados psicológicos na mesma medida em que se desenvolvem em nós. Esta função recebe muitas vezes o nome de "consciência subjetiva", por oposição à "consciência objetiva", que é o conjunto de nossos estados psíquicos.

Podemos definir esta faculdade da alma denominada de a "consciência" da seguinte maneira:

a. *A consciência espontânea.* Chama-se espontânea a consciência que acompanha todos os estados propriamente psicológicos, e sem a qual todos estes estados permaneceriam estranhos para nós, como fenômenos da vida vegetativa.(62)

b. *A consciência refletida.* Chama-se refletida a consciência que nos obriga a voltar deliberadamente aos estados psíquicos, a fim de observá-los. Ela não é possível evidentemente a não ser pela consciência espontânea, ou pela memória, que faz reviver os estados passados.

Para o homem cristão, a consciência ou estado de consciência mais atuante em si é a consciência espontânea: ela nos informa corretamente sobre os estados (nossos) "interiores".

Mas é necessário observar que ela, muitas vezes, não nos informa de maneira suficientemente clara como algumas vezes pensamos ser; por isso dizia Sócrates (470-399 a.C): "A consciência deve ser regida pelo princípio da moral e esboçar em nós o dever de conhecermos a nós mesmos".

2. A INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA

Esta influência é exercida através da alma para nivelar nossos estados morais. Mas, outras ocasiões, esta influência é exercida pelo espírito humano. Quando assim se faz, então não se trata de um nivelamento de nossos estados, e, sim, de um estado de despertamento na própria consciência (cf. Ed 1.1, etc). E, de fato, se se pretende agir eficazmente sobre si, corrigir seus defeitos, subjulgar suas paixões, conhecer suas aptidões, a fim de colher o máximo proveito, é necessário começar por observar atenta e metodicamente a si mesmo. É necessário estudar o "eu-objeto", a fim de retificar ou fortalecer o "eu-sujeito".

Quando a alma exerce sua influência no "eu-objeto", quer dizer que ela desperta em nós a "consciência refletida". Noutras palavras, para melhor compreensão do significado do pensamento "um exame de consciência" (1 Co 11.28). Após este estádio minucioso da consciência, a alma

humana reage novamente e nos leva a fortalecer o "eu-sujeito". Noutras palavras, quer dizer, ela nos conduz a um estado de sobriedade ou domínio próprio (1 Tm 3.2).

Quando nós nos colocamos nesta posição espiritual regida pela alma, existe abaixo da consciência, um campo extremamente extenso: é o domínio dos estados e das virtualidades, tais como: disposições, tendências, inclinações, lembranças que compõem o fundo de nosso caráter e o tesouro de nossa memória.[63] Então é isso que o Novo Testamento (pois no Antigo o termo não figura) passa a descrever. Vejamos:

a. *Na moral e na religião.* Então ela:
Testifica ao homem (Rm 2.15).
Acusa do pecado não perdoado (Mt 27.3; At 2.37).

Devemos buscar a aprovação da consciência para servir a Deus, e depois dizer como disse Paulo: "E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens" (At 24.16; Rm 9.1).

O sangue de Jesus nos purifica da "má" consciência (Hb 9.14; 10.2-10).

A consciência dos santos deve ser pura (Hb 13.18; 1 Pe 3.16,21). Em outras passagens ela é vista do ponto de vista legal e moral.

Fraca (1 Co 8.10,12).
Boa (1 Tm 1,19).
Pura (1 Tm 3.9).
Cauterizada (1 Tm 4.2).
Contaminada (Tt 1.15).
Má (Hb 10.22).

Sem ofensa (At 24.16, etc). Somos também advertidos para não ofendermos a consciência alheia (Rm 14.21; 1 Co 10.28-32).

b. *Etimologicamente falando,* o vocábulo "syneidêsis" (tal qual seu equivalente latino, consciência) sugere que o seu sentido apropriado é "metagnosia" ou, no dizer do doutor C. J. Vaughan, é a faculdade de conhecimento paralelo de si mesmo. Já na concepção de A. H. Strong, a consciência é o "conhecimento que um homem tem de seus

próprios atos e relações morais, junto com um peculiar sentimento à vista de tais relações".

Sócrates, porém, a considera como sendo "um poder judiciário". Observe: "À consciência não compete o poder legislativo; na sua função, ela não formula leis e sim, as cumpre; e nem é o poder executivo (ela não executa sentença), é sim, o poder judiciário (ela julga o homem aprovando ou reprovando seus atos). Ela nos diz se nossas ações são boas ou más".

c. Para Scofield([64]), a consciência é "a voz secreta da alma: é a voz que fala em silêncio". Essa definição prende-se tanto ao campo filosófico como teológico. Ela é de fato "a voz silenciosa reprovando ou aprovando as nossas ações". Ela é nosso juiz julgando entre o mal e o bem (Gn 3.5,22; 1 Co 11.28 e ss). Ela, através da alma, capacita o homem a reconhecer que deve praticar o bem e evitar o mal (Rm 2.15); e este conhecimento do dever inato da alma é que torna-o sensível à voz da consciência.

Originalmente, "syneidêsis", segundo parece, se focalizava sobre o conhecimento: na capacidade de relacionar algo consigo mesmo, especialmente quando a pessoa evoca o seu próprio passado. Esta rememoração não se limitava ao averiguar dos fatos, e, sim, levava às avaliações e julgamentos a respeito dos critérios do bem e do mal. Assim a palavra adquiriu, paulatinamente, o sentido corrente moral de "consciência".

d. Num conceito geral, especialmente na Stoa Posterior (Sêneca) o caráter retrospectivo da consciência foi sendo difundido sob a influência pitagoriana ([65]). Neste conceito, a consciência era vista como vigia (epitropos, lat. testis = "testemunha") que Deus doou a cada indivíduo. Sua função era guiá-lo a viver em conformidade com a natureza, e dirigir seu progresso moral. Assim viver em conformidade com a natureza tem um indicador fidedigno para sua conduta. Com o passar dos séculos, tanto teólogos como filósofos chegaram a uma conclusão: "A consciência é o juízo do homem aplicado ao seu próprio procedimento, quer aprovando as boas ações, quer reprovando as más". É também o conhecimento dos nossos atos e estados morais, relacionando-os a uma lei ou norma moral, e que

exerce autoridade sobre nós. Assim sendo, a consciência não é uma faculdade "separada", como o são intelecto e a sensibilidade e a vontade, é antes o modo como elas agem.([66])

e. A consciência foi dada à alma para ajudar o homem. Ao poder do homem de julgar o bem e o mal chamamos "faculdade moral", que é a consciência.

Por isso a consciência é discriminativa e impulsiva. Em referência ao elemento intelectual, ela é o poder de julgar. Ela declara, como tivemos ocasião de ver, se nossos atos e ações se conformam ou não com a lei. Em referência ao elemento racional e emocional, é ela o senso do dever. Geralmente uma pessoa que não sente o senso do dever em suas obrigações tem, segundo o psicólogo H. Brant([67]): "uma consciência letárgica". Assim o homem está dotado de tais poderes discriminativos, que são: o intelecto, a sensibilidade e a vontade, e mais aquela capacidade moral da alma a que chamamos "consciência" com que, através da sua influência racional, podemos examinar a "nós mesmos" (1 Co 11.28) e então dizer como dizia Paulo em sua defesa: "...procuro sempre ter uma consciência sem ofensa..." (At 24.16a).

([61]) **RJ. Curs. de Fil. p. 226. 1984**
([62]) **op. cit. 227. 1984**
([63]) **RJ. Curs. de Fil. p. 213. 1984**
([64]) **Scofield, Dr. C. I. (Scofield Reference Bible)**
([65]) **M. Pohlenz, Die Stoa. I. p. 320. 1984**
([66]) **Esb. de Teol. Sist. A. B. L. p. 138. 1977**
([67]) **Quem me Dera ter Paz**

11

A alma e a imaginação

Chama-se "imaginação" a faculdade de conservar, de produzir e de combinar as imagens das coisas sensíveis. O objeto da "imaginação" é, então, tudo que foi recebido pelos sentidos, tais como: cores, formas, odores, sons, resistências, calor, peso, etc. No conceito filosófico (RJ-CF), a imaginação se manifesta em nós sob três aspectos([68]) que, de certa forma, se fazem necessárias na pessoa humana.

1. A IMAGINAÇÃO

Como já tivemos ocasião de tocar de relance na seção anterior, a imaginação tem em si três aspectos distintos, que serão relacionados abaixo:

a. *A imaginação reprodutora.* Ela se limita, como a palavra indica, a reproduzir, a evocar imagens. Dizemos que aí está todo o seu papel, de direito ao menos, porque, na realidade, é muito raro que a imaginação, ao evocar as imagens antigas, não as modifique mais ou menos profundamente. Esta espécie de imaginação parece, à primeira vista, confundir-se com a memória. Mas difere essencialmente da memória.

a

b. *A imaginação criadora.* Esta consiste em combinar imagens antigas para com elas formar novos conjuntos. É a faculdade que nos permite fazer o novo com o velho. Em outras palavras: significa "fazer daquilo que é velho uma nova coisa".(69)

A forma original da imaginação criadora é a forma ativa e refletida - o espírito aí intervém para utilizar o material de imagens, que lhe fornece a imaginação, e ordena essas imagens em novos conjuntos, como já falamos acima. É a forma de imaginação que se chama propriamente criadora.

c. *A imaginação da alma.* Chama-se "imaginação da alma", ou "imaginação psicológica", aquela que é diretamente invocada por ela. Neste sentido, que é o sentido depreendido das Escrituras, tanto o coração como a alma (ainda que um seja sinônimo do outro) são os responsáveis pela imaginação psicológica. Vejamos:

Primeiro: "Porque, como imaginou na *sua alma,* assim é" (Pv 23.7a). Esta imaginação geralmente é transmitida para o cérebro; este é comparado com uma estação central, recebendo mensagens ou sensações através de nervos sensoriais; e por meio de nervos motores, emite ordens ou impulsos aos músculos, para que sejam executadas as ações.

Segundo: "E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicava sobre a terra, e que a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gn 6.5). Quando a imaginação toma o nome de "imaginação criadora", deve ser, embora um tanto vago, criadora das ações: boas ou más. É isto que depreendemos do texto em foco, que diz: "...a imaginação...era só *má* continuamente".

---

(68) **RJ. Curs. de Fil. p. 150. 1984.**
(69) ***op. cit. p. 150. 1984***

12

A alma e a memória

Filosoficamente falando, define-se "a memória", da seguinte maneira: "A memória é, então, a faculdade de conservar e de evocar os estados de consciência anteriormente experimentados".(70) Esta definição se aplica propriamente ao que se chama "memória sensível", ou em outras palavras, "a memória propriamente dita".

1. COMO FACULDADE DE REVIVER

Para outros, porém, define-se a memória muitas vezes como "a faculdade de reviver o passado". Mas esta definição, tomada ao pé da letra, não é exata, porque o passado não existe, e não poderá reviver. Por quê?

"O tempo se compõe, essencialmente, de três partes: o passado, o presente e o futuro. Só o presente existe: o passado, já não é, e o futuro ainda não é. Isto prova, ainda, que o tempo, tomado na sua totalidade, não existe realmente a não ser no espírito, que, graças à memória, conserva o passado e, pela previsão, antecipa o porvir".(71)

a. Biblicamente falando, define-se a memória "como um fato de conservação". Paulo, por exemplo, faz menção

dela por amor de seu argumento quando diz a Timóteo "Trazendo à *memória* a fé não fingida..." (2 Tm 1.5a). O fato da conservação, como é depreendido das Escrituras é um fato que as lembranças subsistem em nós.

Elas não estão sempre presentes, mas, através da alma, uma vez que possamos evocá-las, é necessário admitir que os nossos estados de consciência, depois de experimentados, são conservados (alguns são expurgados pela imaginação refletida) pela memória. Ora, essa conservação das lembranças pela memória está submetida a condições que devemos conhecer, se quisermos tirar proveito da memória.

2. OS PASSOS DA MEMÓRIA

Alguns passos da memória no "homem interior" são freqüentemente evocados pela alma humana, como por exemplo:

a. *No juízo.* Acima de tudo, a memória é essencial no juízo, a fim de ajudar a memória verbal pela memória das idéias, que é evidentemente a mais importante.

Quando Paulo relembra as palavras do Salvador, em 1 Coríntios 11.24: "...fazei isto em memória de mim", segue-se imediatamente o juízo sobre o santo que não "se julgou a si mesmo". Isto indica que sua memória não relembrou que aquele ato é uma lembrança da morte do Senhor e, portanto, não discerniu "...o corpo e o sangue", mas o fez indignamente (1 Co 11.27,28).

b. *Na educação moral.* Neste ponto a memória exerce um papel análogo ao que exerce na educação intelectual. Povoa o espírito de máximas e de exemplos que formam uma espécie de atmosfera moral.

É utilíssimo que se nos recomende com insistência que nos informemos, de uma maneira que possa ser atraente, sobre a vida dos homens ilustres e a vida dos santos.

c. *No intelecto.* Cumpre também, para fazer a memória dar todo o seu rendimento, apelar para a colaboração das diversas memórias: memória visual, das palavras lidas; memória auditiva das palavras ouvidas; memória das imagens evocadas; memória dos gestos utilizados; memória refletida de "uma fé não fingida", etc. O ponto central,

neste domínio, consistirá em descobrir qual é a memória preponderante e utilizá-la no exercício de nossas funções necessárias.([72]) Quando assim agimos, o Deus de toda a sabedoria nos dá uma boa memória.

([70]) **RJ. Curs. de Fil. P. 161. 1984**
([71]) **Idem. p. 108. 1984**
([72]) **op. cit. 164. 1984**

13

A alma e os instintos

Chama-se instinto o conjunto das tendências naturais, que derivam das necessidades fundamentais ou primárias do ser vivo.

É em virtude de necessidades deste gênero que o animal é impelido (o homem é atraído) a exercer todos os atos necessários à sua conservação individual ou específica, de acordo com o seu ser e espécie. Estas tendências naturais não constituem faculdades distintas: elas se identificam com a natureza do ser vivo sensível, e se definem por ela.

1. DO LADO DIVINO

Do ponto de vista divino, a alma vive a sua vida natural através dos instintos. Esses instintos são forças motrizes da personalidade, com os quais o Criador dotou o homem para fazê-lo apto a uma existência terrena, como também, por outro lado, o dotou de faculdades espirituais para capacitá-lo a uma existência celestial.

Por isso os instintos diferem dos tropismos ou fenômenos de orientação determinadas; nas plantas, por agentes físicos (luz, umidade, peso, etc). Vamos analisar os cinco

mais atuantes no ser humano (existem outros ligados aos reflexos, tais como reações desprendidas automaticamente, no animal pelos terminais nervosos, sob a ação de um prato apetitoso, o ato de fechar os olhos diante de uma luz muito forte, os gestos de proteção de alguém que cai, etc). Observemos os instintos:

a. *O primeiro:* este é o instinto da auto-preservação que nos avisa de perigos e nos capacita a cuidar de nós mesmos.

b. *O segundo:* este é o instinto de aquisição (o impulso imediato de conseguir), que capacita a adquirir as provisões necessárias para o sustento próprio.

c. *O terceiro:* este é o instinto da busca de alimento, o impulso que leva a satisfazer a fome natural.

d. *O quarto:* este é o instinto da reprodução que conduz à perpetuação da espécie em cada ser.

e. *O quinto:* este é o instinto de domínio que conduz a exercer certa iniciativa própria necessária para o desempenho da vocação e das responsabilidades inerentes. Todos esses dotes naturais foram concedidos por Deus ao homem nos primeiros capítulos da Bíblia. (73)

2. O ALCANCE DO ARGUMENTO

Todos estes dotes (instintos) e os órgãos (faculdades) dos sentidos (Visão, Paladar, Olfato, Audição e Tato) e também aquela capacidade de calcular o peso e medir a distância são faculdades da alma humana que Deus implantou para o desempenho de suas funções e são paralelamente recebidas na formação do homem.

a. O instinto de auto-preservação está inserido nas palavras do Criador, que disse: "...De toda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.16,17).

b. O instinto de aquisição é detectado no capítulo 2.15 de Gênesis, que diz: "...Tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar".

c. O instinto na busca de alimento aparece nas palavras contidas no capítulo 1.29 de Gênesis, o qual diz: "...E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dá se-

mente, que está sobre a face de toda a terra e toda a árvore, em que há fruto de árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento".

d. O instinto de reprodução está inserido na passagem de Gênesis 1.28: "E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra..."

e. O instinto de domínio refere-se à ordem recebida de Deus quando disse a Adão: "...enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra" (Gn 1.28b). O instinto, porém, como tal, se opõe então à inteligência, definida como a capacidade de se adaptar às novas situações, com a ajuda do saber anteriormente adquirido.

Assim o instinto, sem dúvida, é inteligente no homem (pois é regido pelo intelecto do seu ser), mas no animal não o é, quer dizer a inteligência, no animal, não é uma faculdade ou uma função: é apenas uma qualidade do instinto impulsivo. Os instintos do homem o capacitam a ser atraído; no animal, porém, os instintos não são regidos pelo raciocínio e, por isso, ao invés de ele ser atraído, é impelido.

---

(73) **CDB. MP. 6ª Ed. p. 75. 1977**

14

A alma e o sangue

No conceito geral das Escrituras Sagradas, a ordem divina é: "...não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a alma de toda carne é o sangue" (Lv 17.11). No presente texto está a interdição legal imposta por Deus de comer sangue ou carne sangrando: absoluta e passível de morte no Antigo Testamento. Não apenas segundo se depreende como prescrição higiênica, mas altamente religiosa, pois pretender aumentar a própria vitalidade comendo sangue dalgum animal lesa o direito de Deus, único dispensador da vida (Lv 3.17). A proibição vigora também para os povos pagãos (cf. Gn 9.4; Lv 17.12 e ss).

Todo animal beneficiado deve ser sangrado e seu sangue recoberto com pó (Lv 17.13). Esta interdição divina, segundo é entendido, entrou em regra para os cristãos gentios de Antioquia (At 15.19-21), embora apenas como consideração aos cristãos judeus, pois o Cristo foi feito desde já Senhor dos vivos e dos mortos (Rm 14.1-9).

1. A INTERDIÇÃO LEGAL

Quando se alude ao sentido da interdição do sangue como sendo a vida, devemos ter em mente o termo usual

hebraico, nephesh (nephêsh = neshanâ, Is 57.16, é uma exceção). Conforme Gênesis 2.7 deixa claro, seu significado primário é "possuidora da vida". Por esse motivo é aplicado freqüentemente aos animais como seu equivalente. Mas isso não quer dizer que a alma dos animais seja da mesma substância da que foi feita a alma humana.

Paulo diz: "Nem toda a carne é uma mesma carne, mas uma é a carne dos homens, e outra a carne dos animais, e outra a carne dos peixes, e outra a das aves" (1 Co 15.39). Ora, isso significa que "...nem toda a alma é a mesma alma: mas uma é a alma dos homens (racional), e outra a alma dos animais (sensitiva), etc."

Assim, portanto, quando nos referimos a "que a alma é o sangue ou sangue é a alma", uma frase pela outra, não nos referimos a uma "alma psychê" (a substância espiritual-racional do homem), e, sim, a "nephesh" (o princípio da vida limitada - vida sensitiva).

a. Algumas vezes a alma é identificada com o sangue como algo essencial à existência física (compare-se Gn 9.4; Lv 17.10). Talvez Deuteronômio 12.22-24 expresse o mesmo significado do pensamento. Num contexto geral, até certo ponto, o sangue é a vida (vida limitada que termina com a morte), mas a vida não é o sangue (vida ilimitada da alma que continua além-túmulo). O sangue é que anima a carne, assim a Bíblia usa certas expressões similares dentro do assunto em foco, tais como "a alma de toda a carne é o seu sangue".(74)

O apóstolo Paulo em vários de seus elementos doutrinários emprega o termo, "psychê" (parte imortal) por doze vezes, sendo, segundo se depreende, peculiar às suas epístolas. No Novo Testamento, o vocábulo "psychê" ocorre cerca de onze vezes com sentido especial. Sendo que em alguns casos denota a existência "além-túmulo" (75).

b. No Antigo Testamento, especialmente em Levítico (17.11), faz-se distinção entre a alma dos animais (o sangue) e a alma dos homens (psychê). O expressivo divino logo é ali acrescentado:

"Porque a alma da carne (dos animais) está no sangue, pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas (dos homens): porquanto é o

sangue (dos animais) que fará expiação pela alma (dos homens)". O doutor A. Leliévre[76] observa que o sangue "é a vida limitada". A vitalidade do sangue não é concedida como capacidade ou reserva de vida posta à disposição da carne. Prolonga-se apenas na medida em que se transmite pela paternidade ou pela maternidade (cf. Jo 1.15), único modo de ser o sangue gerador da vida. Exemplificando como característica primordial da espécie humana (At 17.26, etc).

2. QUANTO À EXISTÊNCIA

O sangue é a vida limitada pela morte (diferente da vida no sentido de psychê, pois a morte não faz cessar a existência da alma humana). Quando há sangue derramado, é devido ao fato de "um ser ter perdido a vida": foi vítima da morte (Gn 4.11; 37.31 e ss); geralmente morte violenta (cf Mt 23.30,35), bem como o sangue derramado dum homicida causava imundícia legal e atraía para si o juízo (cf. Nm 35.33 e ss). Sempre, em um tópico ou outro, o Antigo Testamento mostra-nos Deus tomando conta do sangue vertido e vingando-o; exemplificando: o boi homicida é lapidado e declarado assassino, embora não caiba qualquer reparação de prejuízos (Êx 21.28). Mas era exigido pelo Criador o preço da vida, pois ali fora morto um homem (Êx 20.13).

No livro de Números (35.21 e ss), Deus manda ao "vingador do sangue" que cubra o sangue inocente com o sangue do assassino embora a voz do sangue, isto é, sua alma, seja coberta mediante a vindicação divina que executar o juízo mediante sentença pronunciada (Gn 4.10; Jó 16.18; 27.8,9).

a. Quando a água torna-se em sangue (Êx 7.14 e ss; Ap 8.8 e ss): impossibilita a vida. Da mesma maneira, quando o sangue torna-se água: é sinal evidente de morte ao redor (cf. Jo 19.33,34).

Na escatologia, segundo se depreende, o sangue tem aplicação na simbologia, e é sempre sinal positivo de morte e de catástrofes irremediáveis (a lua tornando-se em sangue Jl 2.30,31); banquetes de sangue nos dias sombrios da Grande Tribulação (Ez 39 - pode ser antes ou durante - 17,

etc. Ver analogia de 1 Coríntios 11.27-30 e em Apocalipse capítulo 6 a 19, respectivamente).

b. O sangue, instrumento da aliança entre Deus e povo. Esse proporcionava ao povo escolhido um sinal de vida: "Aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes: vendo EU sangue, passarei por cima de vós..." (Êx 12.13 e ss). O Antigo Testamento (Êx 24.1 e ss) refere-se ao rito de aliança do Monte Sinai. O sangue dos animais sacrificados era derramado parte sobre o altar (a Mesa, a Arca de Deus eram atingidas com sangue, respectivamente) e de igual modo todo o povo (Hb 9.18,19). O Antigo Testamento frisava este vínculo do sangue quando se queria lembrar que Deus é o Pai dos filhos de Israel (cf. Êx 4.24-26; Zc 9.11, etc). Portanto, nele, em qualquer aliança que a mão divina esteja presente, ali, portanto, o sangue está em foco![77]

c. No que diz respeito à vida eterna, o sangue está em foco! O sangue é que faz expiação pela alma (Lv 17.11). O Novo Testamento fala da Nova Aliança prometida em Jeremias (31.31-34), que seria selada pelo sangue de Jesus imolado na Cruz. Será uma Aliança Eterna, inviolável (Hb 9.14), abonando uma ação retroativa (Hb 8.8), de maior eficácia que qualquer outro sangue inocente.

Concluindo este ciclo de raciocínio, conforme o significado do pensamento, fica, portanto, evidenciado que, quando as Escrituras aludem que o sangue é a "vida" ou vice-versa, significa: vida limitada ou vida sensitiva e não vida racional.[78] O sangue, portanto, é a vida para que seja vivida através do corpo enquanto que a vida natural da alma é a vida para ser vivida aqui e na eternidade.

3. O ALCANCE DO ARGUMENTO

Quanto ao Antigo Testamento, o sangue, como no mundo clássico, aparece nele como A SEDE DA VIDA. A "alma", isto é, a vida, a força vital (entre outras coisas) está no sangue (Gn 9.4; Lv 17.11,14; Dt 12.23). Por isso, em alguns casos, o sangue era usado para aspergir o altar (Êx 29.16; Lv 3.2), o Sumo Sacerdote (Êx 29.21), e também o véu do Templo (Lv 4.6; Nm 19.4).

a. No Novo Testamento, a palavra "kaima" (sangue) ocorre 97 vezes. Há 21 exemplos em Hebreus e 19 em Apocalipse. Emprega-se com os seguintes sentidos:

Sangue humano, tanto literal (Mc 5.25; Lc 13.1; Jo 19.34), como figura, isto é, sangue derramado (Mt 23.35).

Na combinação "sarx kai kaima", isto é, "carne e sangue": figura 6 vezes.

Para o sangue dos animais em geral (At 15.20,29 - onde o decreto do Concílio de Jerusalém se baseia em Levítico 17), e, em particular, para o sangue dos animais sacrificiais (12 vezes em Hebreus relembrando o Antigo Testamento em várias conexões) e tal como aparece em outros contextos do argumento principal.

Com maior importância teológica, para o sangue de Cristo, vinculado diretamente com o sacrifício da morte do Salvador Jesus: grande gama, 25 vezes como algo que é essencial.

Como virtual sentido escatológico: 9 vezes, sempre obedecendo aos textos e contextos similares, etc.(79)

b. O termo "kaima", como sangue humano (Jo 19.34), e como sangue animal, é aquilo que transmite a vida, e assim se emprega em João 1.13 (somente aqui no plural). Este também era o emprego em Atos 17.26.

Quando se emprega a expressão: "sangue derramado", é, portanto, uma expressão figurada para a destruição da vida humana (Rm 3.15). Esta idéia da destruição deve ser entendida em Hebreus 12.4: "O preço do sangue" - significa "O valor da vida". Que o sangue, em sentido geral, se relaciona com a vida limitada é evidente, mas que não é a vida em si mesma (no sentido natural), pois esta é a alma! E como tal, possui a sua própria vida, recebida diretamente de Deus.(80)

---

(74) J.J.V. Allmen. Voc. Bibl. p. 393. 1972
(75) op. cit. p. 394. 1972
(76) Idem. p. 393.
(77) op. cit. p. 393. 1972
(78) Idem. 394. 1972
(79) O Nov. Dic. da Bíbl. p. 322. Vol. I. 1983
(80) Voc. Bibl. J.J.V. Allmen. op. cit. A.L. p. 393. 1972.

15

A alma e o coração

Tanto as Escrituras como a própria ciência dizem que o coração é o "centro de uma coisa". A palavra ocorre por 820 vezes na Bíblia.

Vem de uma raiz hebraica "lẽbh" ou "lẽbhãbh", sendo bem possível, embora improvável, que a raiz do termo hebraico, que é obscuro, signifique "centro".

O termo denota vários significados e aplicações: Às vezes, dependendo do contexto, é apenas reputado como um órgão físico do corpo humano. As referências ao órgão físico assim chamado são apenas vagas e poucas e de algum modo especificadas. Dentre as mais claras é a de 1 Samuel 25.37: "...Se amorteceu nele o seu coração, e ficou ele como pedra". Isaías 1.5 também dá luz sobre o significado do pensamento: "...toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco".

1. AS INFORMAÇÕES GERAIS

O coração humano como órgão físico "pesa em média 250 gramas e não é maior que o punho fechado do seu possuidor. Bate 100.800 vezes por dia e, no espaço de uma vi-

da, é capaz de bombear sangue suficiente para encher 13.000.000 de barris. O homem ainda não criou uma máquina mais perfeita que o coração".[81]

a. Segundo informações médicas, o corpo humano, criado do "pó da terra", tem uma dimensão física que possui 208 ossos e 500 músculos. O peso do sangue de um homem adulto é calculado em 15 quilos. O coração ordinariamente tem o diâmetro de 15 centímetros.

Seu peso, como já ficou demonstrado acima, é de 250 gramas. Bate 70 vezes por minuto, 4.200 por hora, 100.800 por dia. Cada pulsação desloca 44 gramas de sangue; esse deslocamento, em 24 horas, é de 5.850 quilos diários; esse órgão fantástico faz circular o equivalente a dois mil galões de sangue pelo espaço de 12.000 milhas (cerca de 19.200 quilômetros) de veias todos os dias.

Em 12 horas cria a energia necessária para levantar o peso de 65 toneladas de uma altura de 30 centímetros.

b. Outras palavras são empregadas tanto no Antigo como no Novo Testamento para descrever a sede de certos aspectos particulares ou funções características da alma por meio de órgãos vitais, tais como: rins e coração (Sl 73.21; Ap 2.23). No Antigo Testamento, os impulsos emotivos e os sentimentos são atribuídos, real e metaforicamente, aos órgãos: coração (lēbh), fígado (kābhēdh), rins (kalāyôth), e entranhas (mē'ím). Mas, segundo se supõe, é o coração (lēbh) que é a sede de uma grande gama de atividades volitivas, intelectuais e também emotiva, e tende a denotar a alma, ou o homem visto do seu lado interno ou oculto.

No Novo Testamento o mesmo emprego é feito da palavra grega "kardia" em sentido geral (= coração ou lēbh). Duas palavras mais, são denotadas para o significado do pensamento principal: "nous" (= mente), e "syneidēsis" (= consciência) que também focalizam-se como sendo sinônimos daquilo que chamamos: "o coração".

Já Homero,[82] o poeta cego da mitologia grega, definia o coração da seguinte forma:

"Kardia". A sede das emoções e sentimentos, dos instintos e paixões. Neste contexto, o grego pensava em emoções

tais como: a alegria e a tristeza, a coragem e a covardia, a força de ânimo e o temor, ódio e ira.

Homero, em particular, juntou o coração e a razão sem claramente separar o pensamento e o sentimento. A partir deste ponto, é apenas um passo curto para ver o coração como "o centro da vontade do homem" e como a "sede do seu poder decisório".(83)

A Bíblia como fonte geral, apresenta o coração como representante legal da vida e de outras atividades e acrescenta: "sobretudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida" (Pv 4.23). Assim, no texto em foco, o coração é contemplado como a sede (alma) da vida.

Em Provérbios 15.13, o coração aparece como sede da alegria (presenciada no rosto). Já em outras passagens, o coração é encarado como órgão do corpo e como tal é a sede da vida física (Sl 38.10,11; Is 1.5). Quando o coração é fortalecido pelo alimento, o homem inteiro se revivifica (Gn 18.5; Jz 19.5; 1 Rs 21.7).

Outros escritores, porém, aceitaram o coração como sendo a sede das emoções, seja da alegria (Dt 28.47) ou da dor (Jr 4.19), da tranqüilidade (Pv 14.30), e da excitação (Dt 19.6, etc).

Pode também ser visto como a sede do entendimento e do conhecimento, das forças e poderes racionais (1 Rs 3.12; 4.29), bem como de fantasias e visões (Jr 14.14). De outro lado, a estultícia (Pv 10.20,21) e os maus pensamentos.

2. A CLASSIFICAÇÃO GERAL

O doutor Wheeler Robinson oferece a seguinte e ótima classificação dos vários sentidos em que podem ser usadas as palavras hebraicas: "lẽbh" e "lẽbhãbh". Vejamos:

a. Físico ou figurado ("meio de uma coisa" = 29 vezes). O contexto de cada citação classifica o significado do pensamento.

b. Personalidade, vida íntima, ou caráter em geral (= 257 vezes exemplos: Êx 9.14; 1 Sm 16.7 - compare-se Gênesis 20.5, onde a passagem ilustra o caráter do argumento).

c. Estados emotivos de consciência, encontrados em grande gama de variedades (= 166 vezes): exemplificando - intoxicação (1 Sm 25.36); alegria ou tristeza (Jz 18.20; 1 Sm 1.8); ansiedade (cf. 1 Sm 4.13); coragem e temor (Gn 42.28); amor (2 Sm 14.1, etc).

d. Atividade intelectual (= 204 vezes); atenção (Êx 7.23) e outras passagens similares; entendimento (1 Rs 3.9): exemplificando habilidade técnica (Êx 28.3) - onde se lê: "...sábios de coração".([84])

e. Volição ou propósito (= 195 vezes - 1 Sm 2.35), sendo esse um dos empregos mais característicos do termo no Antigo Testamento.

"Mente", é, talvez, o mais próximo termo moderno daquilo que no uso bíblico é denominado "coração" e muitas passagens bem poderiam ser assim traduzidas (exemplos: Ec 1.7; Mt 5.28). O primeiro grande mandamento provavelmente significa isso: "Amarás (agapãn) ao Senhor teu Deus de todo o teu coração - isto é, de toda a tua alma, de toda a tua mente e de toda as tuas forças: físicas e espirituais".

O coração humano nem sempre faz isso, entretanto, o coração não é tal qual deveria ser (Gn 6.5; Jr 17.9; 1 Co 3.20). Mas quando assim não procede, o coração torna-se enganoso.

f. Como sendo a natureza humana (= 139 vezes). Neste sentido o significado do pensamento é muito vasto (cf. Jr 17.9; Mc 7.20-23, etc).Seja como for, o coração sempre está em foco em qualquer atividade, seja vida física ou seja vida espiritual. Evidentemente, é como diz a Bíblia: "...dele procedem as saídas da vida".

([81]) **O Est. de S. Paulo**
([82]) **Homero, II. 21, 547**
([83]) **Idem, II. 21, 547**
([84]) **Dr. W. R. op. cit. Apoc. v.p.v. (SPS). p. 47. 1986**

16

A alma e a imortalidade

A união da alma e do corpo não é indissolúvel: chega um dia em que ela se rompe. Sabemos o que acontece ao corpo. Mas que acontecerá à alma? As Sagradas Escrituras respondem o que acontecerá tanto com a alma como ao espírito humano após a morte.

Antes, porém, de mostrar que a alma humana é imortal, devemos precisar bem o que se deve entender por imortalidade. ([85])

1. DEFINIÇÃO DA IMORTALIDADE

A imortalidade natural (sem ser aquela inerente a Deus) é uma propriedade em virtude da qual um ser não pode morrer. Tal é a imortalidade da alma humana. Chama-se natural, para distinguir da imortalidade possuída por Deus em grau supremo e no sentido próprio: "...Aquele que tem, Ele só, a imortalidade" (1 Tm 6.16a). Na imortalidade simples existem três condições, a saber:

a. Que a alma existe (ou continua a existir) após a dissolução do composto humano.

b. Que, nesta sobrevivência, a alma conserve sua individualidade e permaneça, por conseguinte, consciente de si mesma e de sua identidade e superego.

c. Que a sobrevivência seja ilimitada. Já no conceito de Plotino (filósofo - 205-270), especialmente na filosofia panteísta emanatista, o divino tem três termos:

O ser em si, a inteligência, e enfim, a alma, que segundo Plotino, deriva da inteligência como a inteligência deriva do ser. As almas individuais são parcelas da Alma Universal, dizia Plotino.[86] A alma humana deve, assim libertar-se da matéria (o corpo) em que está engastada, e unir-se, através da Alma Universal, à inteligência, e através desta, ao Ser.

Do ponto de vista divino de observação, a teoria de Plotino não combina com o argumento principal. Pois, segundo seu conhecimento visualizado no futuro da alma, após a morte, a alma humana iria reunir-se ao grande Todo-poderoso, onde ela não possuiria mais sua individualidade nem consciência de si mesma. A Bíblia porém, diz ao contrário de Plotino e afirma que, após a morte, a alma humana continuará a existir e, acima de tudo, consciente de sua individualidade (cf. Lc 16.23; Ap 6.9 e ss).

Temos, portanto, de demonstrar que nossa alma é imortal de direito e de fato. O que nos obriga a dividir assim nossos argumentos, e que, se a alma é por sua natureza, quer dizer, de direito, imortal, fica ainda por provar que nenhum poder exterior virá aniquilá-la.[87]

2. AS TRÊS PROVAS MAIS EVIDENTES

Estas três provas são: Prova metafísica - Prova moral - Prova psicológica. Vejamos, portanto, o alcance do argumento:

a. *Prova metafísica.* Essa prova se apóia na simplicidade da alma. Uma substância pode perecer de duas maneiras: diretamente (por si), ou indiretamente (por acidente). Uma substância, declara R. Jolivet, perece diretamente, quando estiver separada do princípio de que tira o ser, a vida e suas funções: é assim que o corpo, separado da alma, que é seu princípio vital, se decompõe e retorna a seus elementos (...) Uma substância perece indiretamente, ou

por acidente, quando está privada do sujeito sem o qual não pode exercer suas funções vitais: é o caso da alma dos brutos, cujas funções são todas orgânicas, e não podem, portanto, ser exercidas sem o corpo.

b. *Prova moral.* Essa prova se baseia na *justiça de Deus,* que exige que a virtude e o vício recebam as sanções que lhes são devidas: recompensa ou punição.

Aqui no mundo, as sanções da virtude e do vício são evidentemente insuficientes; muitas vezes é o vício que triunfa, e a virtude fica humilhada. A justiça quer que cada um seja tratado segundo suas obras, e isto não pode ser feito a não ser com a imortalidade da alma.(88)

c. *Prova psicológica.* Essa prova se apoia nas tendências essenciais de nossas faculdades. É um fato que nós aspiramos conhecer a verdade absoluta, possuir o bem supremo e a felicidade perfeita; quer dizer, gozar de objetos que ultrapassam o tempo. Ou seja, um estado de vida que só pode ser encontrado no mundo vindouro.

No mundo presente, isto é tão verdadeiro que jamais nos sentimos saciados de verdade e de felicidade; quanto mais avançamos no conhecimento da verdade, na prática do bem, mais aumenta nosso desejo, a ponto de nada parecer poder satisfazer-lhe fora da verdade, da bondade, da beleza perfeita, ou seja, fora de Deus. Aí está nosso fim, tal como o manifestam as nossas tendências mais profundas e mais vivas, que mostram, da mesma forma, que a alma ultrapassa qualquer tempo particular e finito, e é realmente imortal por sua vez.

Ora, a imortalidade seria uma palavra vã se a alma, na sua sobrevivência, não conservasse a consciência de si mesma, de sua identidade.

A prova metafísica supõe, com efeito, que a alma, permanecendo no seu ser, continua a exercer as funções inerentes a ela, tais como: oração (Ap 6.9-11), louvor (Ap 7.9 e ss) etc. Observemos agora a reflexão deste argumento:

I. A mesma conclusão se impõe por duas outras razões s
e, conseqüentemente, serão esboçadas nesta subdivisão:

Primeiro: Para que as sanções da outra vida sejam eficazes é necessário que a alma se conheça e se conheça

como idêntica ao que era durante a vida, ainda em outra dimensão (terrestre) e, para que suas aspirações à felicidade perfeita sejam satisfeitas, é necessário que ela mantenha a consciência de si mesma e de sua individualidade. Ora, segundo se depreende, e, ensinado por Jesus, nosso Senhor, em passagem tal como Lucas 16.25, onde lemos: "...Filho [o rico], lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida..." E, passagem similar, como em Apocalipse 6.10, onde o significado do argumento é reforçado: "...até quando, ó verdadeiro e Santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" A alma humana, portanto, apresenta a sobrevivência ilimitada.

Segundo: A sabedoria do Criador exige que Ele não destrua sua obra; o arquiteto não constrói para demolir, e Deus não deu à alma a forma limitada da vida, a não ser, numa condição de rebeldia dela contra Deus, e, mesmo assim, "perecer" no contexto de Mateus 10.28 não significa "aniquilamento" e, sim, uma existência sem Deus.

II. Ora, apenas aquele que cria (ou criou) pode aniquilar. Deus, então, e apenas Deus, poderia lançar a alma para "O NADA", de onde a retirou pelo supremo poder da palavra. Mas a razão nos prova que Ele não o fará. Ora, para melhor compreensão, segundo a revelação de Deus, procuramos provar que a alma humana continuará a existir no mundo espiritual, mas esta existência, tanto pode ser - com Deus (no céu) ou sem Deus (no inferno): dependendo do caminho por ela percorrido aqui na terra.

Assim, prezado leitor, de direito ou de fato, a alma é imortal, de uma imortalidade pessoal e sem fim.([89]) Sua vida espiritual de comunhão com Deus pode terminar, mas isso não significa aniquilamento, como tivemos ocasião de expor noutras seções do presente argumento, pois assim, como já vimos, seria sua existência lançada para "o nada". Ora, sem Deus a alma humana não terá aquela vida que o santo terá na eternidade: mas, evidentemente, terá "existência" numa dimensão triste e inativa!

([86]) **A. X. T. Int. ao Est. de Fil. p. 40 e ss. 1984**
([87]) **op. cit. RJ. p. 238. 1984**
([88]) **Idem. p. 239. 1984**
([89]) **Idem p. 238. 1984**

17

A alma volta do mundo invisível?

O presente argumento será desenvolvido através de "vias", em número de 10, tomando como base a passagem de 1 Samuel 28.1 e ss (Saul e a Pitonisa de En-Dor) e outros contextos similares dentro da natureza do presente argumento.

Tomamos esta parte como base, em razão de ser esta passagem bastante polêmica e, em razão disto, alguém chegou até a pensar: "Se realmente Samuel apareceu, é o único fato que a Escritura menciona, isto é, que a alma de um morto tenha voltado à terra para conversar com os homens". (90) Esse pensamento esboçado acima recebeu aceitação na concepção de Justino Mártir, Orígenes, Agostinho, etc.(91) Para nós, porém a volta da alma que partiu para a eternidade não se dará (nem em casos especiais, pois tais casos não existem). Vejamos pois:

1. PRIMEIRA "VIA"

(prova gramatical)

O leitor deve primeiro fazer a leitura de todo o capítulo (28) e depois observar cuidadosamente cada detalhe.

O versículo 6, diz: "...E perguntou Saul ao Senhor, porém o Senhor lhe não respondeu". No original o artigo é definido e o verbo é enfático: "O Senhor lhe não respondeu, lhe não responde e nem lhe responderá". As evidências, portanto, nos dão conta de que o rei Saul "...não buscou ao Senhor" (1 Cr 10.14).

2. SEGUNDA "VIA"

(prova exegética)

O versículo seis, e em seu verbete b, é súbito e esmagador na sua forma de interpretação: "O Senhor lhe não respondeu!". Vejamos:

"Nem por sonhos". O sonho, quando visto do ponto de vista filosófico, parece ter por fim proteger o sono, fazendo passar ao regime da ficção, com o que ele tem de encantatório, a massa das impressões e lembranças que, se ocorressem no estado de vigília com sua realidade própria, seriam um obstáculo ao sono e ao repouso que lhe cumpre assegurar.(92)

Porém, quando analisado do ponto de vista divino de observação, o sonho é - "uma revelação pessoal" de Deus ao homem que se processa por meio da palavra e expressão transmitida pela visão ou imagem - expressão manifestada pela visão (1 Sm 3.1; Jó 33.14-16). Mas o texto em foco, diz: "...O Senhor lhe não respondeu". Isto é, Deus não se manifestou.

"Nem por Urim". Algumas passagens das Escrituras falam destas duas pedras - Urim e Tumim (Êx 28.30; Lv 8.8; Nm 27.21; Dt 33.8; 1 Sm 28.6; Ed 2.63; Ne 7.65). Como seria que esse método operava? Na passagem de Êxodo 28.30, Deus ordenou a Moisés colocar "no peitoral do Juízo Urim e Tumim" em "cima do coração de Arão". Tem sido sugerido que o Urim e o Tumim eram dois objetos chatos: um lado de cada um desses objetos tinha por escrita a palavra "Urim" derivada de "ãrar" - ser perfeito. Alguns estudiosos afirmam que, em resposta a uma pergunta, uma luz sobrenatural brilhava nas gemas do peitoral, e assim era dada a resposta. (93) Na literatura francesa (especialmente na versão do doutor Louis SEGOND), Urim e Tumim aparecem ali com os nomes de "Urim et le Thummim", com o mesmo sentido que se dá em outras versões,

isto é, "luzes e perfeições", sendo que, porém, trazendo um novo sentido que, segundo alguns escritores franceses é que "Urim e Tumim" podem também trazer a idéia de uma espécie de "Feu Clinoton".

Com esta idéia, o Urim e o Tumim passariam então a ter um sentido de "fogo sinalizante", uma espécie de semáforo. Três luzes deviam então piscar ali:

a. Permaneceria sempre estacionada - era a luz de cor amarela (isto trazia a idéia de sinal de atenção).

b. Seria uma luz de cor vermelha (como sinal de reprovação) e,

c. Seria uma luz de cor verde (como sinal de aprovação divina). O método como isso se processaria, dá-se da seguinte forma:

O sacerdote consultava a vontade divina sobre esta ou aquela decisão necessária, olhando para a luz amarela estacionada em cima de seu coração; segundo este modo de proceder, neste instante vinha a resposta da parte de Deus: sim ou não. O "sim" era revelado através de uma luz verde sobrenatural, enquanto que o não, se dava através de uma luz vermelha sobrenatural. Essa forma de interpretação parece ser bastante lógica. Porém, no caso de Saul, nenhuma nem outra coisa se manifestou; portanto, Deus lhe não respondeu por este método.

"Nem por profeta". Revelação inspiracional da parte de Deus em que sua vontade era manifestada através de um homem (ou uma mulher) santo capacitado por Deus para tal fim. Mas a Bíblia afirma que Deus também não se manifestou por tal método. A sentença é sempre a mesma: "...O Senhor lhe não respondeu" (v 6).

3. TERCEIRA "VIA"

(prova escatológica)

Segundo o conceito geral, Samuel se encontrava no "seio de Abraão" = ou Paraíso", conforme Lucas 16.22 e 2 Coríntios 12.4, respectivamente. A narrativa de Lucas (16.22) - diz que o rico se encontrava num lugar "baixo" (Hades) e que Lázaro se encontrava num lugar "alto" (Paraíso), pois, segundo se diz[94] o rico "...ergueu os olhos" para contemplar a Lázaro (16.23). Assim, de acordo com o

argumento lógico, não foi Samuel que apareceu ali, visto que a narrativa afirma claramente: "...subiu da terra" (cf. 1 Sm 28.13,14). Ora, se o "velho da capa" fosse Samuel, então teria ele "descido do Paraíso" e não "subido da terra".

4. QUARTA "VIA"

(prova profética)

O apóstolo Paulo diz, em 1 Coríntios 14.29, que as profecias devem ser julgadas, e a maior autoridade neste julgamento das profecias é sem dúvida a Palavra de Deus, e esta diz que as profecias "do homem ancião" encontram-se eivadas de erros. Observemos pois:

Primeiro: "...O Senhor tem... rasgado o reino da tua mão..." (1 Sm 28.17); quando isso aconteceu tinham-se passado sete anos! Portanto, estava ainda para acontecer - somente sete anos depois é que o reino foi "rasgado" e dado a Davi - antes, reinava Isbosete, filho de Saul (2 Sm 2.8 e ss).

Segundo: "...Samuel (?) disse a Saul: Por que me desinquietaste?" (1 Sm 28.15). Em Apocalipse 14.13, essa profecia do pseudo-Samuel é refutada quando diz: "Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que *descansem* dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam". O leitor deve observar bem a frase: "...me desinquietaste" no texto, e, depois, confrontá-la no contexto: "...para que descansem", e veja, que aqueles que partiram (como Samuel) em paz com Deus jamais seriam desinquietados por uma feiticeira.

A "Bem-aventurança" de Apocalipse 14.13 destina-se àqueles que viveram e morreram fielmente a Deus: E Samuel foi um deles, e jamais viria a poluir-se numa sessão espírita presidida por uma mulher cuja vida era reprovada por Deus e a sua Palavra (Lv 19.31; 20.27 e ss). Deus não se contradiz! Portanto, não foi Samuel que ali apareceu.

Terceiro: "...amanhã tu e teus filhos estareis comigo" (1 Sm 28.19). A suposta profecia predissera que, no dia seguinte, morreria Saul e seus filhos, mas isso não aconteceu: só morreram três (Jônatas, Abinadabe e Malquisua) -

e ficaram (Isbosete, Armoni e Mefibosete), e, se tomarmos citações como 1 Samuel 14.49; 1 Crônicas 8.33, somam um total de seis (1 Sm 31.2; 2 Sm 2.8; 21.8).

5. QUINTA "VIA"

(prova personificada)

Para alguns comentaristas o personagem da presente narrativa que se intitulou de Samuel foi a morte (vejam-se as seguintes passagens das Escrituras em que a morte aparece personificada: Jó 28.22; Sl 23.4; 1 Co 15.26; Ap 6.8 e 20.14). Esse argumento torna-se evidente quando usa-se a expressão: "...amanhã tu e teus filhos estareis comigo" (28.19) - Onde? Segundo esta forma de ver o texto: "no campo de batalha", pois uma vez que Saul e seus filhos morreram ela estaria presente também. Seja como for, as evidências mostram que só não foi Samuel. Deus jamais "destruiria" Saul ao lado de Samuel (cf. Gn 18.23).

6. SEXTA "VIA"

(prova matemática)

Este argumento se baseia no fato de que nada do que ali foi dito se cumpriu na "...manhã seguinte". Vejamos:

Examinando cuidadosamente o capítulo 29.1 e depois verificando o versículo 4 do capítulo 28, observamos que na noite em que Saul consultou a Pitonisa os filisteus se encontravam acampados na cidade de Suném; depois fizeram um giro para Afeque: 120 quilômetros aproximadamente (1 Sm 29.1). Lendo 1 Samuel 29.10,11, temos um dia depois daquela manhã em que se dizia que Saul e seus filhos nela morreriam.

Observando 1 Samuel 30.1, notamos que Davi gastou três dias para chegar à cidade de Siclague; nos versículos 11-13, temos os três dias de distância entre Davi e a tropa inimiga; no versículo 17 da mesma seção temos mais um dia de batalha. Nos capítulos 1 e 2 de 2 Samuel, Davi já tinha regressado da batalha e, evidentemente a narrativa diz que ele tinha repousado "dois dias", e, quando já despontava o "terceiro dia" é que aparece o soldado amale-

quita com as novas da morte de Saul e seus respectivos filhos.

Ora, observando cada contexto, e confrontando-os com a razão lógica do significado do argumento, Saul e seus filhos só morreram "10 dias depois" daquela reunião com a Pitonisa de En-Dor e não no dia seguinte, como vaticinara o suposto Samuel.

Outros comentadores, porém, acham que, baseando-se nas distâncias percorridas por Saul e seus exércitos, e os filisteus, respectivamente, e sendo deduzido o tempo para as refeições e dormida, Saul só tombou morto "18 dias depois".

Seja como for, as evidências e os próprios textos bíblicos dizem que ninguém morreu no dia seguinte como falara o suposto Samuel naquela reunião. (95)

7. SÉTIMA "VIA"

(prova contraditória)

A narrativa diz que primeiro a mulher declara ter visto uns "deuses" que subiam da terra (28.13); depois ela observa que não se trata de "deuses", e sim "de um homem ancião" (28.14). A passagem da potência ao ato diz que Saul "nada viu", mas apenas deduzia que seria Samuel baseado na descrição da necromante. Os versículos 20 e 21 do capítulo em foco dizem que Saul se encontrava perturbado, e apenas entendeu que era Samuel que falava (v. 14). De acordo com a natureza das Escrituras, Samuel, o profeta, não podia subir ali naquela noite sombria. Durante sua vida aqui na terra ele foi obediente a Deus e agora, depois de morto, jamais ele faria um só ato contrário à vontade de Deus, quando em vida declarou: "Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria..." (1 Sm 15.23). A Bíblia é categórica no que diz respeito à volta de um morto. Alguns textos da Bíblia deixam entrever isto entre linhas. Vejamos:

"Antes que me vá (Jó), para nunca mais voltar..." (Jó 10.21a).

"Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará

à sua casa, nem o seu lugar jamais o conhecerá". E o Salmista Davi acrescenta:

"Eu irei a ela (a criança morta), porém, ela não voltará para mim" (2 Sm 12.23). Ora, aquilo que as Escrituras afirmam não pode ser anulado![96]

8. OITAVA "VIA"

(prova similar)

Este argumento se baseia no material colhido do versículo 14 do presente capítulo. A força deste argumento baseia-se em similaridade no episódio de alguns personagens bíblicos, como por exemplo:

Quando Elias foi trasladado ao Céu num redemoinho, "deixou" sua capa para Eliseu, seu sucessor (2 Rs 2.11-13).

De igual modo, fez a mesma coisa (em tom diferente) nosso Senhor Jesus ao se despedir da vida terrena: "deixou" sua capa para os soldados romanos (Jo 19.23,24).

O cego Bartimeu ao ser curado por Jesus de sua cegueira, seu primeiro ato foi "deixar" sua capa para seus circunstantes (Mc 10.50).

O apóstolo Paulo, quando já estava sendo "oferecido por aspersão", afirma ter "deixado" sua capa na cidade de Troas (2 Tm 4.6-13). Então eu pergunto: "...só Samuel levou a dele?" (1 Sm 28.14). De modo nenhum!

9. NONA "VIA"

(prova ontológica)

Qualquer estudante sabe que "ontologia" é o estudo do ser" (ou metafísica geral). É a ciência do ser enquanto ser e dos caracteres que pertencem ao ser como tal[97]. Este *argumento* baseia-se no versículo terceiro do capítulo 28 de 1 Samuel, que está sendo estudado. *Nele*, Deus se identifica como Deus dos vivos e não dos mortos. "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos" (cf. Êx 3.13; Mt 22.32).

Ora, nenhum destes personagens citados perdeu sua personalidade, individualidade, integridade, ou superego. Seria Samuel o único a poluir-se, indo contra natureza do seu ser, contra Deus (v 6) e contra a doutrina que ele mes-

mo pregara (1 Sm 15.23), quando em vida nunca o fez? De modo nenhum!

10. DÉCIMA "VIA"

(prova doutrinária)

Esse argumento baseia-se no versículo seis da narrativa. Deus em seus elementos doutrinários condenou reiteradamente essa prática e ação (cf. Lv 19.31; 20.7; Dt 18.10-12), e Deus não se contradiz (cf. Tt 1.2). Devemos também ter em mente que naquela reunião e ocasião não se encontrava ali nenhum servo do Senhor; tudo foi presenciado por dois escravos de Saul. A passagem de 1 Sm 28.7-25 nos leva a entender que a narrativa deste encontro de Saul com a necromante fora escrito por uma testemunha ocular; depois por expressa ordem de Deus foi transferida para o Cânon Sagrado (cf. Rm 15.4).

Freqüentemente, esses escravos de Saul eram estrangeiros (1 Sm 21.7; 2 Sm 23.25-39) e quase sempre supersticiosos, crentes no erro, razão por que o seu estilo é tão convincente. Observemos alguns tópicos da narrativa que determinam o embuste da Pitonisa:

"...Então veio a mulher a Saul". - De onde ela veio? certamente de detrás de uma cortina à distância do rei, e inspirada por Satanás (Deus não podia inspirar uma feiticeira) descreve a mente imaginária do perturbado, que se encontrava caído (1 Sm 28.20).

"Vendo, pois, a mulher a Samuel" (v. 12a).

"Então disse Samuel: Por que, pois, a mim me perguntas, visto que o Senhor te tem desamparado?" (v. 16a).

"Palavras de Samuel" (v.20), etc. Ora, isso demonstra expressões "vagas e délficas" que não afirmam, e sim descrevem à distância o acontecimento.

Assim, prezado leitor, procuramos com boa vontade esclarecer que, a não ser por ocasião do arrebatamento da Igreja aqui na terra, aqueles que partiram para o Paraíso, a estar com Deus, jamais voltarão aqui. Especialmente quando solicitados por uma feiticeira (ou feiticeiro). Somente naquele grande dia é que "...Deus os tornará a trazer com ele" (1 Ts 4.14b). O doutor F. Vitols[98] declara: "Esta crônica que faz parte da História de Israel, pela de-

terminação divina, entrou no Cânon Sagrado. E deve entrar e permanecer lá, como advertência para todos nós" (1 Jo 4.1, etc).

a. *Somente a alma será destruída com o corpo?* "E não temais os que matam o corpo, é não matam a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo" (Mt 10.28).

Baseados nesta passagem e em outras similares da Bíblia, muitos intérpretes acham que, na destruição eterna imposta por Deus mediante a pena merecida para os ímpios, somente a "alma e o corpo" serão conduzidos para a destruição. O espírito humano, segundo este conceito, tanto do justo como do ímpio "...voltará para Deus, que o deu" (Ec 12.7b).

O ponto principal para tal argumentação prende-se ao fato de que o espírito humano foi constituído de "uma parte" do sopro de Deus (Gn 2.7) e como tal jamais seria levado (no caso do ímpio) à destruição eterna. Ora, com efeito, o fato de que o espírito humano seja parte do sopro do Criador não afasta a possibilidade de que a alma humana tenha sido criada da mesma substância. Em uma outra seção deste livro, tivemos ocasião de ver que o original da palavra "vida" em "fôlego de vida" é *chay* e está no plural. Isto indica que o sopro de Deus produziu uma vida dupla: a vida da alma e a vida do espírito. Nesse caso, tanto um como o outro são sopro de Deus.

Na passagem de Gênesis 6.7, Deus fala na sua ira: "...Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei...". E na passagem de Tiago 4.12, a destruição para o pecador inclui o homem como um todo: "Há só um legislador e um juiz que pode salvar e destruir...".

Ora, se o homem está sem Deus, evidentemente ele está "...morto em suas ofensas e pecados" (Ef 2.1-ALT). Sujeito à punição eterna que lhe espera na eternidade. Uma vez que este homem se volta para Deus, o seu espírito, alma e corpo são restaurados segundo a "imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Co 3.18b), ao propósito original de Deus, em cada pessoa que nasceu de novo. O escritor do livro de Provérbios diz que "a alma do homem é a lâmpada do Senhor" (Pv 20.27a). Na ocasião da regenera-

ção, o Espírito Santo entra no homem interior (alma e espírito) e o vivifica, como que acendendo uma lâmpada. Este é o "novo coração" e o "novo espírito" como são descritos por Ezequiel 36.26:

"E vos darei um coração (alma) novo, e porei dentro de vós um espírito novo..." Agora, a alma e o espírito velhos e mortos são renovados em vida quando o Espírito Santo infundiu a nova vida de Deus.

Os anjos são também parte do Criador (Gn 2.1; Ne 9.6; Cl 1.16); a Bíblia não afirma explicitamente que eles, como o homem, tenham recebido o sopro de Deus para a vida; mas podemos deduzir que sim! "O que de seus anjos fez ventos..." (Hb 1.7). Com efeito, os anjos são seres espirituais, criados por Deus nas esferas da existência. Mas alguns deles pecaram e foram, segundo está escrito nas passagens de 2 Pedro 2.4 e Judas v.6, encerrados no inferno: "Deus não perdoou aos anjos". Evidentemente, estes seres espirituais, sendo espíritos, receberam de Deus a vida, mas a perderam na má escolha que fizeram.

b. Assim, também cremos que, quando a Bíblia diz iz que após a morte, "...o espírito volta para Deus, que o deu" (Ec 12.7), não deve ser generalizado para santos e pecadores.

Devemos ter em mente que o escritor de Eclesiastes vem descrevendo, no capítulo, um homem que se lembrou do seu Criador nos dias da sua mocidade, e que os "maus dias" e "os anos" dos quais ele dizia: "não tenho neles contentamento", não são dias e anos de uma vida pecaminosa e, sim, são dias da velhice, cujas conseqüências seguem o curso da vida. Este sim, seu espírito após a morte "volta para Deus, que o deu".

A expressão "volta para Deus, que o deu" (Ec 12.7), não define, necessariamente, a sorte de quem partiu; com efeito, ele o (espírito) pode voltar para Deus, a fim de que Deus lhe determine seu destino: céu ou inferno - dependendo do caminho por ele escolhido (cf. Mt 10.28; Lc 12.4,5). "Os ímpios serão lançados no inferno, e todas as gentes que se esquecem de Deus" (Sl 9.17).

O Anticristo e seu consorte serão lançados vivos no ardente lago de fogo, apesar de serem homens ordinários (Ap

19.20). A Bíblia não diz que será apenas "uma parte" (alma e corpo) dos tais que será lançada ali; mas as forças das evidências dizem que serão lançados no seu todo. No caso dos ímpios, a sentença deve obedecer às mesmas regras. Portanto, o homem pecou no seu todo: corpo (2 Co 7.1), alma (Êx 18.4) e espírito (2 Co 7.1): seu todo deve ser salvo (1 Ts 5.23)! Se ele se perde - perde-se no seu todo.

c. Alguns intérpretes, querendo negar esta verdade, dizem que a alusão de Mateus 10.28 é feita a Satanás, e não a Deus. Os argumentos em favor dessa interpretação são os seguintes:

I. Que é mais próprio ter-se tal receio de Satanás do que de Deus o Pai Celestial.

II. Que a idéia de destruição da personalidade do homem (corpo, alma e espírito) é mais apropriadamente aplicada a Satanás que a Deus.

III. Que a destruição nociva é obra exclusivamente de Satanás (Jo 10.10).

IV. Que "aquele" oculto de que fala Jesus não é Deus, e, sim, Satanás. Mas essa interpretação se baseia apenas na influência psíquica do homem e na sua relutância em crer em tais coisas acerca de Deus, e não se apóia nos ensinos bíblicos.

Contra essa primeira interpretação e em favor da que diz que Deus é "aquele" oculto a quem devemos temer, alinham-se as seguintes considerações:

1) A idéia de que Deus deve ser objeto de temor é comum nas Escrituras (Gn 42.18; Dt 4.10; 6.2,13; Sl 32.8; Ec 12.13; 1 Pe 3.17 - e muitos outros trechos), como se pode verificar em um estudo sistematizado das Escrituras.

2) As Escrituras também apresentam Deus como Aquele que pode operar de forma versátil: Faraó e outros personagens da Bíblia exemplificam o significado do argumento.

3) A destruição efetuada por Deus pode ser uma justa retribuição das obras de cada um (Ap 20.13): especialmente para aqueles que se esqueceram de Deus (Sl 9.17). Portanto, *Aquele* aqui mencionado, que pode fazer perecer no inferno o pecador não perdoado é Deus e não o Diabo. As Escrituras jamais apóiam que temamos ao Diabo, e, sim,

que devemos resistir-lhe (Tg 4.7). Nosso Senhor adverte com solenes palavras: "Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem" (Mt 7.13,14). Portanto, enquanto o homem está palmilhando no caminho da vida, deve fazer sua opção por Cristo (o caminho do céu), ou pelo pecado (o caminho da destruição). Entretanto, o caminho da vida ainda está aberto! E o Espírito Santo a dizer: "...Este é o caminho, andai nele..." (Is 30.21).

---

(90) **Dic. da Bíblia J.D.D. p. 545. 1985**
(91) **O Nov. Coment. da Bíbl. p. 321. I. Vol. 1979**
(92) **RJ. Curs. de Fil. p. 158. 1984**
(93) **O Nov. Dic. da Bibl. p. 1643, II. Vol's. 1983**
(94) **F. Vitols. R. ("PE"). 1 e 2 Sm, 1980**
(95) **op. cit. F. V. 1980**
(96) **Idem F. V. 1980**
(97) **RJ. Curs. de Fil. p. 263. 1984**
(98) **op. cit. N. de R. de 1 e 2 Sm, 1980**

18

O espírito humano

Definição geral do termo. A palavra "espírito" vem de uma raiz hebraica: "ruash", da qual se deriva o vocábulo grego neotestamentário "pneuma". Pneuma, que se traduz por espírito, denota o movimento dinâmico do ar. Seus derivados têm os seguintes significados:

Pneõ, "assoprar" (do vento e do ar em geral, como também sobre instrumento musical) = "respirar" (também no sentido da vida) = "emitir fragrância". (99).

Pneõ, como cognato: "respiração" (início da vida em geral) = O significado depende do contexto: exemplificação = "...Deixai-vos pois do homem cujo fôlego está no seu nariz..." (Is 2.22a)

Ekpneõ, "expiração" (cessar de respirar, término da vida em geral): Ilustrando = "...Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou" (Lc 23.46b).

No Novo Testamento, pneuma é uma palavra de grande significado e de infinito alcance; forma-se da raiz hebraica esboçada acima com o sufixo - ma e denota o resultado da ação, a saber, colocar o ar em movimento. No campo teológico, portanto, isso denota "a existência da vida" = nos termos físicos e jurídicos.

1. DO PONTO DE VISTA ANTROPOLÓGICO

Quando analisamos o termo em foco do ponto de vista antropológico, a palavra ocorre por 400 vezes no Antigo Testamento e 385 vezes no Novo. Referindo-se àquela "parte" do homem que "sabe" (1 Co 2.11); esta parte habita "dentro do corpo" para que o mesmo seja reanimado (Dn 7.15). Foi formado por Deus "...dentro do homem" (Zc 12.1; Hb 4.12; 12.9). Esta parte representa a natureza suprema do seu ser e rege a qualidade do seu caráter numa posição elevada. Dependendo do significado do pensamento, o espírito humano é comparado com o lugar santíssimo, isto é, a ordem a nós apresentada por Deus é inconfundível:

"...vosso espírito, e alma e corpo" (1 Ts 5.23). Não é "...alma e espírito e corpo", nem tampouco "...corpo e alma e espírito". O espírito é a parte proeminente, daí ser mencionada primeiro; o corpo é a mais inferior, e por isso é mencionada por último; a alma fica no meio e por isso é mencionada entre os outros dois.

a. Tendo visto a ordem de Deus, podemos apreciar a sabedoria da Bíblia ao compararmos o homem a um templo. Podemos observar a perfeita harmonia existente entre o templo e o homem, tanto no tocante à ordem, quanto ao valor. O espírito humano tem três modos de proceder, dependendo dos três poderes que o caracterizam, que são: o intelecto, a feição e a vontade:

O intelecto. Essa é a parte que lhe capacita a faculdade de julgar, recordar, imaginar e raciocinar.

A feição. Essa parte lhe capacita a sensibilidade de: sentir dor, prazer, ódio, amor e outras formas de expressão.

A vontade. Essa parte o capacita para o dever de escolher, de rejeitar isso e aceitar aquilo, e seguir o seu destino, pondo em prática as deliberações tomadas.([100])

b. O alcance do argumento. Alguns textos da Bíblia mostram que nosso espírito possui a função da consciência (não dizemos que o espírito é a consciência), a função da intuição (ou sentido espiritual), e a função da comunhão (ou adoração). Observemos agora cada função:

I. A função da consciência no espírito:

"...porquanto o Senhor teu Deus endurecerá o seu espírito" (Dt 2.30): lado negativo do argumento.

"...perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado, e salva os contritos de espírito" (Sl 34.18).

"...cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto" (Sl 51.10).

"Jesus, pois, quando a viu chorar, e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito" (Jo 11.33a).

"...E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria" (At 17.16), etc.

II. A função da intuição no espírito:

"...na verdade, o espírito está pronto..." (Mt 26.41).

"...E Jesus, conhecendo logo em seu espírito..." (Mc 2.8).

"...Este era instruído no caminho do Senhor e fervoroso de espírito" (At 18.25).

"...E agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém..." (At 20.22), e outros contextos similares.

III. A função da comunhão no espírito:

"...E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador" (Lc 1.47).

"...Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade..." (Jo 4.23).

"...Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito..." (Rm 1.9).

"...mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8.15b).

"...o meu espírito ora bem..." (1 Co 14.14), etc. Ora, todas estas funções são e devem ser exercidas através do espírito, pois elas têm conotação, como já tivemos ocasião de ver, com o mundo religioso, mas, evidentemente, nelas a ação da alma está também presente.[101]

2. NO TOCANTE À VIDA

No que diz respeito à vida, o espírito é responsável, neste sentido, pela vida consciente do homem desde seu

ponto de partida (sua formação e nascimento) - até sua chegada final (pela morte). A primeira começando com uma "respiração" (sopro de vida - Gn 25.8; Lc 23.46, etc). Também, como se depreende, a alma é de uma "substância espiritual"; de igual modo, deduzimos que o espírito o é, pois a Bíblia afirma que "...um espírito não tem carne nem ossos" (Lc 24.39a). Mas isso não afasta a possibilidade de o espírito ser um ser que represente "um corpo de ordem espiritual" (1 Co 15.44). Na passagem de Jó 4.15, é reforçado o sentido do argumento. Vejamos:

a. "Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne. Parou ele, mas não conheci a sua feição; *um vulto* estava diante dos meus olhos..." (Jó 4.15,16).

É afirmado na Bíblia que o homem é possuidor de duas partes imortais: a alma e o espírito, isto é, "psychê" e "pneuma", que nossas versões correntes em português traduzem por "alma" e "espírito". Estas duas substâncias, interligadas, designam um "conjunto psicofísico" correspondendo a um ser vivente especial e suas diferentes formas de expressão.[102]

b. O espírito e a vida. Distinguem-se três graus de vida em sentido lato:

A vida vegetativa (das plantas),

A vida sensitiva (dos animais),

A vida racional (do homem). E, evidentemente, se este homem (ou mulher) são cristãos, adiciona-se mais um grau de vida - a vida espiritual (na alma e no espírito). O homem, por exemplo, tem por princípio certos aspectos: as formas de vida vegetativa, sensitiva e racional. Mas é evidente que o homem, natureza intelectual, não possui três almas, mas sim possui as potências: vegetativas, sensitiva e racional.[103] Por cuja razão quando o escritor sagrado diz: "Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais; a mesma coisa lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego" (Ec 3.19,20).

Ora, isso não significa que a alma humana (racional) seja da mesma substância da alma sensitiva (o fôlego) e sim que a alma superior (Psychê) assume as funções dos

graus de vida inferiores: a alma humana é, ao mesmo tempo, vegetativa (estado de coma), sensitiva e racional.

3. A VIDA EM GERAL

Do ponto de vista divino de observação, a vida humana teve início nas palavras do Criador, quando disse: "Façamos o homem..." (Gn 1.26) e, do ponto de vista legal, em Gênesis 2.7: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego de vida..."

Filosoficamente falando, a questão da vida pertence normalmente à Psicologia, ou estudo da alma e suas operações. ([104]) A vida, com efeito, é a presença da alma, vegetativa, sensitiva e racional. Podemos todavia, como se faz comumente, limitar a Psicologia ao estudo do homem e acrescentar a Cosmologia ao estudo da vida em geral. Mas isso, do ponto de vista divino, não combina com o argumento e natureza principal.

Segundo os estudiosos, a vida se define da seguinte forma:

a. *O movimento imanente.* A vida é uma realidade muito simples, para que a possamos definir. Pode-se, apenas, descrevê-la em sua manifestação pelo movimento espontâneo e imanente, quer dizer, por um movimento que o ser vivo produz por si mesmo, por seus próprios movimentos e recursos e que tem seu termo imediato no próprio ser vivo - movimento aqui, não apenas no sentido de movimento local, mas de toda passagem da potência ao ato e mesmo de operação. Assim, o ser vivo se move, enquanto que o não-vivente é movido. ([105])

b. *A natureza do movimento imanente.* Quando se diz que o ser vivo se move por si mesmo, não se quer dizer que ele seja a princípio absolutamente primeiro do movimento. Daí dizer-se universalmente que tudo o que se move é movido por um outro ser, isto é, depende de um outro ser no exercício de sua atividade. O apóstolo Paulo depreende isso dos próprios filósofos (epicureus e estóicos) em Atos 17.28: "Porque nele [em Deus) vivemos, e nos movemos, e existimos..."

4. A PRESENÇA DA VIDA

Todo corpo vivo é vivo pela presença de uma alma, distinta da matéria corporal. O corpo, enquanto matéria, não é capaz de se mover. Como se viu mais acima, é enfatizado por Tiago por amor de seu argumento: "...o corpo sem o espírito está morto" (Tg 2.26), pois o seu movimento provém de forma substancial, que, nos seres vivos, recebe o nome de alma e espírito (às vezes a frase: "espírito de vida"); liga-se também com o mundo animal (Gn 7.22).

Um ser vivo. Um ser vivo é, pois, forçoso, rejeitar a teoria físico-química materialista, segundo a qual a vida se explicaria adequadamente por combinações de forças físico-químicas e seria, por conseguinte, redutível a uma propriedade da matéria.

Do ponto de vista racional, isso é impossível de ser alcançado. A matéria é passiva: o ser vivo é ativo. A matéria se expande do exterior, por adição de elementos homogêneos: o ser vivo se expande do interior; depois se reproduz, o que não acontece com a matéria.

5. A VIDA E SEUS ASPECTOS

O termo vida, com emanação da alma e do espírito, se acentua nos seguintes sentidos:

a. A vida em geral. Vida em si mesma nos textos jurídicos (Êx 21.23; Dt 19.21 - a vida que se tenta destruir ou que se deve respeitar (1 - T.G. 1 Rs 19.2; Jó 2.6).

b. A vida tal como aparece em certos aspectos corporais, particularmente notáveis por seu caráter animado - a respiração e o sopro (Jó 41.13; Sl 141.8).

c. A vida tal como aparece em certas funções: mais especialmente psíquicas, como a aspiração ou o desejo (2 Sm 3.21; Sl 24.4; 41.3; Pv 23.2; Is 26.8; Ez 24.25).

d. A vida tal como aparece no conjunto de fatores que constituem a pessoa humana: o homem mesmo em suas formas de expressão (Gn 14.21; 46.18; Nm 5.6; Ez 33.6) emprega com o sufixo da primeira pessoa, "nephêsh" correspondendo ao pronome pessoal ("EU"), e pode ser traduzida como tal.[106]

e. A vida tal como aparece no cadáver, enquanto ele ainda não se decompôs: 24 horas pelas leis naturais (Lv 19.28; 21.1; Nm 6.6; Ag 2.13). Tal significado do pensamento pode-se depreender na expressão de Paulo e seu equivalente no tempo e no espaço: "...Não vos perturbeis, que a sua alma (vida) nele está" (At 20.10). Neste sentido e seus cognatos, o espírito é, essencialmente, a característica de Deus que é a vida. A alma, no que diz respeito à vida, é a agência - o espírito, porém, é o agente. Evidentemente, é importante o segredo da vida.[107] Porque ela se relaciona diretamente com Deus, que é o Deus da vida. e

6. A VIDA COMO CENTRO DA ATENÇÃO

Entre os escritores clássicos (incluindo cristãos e não-cristãos) a vida era retratada também na poesia. Seu significado nas ações fica bem claro no livro de Jó, onde ocorre 13 vezes:

A vida humana com a sua miséria se assemelha a trabalhos forçados (Jó 7.1 e ss).

A uma sombra que passa (Jó 8.9 e ss).

A vaidade: vazio "sem valor", etc. (Jó 7.16 e ss).

A tristeza (Jó 20 e ss).

A lançadeira do tecelão (Jó 7.6 e ss).

Como águia que se lança à comida (Jó 9.26 e ss).

Como um sonho que voa, etc. (Jó 20.8). Em outras passagens dos livros poéticos, a vida é também retratada como sendo bela e fascinante!

a. Em o Novo Testamento, o termo figura com 11 sentidos diferentes, mas os termos hebraicos que são usados no Antigo Testamento e intercalados no Novo, são: nephêsh (alma), bãzãr (carne), ruah (espírito) e nê sãmâ (hálito), também é usada para denotar os seres humanos como seres vivos.

b. Em outras concepções, a vida era concebida como um todo integrado, harmônico, não havendo as distinções do pensamento grego, de corpo, alma e razão, ou as "nossas próprias distinções entre a vida física, a vida intelectual e a vida espiritual". Por essa razão é que termos como carne (Gn 6.13), alma (Js 10.28), espírito (1 Sm 30.12), ou

fôlego (Jó 27.3 e ss), são sempre tomados um pelo outro, para representar a vida em sentido geral. (108)

7. A VIDA E SUA ATUAÇÃO

Já tivemos ocasião de tocar neste assunto em outras notas expositoras, no decorrer deste livro, isto é, "a vida e suas formas de expressões". Estas formas são, em sua maioria, regidas pelo espírito, mas exercidas pela influência da alma.

Por exemplo, o sentir, o pensar, o exercer vontade de outras funções abstratas e atos paralelos são todos eles atividades da alma, indicando assim que a vida está presente no "EU' que está vivo. Quando um membro do corpo é ferido, a vida cai do seu grau superior (racional) para um estado de vida sensitiva (intermediária) e no caso de "uma lesão cerebral", então a vida cai de sua ação intermediária (sensitiva) para um quadro vegetativo (estado de coma). A alma então passa a ser como um músico com instrumento danificado ou quebrado. Há esforço, então ali, mas, por causa do instrumento danificado, as notas não podem ser emitidas com perfeição. Semelhantemente, quando o corpo está ferido (especialmente as partes cerebrais), então a alma, mesmo consciente de seu dever e função, não pode exercer suas funções com perfeição.

Observemos agora o esquema montado no quadro seguinte:

Os graus de vida vegetativa sensitiva e racional no quadro conjunto da Psicologia:

a. Introdução: objeto, método e divisão: O hábito - - sistema geral do gráfico:

I. O conhecimento sensível:	- A sensação - A percepção - A imaginação - A memória
II. A vida sensível	Ad. a. O instinto Ad. b. As inclinações Ad. c. As emoções, os sentimentos, as paixões.(109)
III. A vida intelectual	- A atenção

(conhecimento intelectual)	- O pensamento em geral - A idéia - O juízo - O raciocínio
(A atividade voluntária)	- A vontade - A liberdade
IV. O sujeito psicológico	Ad. a. O "eu" e a personalidade
(O sujeito empírico)	Ad. b. A consciência
V. O sujeito metafísico	- A natureza da alma humana - A união da alma e do espírito com o corpo - A origem da alma e do espírito.

8. A VIDA CARACTERIZADA

A vida caracterizada caracteriza-se como:

Poder de crescer e desenvolver-se, tomando certa quantidade de matéria do ambiente circundante e reorganizando-a segundo as estruturas da substância. Temos então poder de crescermos e desenvolver-nos na vida. Na escolha do material conveniente para o próprio desenvolvimento, o organismo vivente revela uma habilidade e uma sagacidade excepcional.

Se, por exemplo, tomarmos-lhe a matéria de que ordinariamente se alimenta para o seu crescimento, o organismo produz as *necessárias associações* com matérias complementares e rapidamente se reorganiza para atingir o mesmo escopo por outro caminho.

Essas substâncias são necessárias, não à vida, mas ao corpo, pois só através dele é que a vida limitada pode existir dentro de nossas dimensões. Esse singular comportamento mostra que a vida é dominada pelo princípio do finalismo (quando nos referimos à vida: não é à "vida existência", e, sim, à "vida natural").

a. Poder de responder aos estímulos exteriores. Esses estímulos são a capacidade de excitação. Com ela o organismo ordena a sua relação com os objetos circundantes, que o golpeiam com os seus estímulos. Ele se relaciona com eles não de forma passiva, mas se insere ativamente no mundo, que se torna, assim, o seu ambiente.(110)

b. Poder de reproduzir. Esse poder de reprodução deve ser (e é) segundo a própria espécie. Exemplificando, o doutor I. Asimov declara: "Também o mundo vegetal faz uma série de esforços para que a vida esteja nele presente. Quando a flor se abre, quando um broto se projeta ao alto na direção do sol, ou uma raiz se insinua no terreno procurando água. Mas isso já não é observado em objetos inanimados. Nenhuma pedra, nenhum objeto sem vida faz o esforço que um objeto na mais simples forma de vida necessita fazer". Já Tomaz de Aquino dizia: "O nome vida se usa para indicar uma substância à qual cabe mover-se por si mesma por força de sua própria natureza".(111)

9. A IDÉIA DA VIDA

A idéia (idéia aqui não significa ficção, mas percepção daquilo que é vida) da vida também expressa movimento e ação. O verbo viver (haya) parece ter, nas línguas semíticas, como origem, o sentido de contração muscular em oposição à morte, cuja raiz verbal significa - estender-se, afrouxar-se. A vida é pois uma tensão de todo o ser, animado de um poder que se manifesta pelo movimento. O doutor J. Buernier, médico francês,(112) declara: "A vida não é o fato passivo da existência, mas a presença de uma força ativa que move o homem e o impulsiona a movimentar-se.

"Confirma-se isto pelo emprego do adjetivo vivo, aplicado à coisa não dotada de vida, mas animada de movimento: fala-se de uma planta viva em oposição a uma planta morta (Sl 58.9), ainda mais, de uma água viva em oposição à água estagnada que não corre" (Gn 26.19; Lv 14.5).

Os mortos não possuem mais este poder ativo da vida e tornam-se seres muito fracos, ilustrados na poesia: sombras sem forças, habitantes da morada dos mortos

onde a vida continua num ritmo lentíssimo de existência (Sl 88.10; Is 14.9,10; 26.14).

a. Outra idéia importante ligada à noção da vida é a de plenitude e de intensidade. A palavra que corresponde ao nosso substantivo vida é quase sempre empregada no Antigo Testamento na forma plural: hayyim ou hayym; este número não indica pluralidade, mas intensidade particular da vida, perfeição e plenitude, fácil de ser precisada pelo emprego do verbo viver nos textos tanto jurídicos como nos naturais. a

Viver não significa tão-somente existir, no sentido comum da palavra, mas ainda: reencontrar a vida, reviver ou sobreviver, quando a fraqueza, a doença e a morte atacam o ser vivo.(113)

b. Isto é somente possível porque o Eterno é o Deus da vida. É Ele conforme expressão freqüente no Antigo Testamento, o Deus Vivo (Nm 14.28; 2 Rs 2.2; Jr 10.10; Ez 20.31; 33.11). Essa idéia, porém, não se prende unicamente ao Antigo Testamento; no Novo, o Deus vivo está também em foco (Hb 9.14; Ap 7.2, etc). Tal fórmula tornou-se de uso corrente quando pronunciavam-se palavras solenes ou juramentos.(114)

Isso significa que Deus cria o mundo e o homem fala, dirige, intervém na História, pune; quando necessário, livra (Dt 32.39; Is 57.14-18 e ss). Todas as expressões imagináveis que se relacionam à vida não podem ser entendidas senão na relação com Deus: a árvore da vida (Gn 2.9; 3.22; Pv 3.18), o caminho da vida (Sl 16.11), o manancial da vida (Sl 36.9), o livro da vida (Sl 69.28; Dn 12.1), o país da vida (Jó 28.13), a luz da vida (Sl 56.13), etc.

c. Nas traduções do Novo Testamento, a palavra vida corresponde a um dos três termos gregos: "zoê", "psychê" e "bios". a

O primeiro é bem mais usado.

O segundo, menos freqüente, significa exatamente "alma", da mesma forma que o hebraico nephêsh designa o alento de vida, o princípio de vida e, por conseguinte, o ser vivente, especialmente o ser humano (Mt 2.20; 6.25; Mc 3.4; Lc 12.20; Jo 10.11; At 2.41).

O terceiro, que é ainda menos comum, aplica-se especialmente à vida considerada em suas modalidades, ou seja, nas circunstâncias nas quais decorre (Lc 8.14; 1 Tm 6.12) ou nos recursos necessários para sua manutenção (Mt 12.44).

d. Se a noção da vida que se tem no Antigo Testamento se encerra para alguns nos limites deste mundo, o mesmo não acontece no Novo. Mas isto também não impede que os autores do Novo Testamento falem da vida tal como a conhecem, a experiência comum. À idéia de vida associa-se assim à de movimento (At 17.28).

Vivente é aquele que é dotado de força e de eficácia (Rm 12.1; 1 Pe 1.3). A vida é passageira (Tg 4.14), comparada a um lapso de tempo determinado (Rm 7.1-3; Hb 9.17). Deus faz nascer todas as coisas para a vida (1 Tm 6.13). Pode também tirar a vida que deu (Lc 12.20) ou destruí-la - não aniquilar (Mt 10.28). Conclui-se que o homem é responsável pelo uso que fez de sua vida, diante de Deus, juiz dos vivos e dos mortos.

10. O ALCANCE DO ARGUMENTO

O leitor deve já estar bastante familiarizado com o significado da vida. Agora, porém, passaremos mais adiante no tocante ao espírito, pois, em suma, é o principal ator deste argumento. Vejamos:

Semelhantemente, a análise do espírito humano pelo mesmo prisma que a alma é parcialmente conhecido por nós na consciência da seguinte forma:

a. Usada principalmente no Antigo Testamento e no Novo para falar do vento, como em Gênesis 8.1; Números 11.31; Hebreus 1.7 (se diz dos anjos: "...o que de seus anjos faz vento...") Freqüentemente usada ao falar de hálito, como em Jó 12.10, como exemplifica a íntegra: "Que está na sua mão [de Deus] a alma [fôlego] de tudo quanto vive, e o espírito [hálito] de toda a carne humana?"

O espírito como princípio da vida no homem tem diversos sentidos e aplicações. Nem sempre acontece, mas em uma vez ou outra, está em foco a diferença de [fôlego] para a alma, e de [hálito] para o espírito. Porém, quando

isso se consubstancia, às vezes é usada a expressão para indicar uma aparição de algo que partia do mundo espiritual: "...assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram com medo". E em Lucas 24.37 há semelhante idéia na imaginação dos discípulos: "...E eles, espantados e atemorizados, *pensavam* que viam algum espírito".

b. Como tivemos ocasião de tocar no assunto em outras notas expositivas, o espírito humano representa a natureza suprema do homem, e nessa peculiaridade rege a qualidade de seu ser e caráter. Aquilo que domina o espírito torna-se o atributo de seu caráter.

Por exemplo, se o homem permitir que o orgulho o domine, ele tem um "espírito altivo" (Pv 16.18) "...um espírito perverso" (Is 19.14); "...um espírito rebelde" (Sl 106.33); "...um espírito impaciente" (Pv 14.29); "...um espírito perturbado" (Gn 41.18); pode estar dominado por um "espírito de servidão" (Rm 8.15), ou ser impelido pelo "espírito de inveja" (Nm 5.14). Ou Conforme diz o original: "...um espírito de ciúmes".

Os pecadores, por exemplo, podem ser tomados de "...um espírito de covardia" (2 Tm 1.7); "...um espírito de profundo sono" (Rm 11.8); "...um espírito de prostituição" (Os 4.12), etc.[115]

Porém, é evidente que, aqueles que como Daniel, têm "...um espírito excelente" (Dn 6.3), devem ter: "...um espírito de brandura" (Gl 6.1); "...um espírito reavivado" (Gn 45.27); "...um espírito quebrantado" (Sl 51.17); "...um espírito novo" (Ez 11.19), etc.

c. Quando assim acontece, então o homem passa a possuir "...um espírito humilde" (Mt 5.3). Avançamos mais um passo, quando encontramos o espírito humano em relação com o Espírito de Deus. Pois o homem não passa de uma criatura à qual foi transmitida pelo Espírito de Deus, sendo a vida que ele tem um resultado do hálito de Deus.

Assim, a vida e a morte foram realisticamente descritas como uma concessão ou uma retirada do sopro de Deus. O espírito pode ser, assim, ou "esmorecido" (Sl 143), ou "abatido" (Pv 15.13) - lado negativo. Ou numa opera-

ção por parte de Deus: "...reviver" (Jz 15.19) - lado positivo.

---

(99) **Dic. Int. de Teol. do NT. p. 122. vol. II. 1985**
(100) **Es. de Teol. Sist. A. B. L. p. 130. 1977**
(101) **W. Nee. O Hom. Espirit. Vol. I. p. 33. 1986**
(102) **RJ. Curs. de Fil. 1984**
(103) **RJ. Curs. de Fil. 1984**
(104) **op. cit. 1984**
(105) **Idem. 1984**
(106) **J. B. Cit. p. J. J. V. Allmen. Voc. Bibl. p. 441 e ss. 1972**
(107) **op. Cit. 1972**
(108) **C. S. L. Teol. Sist. Vol.I. 1986**
(109) **RJ. Curs. de Fil. p. 127. 1984**
(110) **op. Cit. p. 117. 1984**
(111) **S. T. de Aquino, Sum. Teol. I. 18,2.**
(112) **Voc. Bibl. J. J. V. Allmen. p. 442. 1972**
(113) **op. cit. p. 442 e ss. 1972**
(114) **Idem. p. 443 e ss. 1972**
(115) **S. P. S. Dan, Vers. por Vers. p.110, 1986**

19

A fusão do espírito com a alma após a morte

Já tivemos ocasião de verificar em outras notas expositivas sobre "o homem e sua natureza" (cap. 6), sobre os temas: alma e espírito. Ambos os termos são usados livremente para indicar a parte imaterial do homem. Mas a questão em foco prende-se à razão da união "da alma com o espírito" no momento da morte física, verificada no corpo humano: a casa ou tabernáculo da morada de ambos.

Os filósofos (não todos) perguntavam entre si: "A alma fica ou morre com o corpo?" "A alma parte para um certo lugar e o espírito para outro? Ou ambos se entrelaçam em uma só parte espiritual, formando assim... um corpo de ordem espiritual (1 Co 15.44), e vão estar com Deus para que o mesmo determine sua sentença: Céu ou Inferno dependendo do caminho por eles escolhido?" Vejamos, portanto agora, a definição correta das Escrituras sobre o presente argumento:

1. UMA ALEGORIA PERFEITA

O capítulo 12 do livro de Eclesiastes apresenta um quadro alegórico sobre a vida humana. Primeiro fala-se do

homem físico ("...e o pó - corpo - volte à terra, como o era"); segundo, fala-se do homem espiritual ("...e o espírito volte a Deus, que o deu"). Vejamos o sentido deste argumento:

"Antes que se escureçam o sol, e a luz, e a lua, e as estrelas..." (v. 2).

Isso, além de outros métodos de interpretação, pode falar das quatro fases mais significativas da vida, tais como: o sol (a infância); a luz (atividades físicas, sensíveis e intelectuais); a lua (o lado poético da vida: o entardecer da vida); estrelas (a velhice), fala da noite (morte) que termina o dia (a vida).

"No dia em que tremerem os guardas da casa, e se curvarem os homens fortes, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e se escurecerem os que olham pelas janelas". Neste versículo (3), a interpretação é mais ou menos aquilo que segue:

"os guardas da casa" (os braços debilitados);

"e se curvarem os homens fortes" (as pernas enfraquecidas);

"e cessarem os moedores, por já serem poucos" (os dentes estragados);

"e se escurecerem os que olham pelas janelas" (visão enfraquecida - cegueira);

"e as duas portas da rua se fecharem por causa do baixo ruído da moedura" (os lábios se cerrando por causa daquilo que o contexto vai mostrar);

"por causa do baixo ruído da moedura" (os dentes amolecidos sem nenhuma capacidade de trituração);

"e se levantar à voz das aves" (audição enfraquecida);

"e todas as vozes do canto se baixarem" (surdez, fraca percepção da melodia, mesmo que seja forte o som, chega bastante fraco no ouvido debilitado);

"como também quando temerem o que está no alto" (sistema nervoso abalado);

"e houver espantos no caminho" (debilidade geral);

"e florescer a amendoeira" (cabelos esbranquiçados);

"e o gafanhoto for um peso" (nenhuma força física,);

"e perecer o apetite" (indisposição para alimentação - fastio);

"antes que se quebre a cadeia de prata" (tendão da espinha partido-paralisia da coluna?). Quanto a isto, há um universo de interpretações: algumas prendem-se ao campo teológico e, outras, ao campo filosófico. Vejamos:

O Dr. R. N. Champlin, Ph. D, declara aquilo que segue([116]): "Outra coisa a ser notada aqui é o 'fio da prata'. Também há referências bíblicas nesse sentido: '...antes que se quebre a cadeia de prata' (Ec 12.6a). São expressões poéticas acerca da morte física, mas é bem provável que a tradição do 'fio de prata' tenha entrado na poesia através do fato que o mesmo tem sido visto, e continua sendo visto por alguns, quando a morte se aproxima. O que é esse 'fio de prata' ou 'corda'? Parece ser um elo de ligação entre as energias físicas e as não-físicas do complexo humano.

"Pode ser até mesmo uma espécie de cordão umbilical. É deveras interessante, pois, que a morte seja produzida pelo partir dessa corda, o que dá à pessoa o nascimento em uma vida nova e superior".

O doutor Tudor Pole apresentou uma descrição similar de uma morte que vira: "Diretamente por cima do paciente, vi uma forma sombria que pairava em posição horizontal, acerca de sessenta centímetros acima do leito. A forma estava ligada ao corpo físico por dois fios transparentes (...) nesse momento dois personagens (dois anjos)? cortaram esses fíps". Não podemos afirmar se é ficção ou se é fato real, uma cousa é certa: a cadeia de prata diz respeito ao complexo humano e, evidentemente, essa forma de "fio de prata" físico e espiritual parte-se pela morte. ([117])

"e se despedace o copo de ouro" (o cérebro paralisado);

"e se despedace o cântaro junto à fonte" (pulmões estragados);

"e se despedace a roda junto ao poço" (coração partido - sinal positivo de morte), etc.

a. "E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec 12.7). A analogia termina já dentro dos limites da eternidade. O homem ("interior = espírito e alma") se desintegra do homem ("exterior = corpo físico") e segue o seu destino: Céu ou Inferno, dependendo do contexto (cf. Lc 16.19,31). Esse é o momento em que se descre- a

ve o momento da morte. A morte é, então, a separação da alma e espírito do corpo, e através dos quais (alma e espírito) o novo homem é introduzido no mundo invisível.

b. Tal experiência é retratada em toda a extensão da Bíblia, que usa frases aproximadas, decantadas na poesia e fora dela: la

"...dormir" (Dt 31.16; Jo 11.11; 1 Ts 4.13);

"...o desfazer da casa terrestre deste tabernáculo" (2 Co 5.1);

"...o deixar este tabernáculo" (2 Pe 1.4);

"...Deus pedindo a alma" (Lc 12.20);

"...seguir o caminho por onde não tornará" (Jó 16.22);

"...ser congregado ao seu povo" (Gn 49.33);

"...descer ao silêncio" (Sl 115.17);

"...expirar" (At 5.10);

"...fugir como a sombra" (Jó 14.2);

"...morrer" (Gn 35.18);

"...tornar-se em pó" (Gn 3.19), etc. Existem muitas outras passagens similares que certamente podiam ser aqui anotadas; porém usamos apenas estas, para expressar o significado do argumento.

2. O QUE ACONTECE À ALMA E AO ESPÍRITO?

A "alma" e o "espírito" marcavam a presença do "homem interior" no mesmo tabernáculo (quando o "eu" fala), que é o corpo (2 Co 5.1; 2 Pe 1.14) enquanto a morte não os separava, mas, uma vez feita esta separação, o corpo volta ao pó, como já ficou demonstrado, e a alma e o espírito "se entrelaçam" entre si formando agora "um corpo espiritual" (cf. 1 Co 15.40,44).

Eles, agora, se combinam entre si em cada detalhe, visto serem os dois de uma só substância e natureza, e podendo, portanto, conviverem juntos ocupando o mesmo espaço, pois não se trata[118] de substância orgânica e sim de seres espirituais, podendo, portanto, ocuparem o mesmo lugar (ou espaço) ao mesmo tempo. A alma humana e o espírito, são, de fato duas substâncias espirituais formadas pelo sopro de Deus (Gn 2.7; Sl 33.15; Ec 12.7; Is 57.16; Zc 12.1; Hb 12.9), para que juntos habitem no corpo humano. Segundo se diz, quando estes terminam sua peregrinação

neste mundo, voltam para Deus, e esta volta para Deus e é feita através dos anjos celestiais, à imediata presença de Cristo (Lc 16.22; At 7.59).

Além destas citações, existem documentos, tanto no Antigo como no Novo Testamento, que contêm essas revelações. Os trechos bíblicos que subentendem ou ensinam claramente a existência da alma e do espírito ante a morte física são os seguintes:

a. Antigo Testamento: Jó 32.8; Sl 86.13; Pv 15.24; Ec 12.7; Is 14.9,10; Ez 26.20; 32.21 e outros contextos similares.

b. Novo Testamento: Mt 10.28; 17.1-4; Mc 8.36,37; Lc 16.19-31; 23.43; At 7.59; 2 Co 5.8; 12.1-4; Fl 1.21-23; Hb 12.23; 1 Pe 3.18-20; 4.6; Ap 6.9,10; 20.4, e outros contextos paralelos. ([119])

Após este entrelaçamento entre a alma e o espírito, as Escrituras (especialmente o NT) usam várias expressões para denotar o significado do pensamento.

Por exemplo, aqueles que doravante partiram para a dimensão celestial são tidos assim:

"...dormiram em Cristo" (1 Co 15.18); "...morrem no Senhor" (Ap 14.13); significa que eles já não podem ser separados dele (Rm 8.38); é possível, pois, (sem egoísmo, contudo! Fl 1.23 e ss) o desejo "...de partir, e estar com Cristo" (cf. 2 Co 5.6 e ss). Mas onde está com Ele?: No Inferno (Rm 10.7); na Jerusalém celestial? (Hb 12.22); ou sob o Paraíso? (Lc 23.43; 2 Co 12.4); no Altar (Ap 6.9), ou diante do trono? (Ap 9.7); ou no seio de Abraão? (Lc 16.22). Ora, as Escrituras não nos deixam dúvidas quanto a isto! Vejamos pois:

I. "E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o Seio de Abraão..." (Lc 16.22a);

II. "E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43);

III. "E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da Palavra de Deus e por amor do testemunho que deram" (Ap 6.9). Evidentemente, esses lugares mencionados representam a imediata presença de Cristo, no Céu, diante do trono. Ali,

tudo é felicidade! Em relação a essa vida, diz Paulo: "...isto é ainda muito melhor" (Fl 1.23b).

---

(116) **O NT. Int. v.p.v. R.N. Champlin, Ph, D. 1982**
(117) **op. cit. 1982**
(118) **RJ. Curs. de Fil. p. 276. 1984**
(119) **Teol. Sist. Vol. I. 1986**

20

O homem e o tempo

Nas palavras do Senhor Jesus em Marcos 2.27 está expresso o significado do pensamento no que diz respeito ao homem e ao tempo: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado". Em outras palavras, isso quer dizer que o tempo (porque o sábado é uma fração de tempo) foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. ([120])

1. DEFINIÇÃO DO TEMPO

"O tempo veio a existir dentro de 'uma fenda da eternidade'. Deus o criou quando disse: '...e foi tarde e a manhã o dia primeiro' (Gn 1.5b). Um dos maiores problemas na imaginação humana é: 'O que é o tempo?' . Agostinho, por exemplo, perguntava entre si: 'Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Poderíamos explicá-lo com palavras? com efeito, não se pode conceber o tempo sem o movimento' . O tempo sem o movimento não seria tempo. Seria eternidade. O tempo é, pois, uma espécie de números. Mas não é um número descontínuo; é um número contínuo e fluente."

Costumamos dizer que um tempo é longo e outro é breve, referindo-nos somente ao passado e ao futuro. Por exemplo, cem anos passados, cem anos a vir, é um tempo longo; enquanto que dez dias passados ou dez dias a vir são tempos breves.

Agostinho pergunta: "Como se pode chamar de longo ou breve aquilo que não existe? O passado não existe, o futuro ainda não existe. Portanto, seria melhor dizermos em relação ao passado: foi longo; e do futuro: será longo... Aquele tempo passado foi longo quando era já passado ou quando ainda era presente? Podia ser longa apenas no momento em que existia; uma vez passado, não mais existia; portanto, não podia ser longo, porque de fato não existia".

Comumente, os filósofos dividem o tempo em três partes: o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro.

Só o presente existe: o passado já não é e o futuro ainda não é.

a. O tempo concreto ou vivido. É aquele que resulta do movimento vivido por cada ser. Um poeta inglês descreve este tempo nas seguintes linhas: "Quando, como criança, eu ri e chorei, o TEMPO se arrastou. Quando, como jovem, eu sonhei e falei, o TEMPO andou. Quando me tornei um homem maduro, o TEMPO correu. E quando envelheci, o TEMPO voou. Breve, ouvirei no fim de minha jornada - o TEMPO passou".

Na vida humana, por exemplo, esse tempo algumas vezes é suprido pelas muitas ocupações. Sempre algumas vezes ouvimos alguém dizer: "Não tenho tempo". Assim o tempo pode ser mais ou menos rápido, conforme a rapidez ou a lentidão do movimento vivido por nós.([121])

b. O tempo abstrato. É o tempo uniforme e vazio que nós representamos como uma linha, ao longo da qual se situam os acontecimentos do Universo. Este é o tempo abstrato de que fala o profeta Isaías (57.4): "De quem fazeis o vosso passatempo?".

Mas, evidentemente, isso faz também parte do tempo abstrato: "...tudo tem o seu tempo determinado" (Ec 3.1a).

c. O tempo objetivo. É o tempo resultante do movimento sobre si mesmo, e que foi tomado como unidade

(um dia de vinte e quatro horas). Este tempo uniforme depende de nós, se bem que, sem um espírito que numere (ou meça) o movimento da terra, o tempo não existiria em ato, mas apenas em potência, no movimento da terra. Para Deus esse tempo passa sem ser medido ou observado.

2. COMO MEDIR O TEMPO

Agostinho, em "Meditações", procurava entender o movimento do tempo, pois, para ele, jamais o homem viveria sem a noção do tempo. "Todavia, Senhor, percebemos os intervalos do tempo, comparamos um com o outro, e afirmamos que uns são mais longos, outros mais breves.

"Meditamos também quanto tempo é mais longo ou mais breve que outro, e depois afirmamos que este é o dobro ou triplo, enquanto aquele é simples; ou, ainda, dura tanto este quanto aquele. Mas se fizemos tais cálculos, é porque temos a percepção do tempo que está passando.

"Mas quem pode medir o tempo passado, que agora já não existe, ou o tempo futuro, que ainda não existe, se não tiver a coragem de dizer que pode medir o que não existe? Portanto, pode-se perceber e medir o tempo que está passando; mas se já é passado não se pode mais medir, porque não existe".([122])

3. OS CALENDÁRIOS

Os calendários são sistemas para computar intervalos de tempo determinados, com base em princípios astronômicos. O fato de se basearem em unidades de tempo heterogêneas: - as resoluções da Lua ou a translação aparente do Sol - fez com que freqüentemente não coincidissem os calendários utilizados por um ou outro povo. Nos lunares, o dia tem início com o pôr-do-sol (tradição conservada pelos hebreus e pelos muçulmanos); nos solares, o dia começa com o nascer do sol, como no Egito.

O calendário gregoriano, entretanto, conserva o costume romano, de origem mesopotâmica, de considerar que o dia começa à meia noite.([123])

a. *Calendário egípcio.* O mais antigo que se conhece. e.
Seu ano compunha-se de 365 dias divididos em doze meses

de trinta dias, aos quais somavam-se cinco dias suplementares no fim do ano.

Os nomes Thot, Faofi, Athir, Choiak, Tíbia, Mechir, Famenoth, Farmuti, Pachon, Paini, Epiti e Mesore são repartidos em três estações de quatro meses: Akket, a das cheias; Pert, a da semeadura; e Shemu, a da colheita.

b. *Calendário babilônico.* Compreendia doze meses lunares de trinta dias, somando o ano 360 dias. De seis em seis anos era necessário adicionar um mês suplementar, para evitar uma defasagem nas datas de início das estações.

Seus meses eram: Nisan (março-abril), Aiar (abril-maio), Siuan (maio-junho), Tamuz (junho-julho), Ab (julho-agosto), Elul (agosto-setembro) Teshrit (setembro-outubro), Arahsamna (outubro-novembro), Kislimu (novembro-dezembro), Tebet (dezembro-janeiro), Shebat (janeiro-fevereiro), Adar (fevereiro-março) e Adar II (o mês suplementar).

c. *Calendário judeu.* O calendário primitivo de Israel (com algumas modificações depois) compõe-se de doze meses de 29 dias e forma ciclos de dezenove anos, aos quais se acrescentam um 13º. Os anos têm 353 dias quando são defeituosos; 254 se regulares e 383 se abundantes. Só três meses possuem trinta dias: Chesvan, nos anos abundantes, Kislev, nos anos regulares e Adar, nos anos bissextos.

Os nomes dos meses são: Tishri, Chesvan, Kislev, Tebet, Nisan, Iyar, Sivan, Shehat, Adar, Tamuz, e Av e Elul (e Veadar nos anos bissextos).

d. *Calendário grego.* Na Grécia, de acordo com as informações enciclopédicas cada cidade-estado tinha seu calendário próprio, embora todos se assemelhassem. O mais difundido foi o ateniense, constituído por doze meses lunares, alternadamente de 29 a 30 dias. Esse ano, também é chamado ático, começava no primeiro novilúnio depois do solstício de verão, com a seguinte distribuição de meses:

Hekatombálion (julho, 30 dias), Metageintnion (agosto, 29 dias), Boedromíon (setembro, 29 dias), Posidéion (dezembro, 30 dias), Gamélion (janeiro, 30 dias), Anthesteríon (fevereiro, 29 dias), Elaphebolion (março, 30 dias),

Munikhíon (abril, 29 dias), Thargélion (maio, 30 dias), Skirophoríon (junho, 29 dias).

Com a conquista romana, adotou-se o calendário juliano, cujo uso continuou mesmo durante a dominação turca, embora o calendário oficial nessa época fosse o muçulmano. A adoção do gregoriano só foi feita em 1924. (124)

e. *Calendário romano primitivo.* O ano tinha 298 dias, distribuídos por dez meses lunares de 29 ou 31 dias. Como a defasagem entre os meses e as estações correspondentes foi se tornando muito grande, foram acrescentados dois meses de 29 e 28 dias - janeiro e fevereiro - e o ano passou a ter 355 dias. De dois em dois anos, deveria ser intercalado um 13° mês, Mercedonius, com 22 ou 23 dias, segundo as necessidades.

Os meses chamavam-se Mars (31 dias), Aprilis (29 dias), Maius (31 dias), Junius (29 dias), Quintilis (31 dias), Sextilis (29 dias), September (29 dias), October (31 dias), November (29 dias), December (29 dias), Januarius (29 dias) e Februraius (28 dias). Posteriormente, Quintilius e Sextilis teriam seus nomes mudados para Julius e Augustus, em homenagem a Júlio César e ao imperador Augusto. (125)

f. *Calendário Chinês.* Divide-se em doze meses de 29 a 30 trinta dias, com compensação adicional de um mês extra a cada dois anos e meio. Os anos são classificados em ciclos sexagenários - por exemplos, 1864 - 1923, 1924 - 1983, etc. - que se subdividem, por sua vez, em grupos de doze, designados com nomes de animais. Um ciclo completo de doze compõe-se dos anos do Dragão, da Serpente, do Cavalo, da Cabra, do Macaco, da Galinha, do Cachorro, do Porco, do Rato, do Boi, do Tigre e da Lebre. (126)

g. *Calendário muçulmano.* O ano compõe-se de doze meses lunares, e forma ciclos de trinta anos, dos quais são bissextos o 2º, o 5º, o 7º, o 10º, o 13º, o 16º, o 18º, o 21º, o 24º, o 26º e o 29º.

Os anos comuns têm 354 dias e os bissextos 355; nestes, o último mês tem um dia adicional com exceção desse caso, os meses têm, a partir de Moharrem; trinta e vinte e oito dias alternadamente.

Os meses são Moharrem (sagrado), Záfar (da partida para a guerra), Rabi I e Rabi II (da primavera), Yumada I e Yumada II (da seca), Reyeb (do respeito e da abstinência), Chaban (da germinação), Ramadan (do grande calor), Chual (do acasalamento dos animais), Dulkada (do descanso) e Dulhiya (da peregrinação).

h. *Calendário maia e asteco.* Os maias - e, por adoção, os astecas - tinham um calendário religioso de 260 dias, dividido em treze meses de vinte dias, e um calendário solar de 365 dias, constituído de dezoito meses de vinte dias, e mais cinco dias adicionais, considerados nefastos. ([127])

i. *Calendário Juliano.* Organizado em 46 a.C, por ordem de Júlio César, pelo astrônomo Alexandrino Sosígenes.

Este fixou a duração média do ano em 365 dias e seis horas (o que tornou necessária a criação de um dia adicional de quatro em quatro anos) e colocou o início do ano em 1º de janeiro.([128])

A alteração na ordem de sucessão dos meses fez com que o nome dos quatro últimos perdesse o sentido. Para que fosse possível pôr em execução o novo calendário, o ano de 46 a.C, segundo dados históricos, foi aumentado para 445 dias, com o intercalamento de três meses provisórios - o que fez com que fosse chamado pelos historiadores o "ano da confusão".

Cada mês era dividido em três partes desiguais pelas calendas (sempre o primeiro dia do mês), nonas e idos (respectivamente 7 e 15 em março, maio, julho e outubro, e 5 e 13 nos demais meses).

A denominação do dia intercalar quatrienal, chamado "bis sextus antékalendas martias", porque era acrescentado ao 6º dia antes do início de março - perdeu igualmente o sentido quando ele foi transferido para 29 de fevereiro.

Nessa época, segundo informações, foi adotada a semana de sete dias (septimana = sete manhãs), de origem babilônica, com nomes que reverenciavam os deuses pagãos.

j. *Calendário gregoriano.* O excesso de onze minutos e catorze segundos anuais em relação ao ano trópico fez com que o ano juliano o excedesse de 0.78 dia por século. Em

quatro séculos, a diferença, era de três dias e meio, o que fazia avançar o equilíbrio (ponto da órbita da Terra em que se registra uma igual duração do dia e da noite: verifica-se nos dias 21 de março e 23 de setembro) da primavera.

Este fato impedia a determinação precisa do dia da Páscoa (o primeiro domingo depois da lua cheia que se segue ao equinócio da primavera).

O Concílio da Constança (1414) e o Concílio de Trento (1563) propuseram que se corrigisse esse inconveniente.[129] Em 24 de fevereiro de 1582 essa reforma foi decretada pelo papa Gregório XIII, através da bula "Inter gravíssimas", após ter obtido o acordo dos principais soberanos católicos (...)

l. *Calendário revolucionário francês.* Instituído em 1792, compunha-se de doze meses de trinta dias, distribuídos em três décadas. O dia foi dividido em 10 horas e 100 minutos, estes, por sua vez, divididos em 100 segundos. Aos 360 dias acrescentava-se, anualmente, cinco dias complementares, e um sexto a cada quadriênio.

Os nomes dos meses inspiravam-se nos aspectos das estações na França: "Vendémiaire (setembro-outubro), Brumaire (outubro-novembro), Frimaire (novembro-dezembro), Nivôse (dezembro-janeiro), Pluviôse (janeiro-fevereiro), Ventôse (fevereiro-março), Germinal (março-abril), Floréal (abril-maio), Prairial (maio-junho), Messidor (junho-julho), Thermidor (julho-agosto) e Fructidor (agosto-setembro)."

Esse calendário teve vigência de 22 de setembro de 1792 a 1º de janeiro de 1806, quando Napoleão I ordenou o restabelecimento do gregoriano.[130]

m. *O alcance do argumento.* No início deste capítulo, falamos sobre a necessidade de Deus criar o tempo em favor do homem. E, evidentemente, o homem tem consigo os três tempos - passado, presente e futuro na sua mente. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros.

O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera.[131]

O tempo corresponde ao que muda, ao que comporta a sucessão e o vir-a-ser. A eternidade é uma duração, quer dizer, uma permanência de ser, sem nenhuma sucessão e, daí, sem começo nem fim. Chegará o dia, certamente, em que os santos lavados no Sangue do Cordeiro sairão dos limites do tempo e entrarão na eternidade! Prezado leitor! O tempo foi feito para você é por causa de você. Nele, você terá o tempo de se preparar para a eternidade. "Tudo tem o seu tempo" (Ec 3.1)! "Eis aqui agora o tempo aceitável..." (2 Co 6.2). Aproveite-o!

MEDITAÇÃO: "A oportunidade de tempo não volta", diz um provérbio chinês. Há quatro coisas na vida que não podemos tornar atrás: "a flecha disparada; a oportunidade perdida; a palavra dita, e o tempo passado".

---

(120) S.A. (Confissões), p. 321 e ss. Liv. XI, 1984
(121) RJ. Curs. de Fil. 1984
(122) S.A. (Confissões), p. 320, Liv. XI, 1984
(123) Alm. Ab. p. 663. 1984
(124) op. cit. p. 663. 1984
(125) Idem. Col. B. 1984
(126) Idem. p. 664. 1984
(127) Enc. Univers. Verbete "Calendário". 1982
(128) Alm. Ab. p. 664. 1984
(129) op. cit. p. 664. 1984
(130) Idem. Col. b. 1984
(131) S. A. (Confissões). 320 e ss. 1984

21

A Antropologia cultural

Este ramo da Antropologia é também chamado de "antropologia etnológica" e a ela prendem-se vários aspectos da Antropologia Geral, que abrange aspecto social, aspecto físico e aspecto filosófico (ainda que esta seja estudada separadamente sobre o aspecto de Antropologia Filosófica), contudo, entra também no contexto da Antropologia Cultural.

1. O QUE É RAÇA?

Raça é um grupo humano que se distingue de outros congêneres por ser portador de certas características físicas hereditariamente transmissíveis. Trata-se de conceito puramente biológico.

Entre as classificações raciais mais recentes, a de Von Eickstedt, em 1938, reconhece 38 raças diversas (raça aqui não é espécie); a de Vallois, 26, divididas em 4 grupos, em 1948; as de Coon, Garn e Birsell, em 1950, 6 grupos com 30 raças, algumas delas geográficas; e a de Biasutti, em 1959, 4 subespécies, 16 raças primárias e 52 secundárias.[132]

Algumas das diferenças físicas entre grupos humanos provém de diferenças na constituição hereditária e algumas das diferenças nos meios em que se desenvolveram.

Na maior parte, ambas as influências operaram, disse a UNESCO em 1952, em sua declaração sobre raça. Além dos quatro mecanismos evolutivos - miscigenação, mutação, seleção natural, derivação genética, etc. Algumas dessas diferenças são processadas durante o desenvolvimento do corpo humano. Razão por que podemos admitir que durante este período o corpo, mesmo sendo de barro, se encontra semelhante à cera.

Vejamos os dados da Enciclopédia Barsa, Vol II. verbete de "Antropologia Etnológica":(133)

"Reconhecem-se estágios nitidamente diferenciados nesse período. Na primeira infância, que se entende do nascimento até dois anos e meio; neste período, há considerável crescimento de estatura e peso. A seguir, a infância média de dois e meio a sete anos; mantêm-se as formas infantis arredondadas, e o crescimento é mais em largura que em comprimento ou altura. De 7 a 12 anos nos meninos e a 11 nas meninas, há uma crise de crescimento linear, desaparecendo o tecido adiposo que arredondava a criança.

"Na adolescência, de 11 a 15/16 anos nas moças, e de 12 a 17/18 anos nos rapazes, processam-se os fenômenos da puberdade, acarretando a maturação dos órgãos genitais. Pode-se, ainda, distinguir uma fase pré-puberdade, com forte crescimento linear, que diminui no período puberal, substituído por crescimento de peso, etc.

"Durante este processo de formação, dependendo do clima *quente,* pressão do ar acentuado, geralmente, faz que o corpo humano se torne uma estatura 'baixa e grossa'. Já num clima bastante *frio,* ar em linha horizontal, faz que o corpo humano se desenvolva numa 'estatura alta e esbelta'".

Porém, é evidente que, segundo alguns especialistas, tanto o clima *quente* como *frio* devem ser dosados, pois, quando isso não acontece, então a desproporção apela para os extremos: no clima quente as pessoas têm uma estatura

quase que anormal, enquanto que no clima frio, uma estatura excessivamente baixa (os esquimós, etc).

(132) **Int. à Antrop. A. M. 1696**
(133) **Enc. Bars. Vol. II. Verb. de "Antrop". pp. 478,481. 1982**

22

A coloração da pele

As Sagradas Escrituras, em seu escopo geral, não usam nenhuma discriminação racial e nem tampouco autoriza qualquer interpretação neste campo. Necessariamente, nem sequer, a Bíblia usa a expressão: "...uma pessoa negra" ou "...uma pessoa preta etc".

Apenas em alguns casos, ela aproxima o significado do pensamento, em passagens tais como: Cantares de Salomão (1.5a): "Eu sou morena, mas agradável, ó filhas de Jerusalém..." - "...Não olheis para o ser morena, porque o sol resplandeceu sobre mim..." (1.6a). Em Jeremias 13.23, há alusão a uma pessoa de pele escura, porém, com outro tom: "Pode o etíope (rosto - tostado) mudar a sua pele?" Mas, nenhuma destas passagens estabelece discriminações raciais, e, sim, estabelece valores, visto que, por onze vezes na Bíblia se diz que Deus não faz acepção de pessoas.

1. AS INTERPRETAÇÕES

Aqueles menos esclarecidos afirmam que a pele negra, ou, segundo se diz, "pessoa de pele negra" surgiu através de Caim e seus descendentes, e invocam para tal interpre-

tação a passagem de Judas vv 11,12, ligando a palavra "Caim" com o vocábulo "manchas". Porém, esta forma de interpretação, além de grosseira e hedionda é, necessariamente, desautorizada pela Palavra divina. Razão por que Caim e toda sua prole só chegaram até o Dilúvio e nenhum dos seus familiares atravessou além desta fronteira. Todos ali pereceram!

Já outros, porém, seguem outra linha de pensamento, quase dentro do mesmo conceito reprovado pela autoridade das Escrituras Sagradas. Isto é, que a coloração da pele teve sua origem em Canaã, o neto de Noé. A seguir invocam para este argumento a declaração de Noé em Gn 9.25, que diz: "Maldito seja Canaã". Mas, como já tivemos ocasião de ver na declaração acima, ninguém deve se basear em tal declaração; aceitamos que uma opinião científica respeitosa sobre a presente questão será bastante satisfatória. Vejamos:

a. A coloração da pele, a julgar pela distribuição geográfica (usando-se clima e relevo), é um caráter *adaptativo.* A pigmentação (coloração da pele) muito escura localiza-se em regiões de temperaturas quentes e úmidas, ao contrário das levemente pigmentadas.

Na Índia, por exemplo, determinadas doenças da pele restringem-se aos europeus ali existentes e as infecções da pele sempre se verificam no rosto dos marinheiros de pele branca.([134])

b. Outros, porém, aceitam tal processo como mutações. As mutações, mudanças, alterações, etc, estão sempre ocorrendo constantemente em um indivíduo e, ao longo do tempo, propagam-se aos outros.

Outros cientistas, porém, advogam que tais mudanças são influenciadas pelas condições geográficas, e tudo nos leva a crer que sim, o clima e a alimentação influenciam na formação de "novos caracteres externos" (pele, formato do corpo, etc), e na *quinta geração* começa, lentamente, um processo de codificação genética na pessoa humana.

2. OS CRITÉRIOS UTILIZADOS

(O que segue são dados extraídos da "Enciclopédia Universal", em seu verbete "Grupos Étnicos"):

Os critérios utilizados pelos cientistas para a classificação dos grupos raciais baseiam-se na estrutura do corpo e caracteres físicos. Os elementos mais comumente usados neste sentido, são:

a. A cabeça - altura (baixa ou alta) e a forma ou índice cefálico, que pode ser obtido com a fórmula:

$$\frac{\text{Comprimento do Crânio X 100}}{\text{Largura do Crânio}}$$

Dados científicos: Tem-se:
Dolicocéfalo - cabeça alongada, menos de 75.
Mesocéfalo - cabeça intermediária - entre 75 a 80.
Braquicéfalo - cabeça curta - mais de 80.

b. Dados gerais, tais como:
Nariz - comprimento e largura
Cabelo - textura (fina, grossa), grau de ondulação (liso, ondulado, encarapinhado), cor (loiro, castanho, preto).
Lábios - finos, polpudos.
Pêlos - quantidade e distribuição pelo corpo.
Pele - coloração (desde o branco ao negro).
Olhos - cor, formato, prega epicântica.
Queixo - orelhas, maxilar inferior.
Rosto - alto, baixo, constituição do corpo, peso.
Grupos sangüíneos, etc.([135]) Existem outros possíveis dados, porém estes são de fato os mundialmente aceitos.

3. OS GRUPOS ÉTNICOS DO HOMEM

As autoridades etnológicas classificam a humanidade em três grupos principais, a saber:
Primeiro: negróide;
Segundo: mongolóide;
Terceiro: caucasóide.

Um grupo étnico principal é um complexo de populações que se classificam juntamente, em virtude da básica similaridade de certos traços e caracteres físicos.

a. *O grupo principal negróide.* Este grupo caracteriza-se pela pele castanho-escuro, muitas vezes quase ebânea e, em algumas populações, de um castanho amarelado.

Os pêlos do corpo são escassos; o cabelo varia entre o extremamente encarapinhado e o ralo (tufos esparsos). O

nariz tende a ser largo e algo achatado, os lábios geralmente grossos e revirados, e nota-se a projeção de mandíbula para a frente.

As orelhas, de ordinário, são pequenas e a cabeça é comprida. Deste grupo distinguem-se três subgrupos, que são:

Os negróides africanos;

Os negróides oceânicos, do território na Nova Guiné e de ilhas que se estendem para o leste até as ilhas Fiji;

Os negróides do Sudeste da Ásia, que incluem os andaneses da Baía de Bengala, os semangues da Pensísula Malaia e de Sumatra Oriental e os aetas das Filipinas e tribos adjacentes.([136])

b. *O grupo principal mongolóide.* Neste grupo, a pele tem, às vezes, um matiz levemente amarelado, e observa-se na maioria dos indivíduos uma prega da pele sobre o ângulo interno dos olhos: prega epicântica, ou mongolóide. Os pêlos do corpo são ralos, e o cabelo, preto, escorrido, é menos abundante por centímetros quadrados do que entre os caucasóides.

Os mongolóides habitam o Norte, o Centro e o Sudeste da Ásia - abrangendo as Filipinas, a Indonésia, as Índias Orientais e as Américas, pois os índios americanos são membros desse grupo principal.

c. *O grupo principal caucasóide.* Este grupo é comunente denominado ("branco") por causa da pele "branca" que caracteriza a maioria dos seus membros.

O nome "caucasóide" lhe foi conferido pelo pai da Antropologia física: O doutor Johann Fridrich Blumenbach (1752-1840), que descreveu o tipo baseado no crânio de uma mulher oriunda da Geórgia, no Cáucaso.([137])

A cor da pele varia entre o branco e o castanho-escuro. Os pelos do corpo são geralmente bem desenvolvidos, e o cabelo vai desde o liso sedoso, passando pelo ondulado, até vários graus de crespidão.

Nunca é lanoso, raras vezes se apresenta encarapinhado, e quase nunca é tão grosso nem tão escassamente distribuído quanto nos mongolóides.

O nariz é relativamente estreito e protuberante, os lábios tendem a ser finos, e entre os membros desse grupo se

encontram todas as formas de cabeça. O habitat original dos caucasóides foi a Grande Europa; hoje, eles estão amplamente distribuídos sobre a face de toda a terra.

A DIFERENCIAÇÃO. Geralmente, grupo étnico é uma população "distinta" ou "um grupo principal distinto". No presente estado, preferimos a expressão "grupos étnicos" a "raças" porque, entre outras razões já mencionadas, não tem pretensões a uma precisão que, de fato, não existe. O grupo étnico representa uma população entre muitas populações que, juntas, constituem um grupo principal, mas que, individualmente mantém suas diferenças físicas e culturais, por meio de mecanismos isolados: como as barreiras geográficas e sociais.

Daremos aqui uma distribuição geográfica e uma classificação dos grupos principais e dos grupos étnicos do homem:

I. **NEGRÓIDE**

O verdadeiro negro: África Ocidental, Camarões e Congo;

Os semicamitas: África Oriental e África Centro-Ocidental;

O negro da floresta: África Equatorial e Tropical;

O negróide de língua banta: África Central e do Sul;

O negro nilótico: Sudão Oriental e Vale do Nilo Superior;

O boximane: Sul de Angola e Noroeste da África Continental;

O hotentote: África do Sul.

Ad. I. Negróides Oceânicos: grupos étnicos - especificação:

Papuas: Nova Guiné;

Melanésios: Melanésia;

Ad. II. Pigmeus Africanos ou Negrilhos: grupos étnicos - especificação:

Pigmeus asiáticos: ou Negritos: África Equatorial;

Andamaneses: Ilhas Andamãs;

Semangues: Região central da Península Malaia e Sumatra Oriental;

Negritos filipinos: Ilhas Filipinas.

Ad. III. Pigmeus Oceânicos ou Negritos: grupos étnicos - especificação:

Pigmeus da Nova Guiné: Nova Guiné, etc,[138]

II. MONGOLÓIDE

Mongolóide clássico: Um número indeterminado de grupos étnicos nas populações mais antigas do Tibete, da China, das Coréias, do Japão e da Sibéria, incluindo tribos como a dos buriatos, a leste e a oeste do Lago Basical, a dos coriaques do Norte da Sibéria, e dos giliaques da extremidade mais setentrional de Sacalina e no continente ao norte do estuário do Amur (que parecem ter-se misturado com os ainos) e a dos goldias no Amur inferior e em Ussuri.

Os Mongolóides árticos: grupos étnicos - especificação:

Esquimós, no extremo do Nordeste da Ásia, na costa ártica da América do Norte, na Groenlândia. O tipo inclui os aleútes das Ilhas Aleutinas, e os Chukchis da costa do Nordeste da Sibéria.

Evenques ou tungus verdadeiros (americanóides): Mongólia, Sibéria, serranias asiáticas ao norte dos Himaláias.

Camechadais - Camecháteca;

Samoiedos: Península de Cola, mar Branco e regiões do Ieniesi.

Ad. I. Os Mongolóides do extremo Nordeste do continente asiático são os paleoasiáticos, considerados como o complexo das antigas populações da Ásia, que migraram cedo para essa extrema região periférica.

Ad. II. As populações que se acredita hajam migrado mais tarde para o Nordeste do continente asiático são consideradas como os necasiáticos.

Os Paleoasiáticos: especificação geral: Chukchis, coriaques, comechadais, giliaques, esquimós, aleútes, iucagires, chuvantsis, ostiagues do Ienisei, ainos.[139]

Neo-asiáticos: Tribos, fínicas, samoiédicas, turcas, incluindo os iacutos, mongólicos; tungúsicas.

Índios americanos: grupos étnicos - especificação geral: Um número indeterminado de grupos étnicos da América do Norte, da América Central e da América do Sul.

Índio-malaios: grupos étnicos - especificação geral: Indonésia: China do Sul, Indochina, Birmânia, Tailândia, Interior do Arquipélago Malaio.

Malaio: em adição à distribuição Indonésia, Península Malaia, Índias Orientais Holandesas, Filipinas, Oquinava e ilhas adjacentes.

III. CAUCASÓIDE

Grupo principal: Caucasóide - especificação geral:

Mediterrâneo básico: Regiões fronteiriças da Bacia Mediterrânica;

Atlanto-Mediterrânico: Oriente Médio, Balcãs Orientais, África, Portugal, Ilhas Britânicas.

Irânio-Afegane-Mediterrânico: Irã, Afeganistão, partes da índia, Arábia e Norte da África.

Nórdico: Europa Central, Escandinávia e regiões vizinhas, Báltico Oriental: regiões do Báltico Oriental.

Lapões: Norte da Escandinávia, Península de Cola;

Alpino: França ao longo dos Alpes até a Rússia;

Dinárico: Alpes orientais, da Suíça à Albânia, Ásia e Síria;

Armenóides: Ásia Menor;

Camitas (descendentes de Cão): África do Norte e Oriental;

Indo-dravídico: índia e Ceilão (Sri Lanka);

Polinésios: Polinésia (Pacífico Central), etc.

SUBGRUPO: australóide ou caucasóide arcaico - grupo distribuído por regiões:

Australiano: Austrália;

Vedá: Ceilão (Sri Lanka);

Pré-dravídico: Índia;

Aino: Japão, Hocaido (Ieso) e ilhas Sacalinas. São, portanto, estes grupos, segundo se classificou, os grupos étnicos do homens ou da humanidade.

---

(134) op. cit. A.M. 1969
(135) G.D. Enc. Univers. Vol. II, pp. 50 e ss
(136) Int. à Antrop. A.M. 1969
(137) Idem. A.M. 1969
(138) Idem. A.M. 1969
(139) G. Durand. Enc. Univers. Vol. II. pp. 55-60

23

O homem e as concepções morais

A Moral é a ciência que define as leis da atividade livre do homem. Poder-se-ia ainda dizer, de uma maneira mais explícita, que a Moral é a ciência que trata do uso que o homem deve fazer de sua liberdade, para atingir seu fim último.

A divisão da Moral ressalta naturalmente do que acabamos de dizer, quando falamos que a Moral é a ciência que trata do uso que o homem deve fazer e o método apresentado dentro de um tempo experimental. Isto quer dizer, em outras palavras, para melhor compreensão do significado do pensamento, que este tempo é necessário para que o ser humano demonstre aquilo que é e aquilo que não é.

1. A CARIDADE

A caridade, quando vista do ponto de vista filosófico, consiste no amor ao próximo. Vai, pois, além da justiça, que manda somente respeitar os direitos do outro.

Ela é essencialmente o dom de nós mesmos e daquilo que nos pertence, como conseqüência de um amor de benevolência que nos impulsiona a querer fazer o bem ao próximo (...)

Portanto, o dever de caridade baseia-se na fraternidade dos homens entre si, enquanto que o dever de justiça se fundamenta apenas nos direitos estritos da pessoa humana. Vemos, de fato, na História, que a idéia de caridade progrediu ao mesmo tempo que a de fraternidade humana.

Do ponto de vista divino de observação, é o cristianismo, que revelando aos homens (por meio de Cristo) sua fraternidade natural e sobrenatural, condicionou o acontecimento histórico da caridade universal.

a. Certos filósofos quiseram negar a originalidade da caridade, sustentando que não seria senão a forma provisória da justiça. A caridade, na História, diziam eles, transformou-se constantemente em dever de justiça, paralelamente ao progresso das idéias morais: outrora, libertar um escravo era um ato de caridade; hoje, seria um dever estrito de justiça. (140)

A justiça é boa, mas deve ser temperada pela caridade. É preciso distinguir cuidadosamente a legalidade e a equidade.

Exemplificando, devemos observar que a lei civil permite, por exemplo, que um rico expulse um pobre do aposento que não pode pagar. Mas isto é contrário à eqüidade, ao direito natural. É o espírito de caridade que deverá, pois, intervir nesse caso, para impedir que se cometa em nome da legalidade uma injustiça real. A caridade tempera, assim, constantemente, as reivindicações da justiça e trabalha, por sua vez, para a paz e concórdia social.

b. No conceito de Zenão de Citium (340-264 a.C), fundador do estoicismo, a caridade era resumida da seguinte forma: "Devemos seguir a natureza, ou seja, a razão, pois é a razão que distingue o homem do animal". Ora, a razão nos mostra que não há senão uma sabedoria, que consiste em aceitar a ordem universal, que não depende de nós, e renunciar aos desejos que geram a inquietação e a discórdia. A teoria de Zenão não deve ser seguida ao pé da letra, pois nem sempre nossa razão corresponde com a razão de Deus (Is 55.8). Como, por outro lado, ela se resume na vontade de agir sempre segundo a razão, não poderá comportar graus: esta vontade, com efeito, é ou não é. A caridade é, então, perfeita e completa ao mesmo tempo;

daí segue que quem possui uma virtude, possui necessariamente a todas. Veja, então, como este pensamento filosófico se harmoniza com as Escrituras, quando diz: "...Ainda que conhecesse todos os mistérios e toda a ciência... e não tivesse caridade, nada seria" (1 Co 13.2).

c. No conceito divino. A palavra "caridade", traduzida também por "amor", encontra-se em toda a extensão da Bíblia, que descreve o seu cará ter multiforme:

I. Há o amor de Deus, isto é, o amor que Deus tem dispensado pelos homens. Esse é a fonte de todo amor, o que é comentado em João 3.16 e ss, como poemas ilustrativos, relacionando-se como um supremo sacrifício.

II. Há o amor de Cristo, cuja natureza é igual à do amor de Deus, e que é comentado em 2 Coríntios 5.14. Trata-se de uma força que nos constrange, que também nos leva a amar e a servir ao próximo, em honra ao Senhor. Esse foi o amor que motivou a expiação e a missão terrena, em geral, de Cristo.(141)

III. Há o amor do homem a Deus e a Jesus Cristo. Essa modalidade pode ser expressada diretamente, mediante a subida mística da alma, em fazer tanto o bem a Deus como ao próximo.

IV. Há o amor próprio (Mt 22.39 e Ef 5.29), trata-se de uma condição patológica em que um indivíduo tudo faz ou realiza só em torno de si mesmo, visando ao seu próprio conforto. Ele torna-se por natureza um "amante de si mesmo" (2 Tm 3:2 e ss).

V. Há também o amor de um ser humano por outro, ou pela humanidade. É a transferência dos cuidados que temos por nós mesmos para nossos semelhantes.(142)

2. DEVERES PARA COM DEUS: A RELIGIÃO

A religião (em certo sentido - religação: ligar o homem com Deus) está ligada à moral especial como sendo ligada à moral pessoal. A moral pessoal, segundo o conceito geral, comporta deveres para com Deus, e deveres para consigo mesmo e deveres para com o próximo.

Os deveres para com Deus se resumem na prática da religião pura e imaculada para com Ele, que se exprime pelo culto de adoração e pela oração a Deus. Quando nos

referimos a religião, devemos tomar o termo em diversos sentidos:

Primeiro - Materialmente, religião é o conjunto de doutrinas que tratam das relações do homem para com Deus através de manifestações exteriores e interiores.

Segundo - Subjetivamente, religião é a virtude que faz com que se rendam a Deus todas as homenagens que lhe são devidas.

Terceiro - Objetivamente, é o conjunto de deveres do homem para com Deus baseados nas suas leis e estatutos.

O homem sempre foi e é, necessariamente, inclinado para a religião. Daí o fato que, desde seu aparecimento sobre a terra, ele volta-se a adorar qualquer coisa. O coração humano, por sua própria natureza, busca a Deus. Porém, é evidente em que alguns casos (especialmente numa vida vazia de Cristo), ele o faça de forma errada.

a. O politeísmo (a crença em vários deuses), o animismo (a atribuição de vida e poder mágico a animais e coisas) e o culto dos ancestrais foram características comuns à maioria das religiões do paganismo. As que mais se notorizaram, entretanto, chegaram, paralelamente, à formulação de uma teologia, isto é, à expressão de um sistema corrente, abstrato e organizado da experiência religiosa. (143)

b. No Egito, na Babilônia, na Grécia ou em Roma, a religião (religião aqui é tomada mais em caráter filosófico), além de um esquema interpretativo do Universo, constituiu um fundamento para a hierarquia social, estruturando a disciplina e submissão do povo às classes dominantes:

I. *No Egito.* A religião egípcia era rigorosamente politeísta, e cada cidade tinha seus deuses próprios. Com o tempo, entretanto, houve um processo de amálgama (fusão) em que os deuses menores foram apresentados como formas diferentes de manifestação de divindades mais importantes.

As diversas formas concebidas pela imaginação daqueles povos, teofanizando seus deuses com corpo de homem e cabeça de animal - eram freqüentes:

Anúbia (chacal), Hator (vaca), Horus (falcão), Munt (águia), Mekhet (abutre), Sekhet (leoa), Set (porco), Khnum (carneiro), Thot (íbis), Sebek (crocodilo), Bast

(gata). Em conseqüência disto, os animais eram tidos como sagrados e adorados em diversos lugares.

O primeiro grupo, no panteão egípcio, era o das divindades solares: Áton, o disco do sol, Horuz, o sol a pino; Átun, o sol poente - e o centro de seu culto era Heliópolis.

Essa predominância da adoração solar e também o fato de que o sol era o único deus comum a todos os povos conquistados pelo Egito conduziu ao anonismo, a primeira tentativa de religião monoteísta da história, feita pelo Faraó Amenotep IV (1375-1358 a.C), que se rebatizou com o nome de Aknaton.

Durante as últimas dinastias, o culto de Osíris e Ísis ganhou muita importância; confundida com Vênus, Ísis chegaria a ser adorada em Roma. O culto aos mortos e a crença na metempsicose (a reencarnação), tinham muito destaques, o que explica a sua preocupação com o embalsamento dos cadáveres e com a construção de túmulos luxuosos. (144)

II. *Na Babilônia.* Os deuses antropomorficados dos babilônios eram encarnações das forças da natureza. Cada cidade tinha seu patrono, mas havia duas tríades cujo culto era geral: Anu (o céu), Enlil (a terra), Ea (a água); e Sin (a lua), Shamash (o sol), Adad (o trovão).

O protetor da Babilônia era o deus Marduk (ou Baal dos sidônios), tido como o criador de todos os outros deuses. A mais célebre de todas as deusas era Ishtar (ou Astarte), a deusa do amor, em cuja honra praticava-se, em Milita, a prostituição ritual.

Seus templos (zigurates) eram torres muito elevadas, e suas observações astrológicas muito complexas, resultando delas, inclusive, algumas importantes descobertas astronômicas.

III. *Na Assíria.* A religião assíria originou-se da Babilônia; mas para eles o deus supremo era Assur, de que se dizia que os reis do país descendiam. Sua mulher, Belit, era identificada como Ishtar. Outros deuses importantes (para eles) eram Níniv (da guerra) e Nergal (da caça). O culto de Baal e Astarte era também predominante entre os fenícios.

IV. *Na Grécia.* Os gregos tinham um politeísmo antropomórfico, com inúmeros deuses e deusas com forma e caráter humanos. As divindades adoradas pelas primitivas tribos indo-européias que foram o substrato básico da étnica helênica vieram juntar-se aos deuses dos territórios micênios e cretenses conquistados.

Mais tarde, outras aquisições foram feitas, em contato com os egípcios, persas, e com povos bárbaros. Em vez de meramente encarnar forças da natureza, eles possuíam personalidades altamente individualizadas, inclusive com fraquezas humanas.

O paganismo grego era uma religião bastante hedonista, sem muita preocupação com a vida após a morte, embora existisse a noção dualista de céu, o Eliseu, e inferno, o Hades, e suas cerimônias religiosas limitavam-se a sacrifícios com animais, e a festivais, dos quais os mais importantes (para eles) eram a Panatenéia (em honra a Atena, padroeira da capital), a Antestéria (Dionísio), a Targélia (Apoio) e a Herara (Hera). A Grécia sempre foi um centro dos deuses e semideuses. Ali disse um historiador: "É mais fácil encontrar um deus em Atenas do que encontrar um homem".

V. *Em Roma.* A religião dos primitivos romanos era um animismo rústico, marcado pelo temor ao sobrenatural.(145)

Os deuses principais eram Jano, que via o passado e o futuro, os Lares, espíritos protetores dos antepassados, e Júpiter, o deus do céu (posteriormente assimilado ao Zeus grego).

Mas, evidentemente, o animismo não se prendia apenas aos romanos. Outros povos (antigos e modernos) da África, América, Ásia e Oceania que tem em comum o culto dos ancestrais, que muitas vezes devem ser apaziguados por ritos especiais, e das forças da natureza (o Tupã dos índios brasileiros, o Grande Manitu dos índios norte-americanos, etc, associados aos grandes fenômenos naturais, como o raio, o trovão, a tempestade).

A alma dos mortos era venerada em festa como a Lemúria (em maio) e a Parentália (em fevereiro).

Outras festas, como a Saturnália e a Lupercália, eram ocasiões de sacrifícios propiciatórios, pedindo a paz, as chuvas ou boas colheitas.

Com a expansão da República e do Império, esse culto simples transformou-se, gradualmente, numa religião oficial muito elaborada.

Grandes templos eram edificados, os festivais tornaram-se mais suntuosos, o panteão helênico foi importado e aclimatado à cultura, e o chefe de Estado recebeu o título de Rex Sacrorum (sumo sacerdote).

Além das tradições gregas, os romanos incorporaram à sua religião a Cibele, frigia, a Bellona, capadócia; a Ísis, egípcia; o Atargatia, sírio. Esse sincretismo tendeu a agravar-se sobretudo na fase da decadência.

VI. *O Hinduísmo.* Conhecido por seus seguidores como Santana Dharma (a religião eterna), o hinduísmo é atualmente a religião de grande parte da população da Índia.

Desenvolveu-se durante um período de 5000 anos (segundo seus defensores), e é talvez a mais antiga religião do mundo segundo conceito vazado por suas tradições.

O hinduísmo não possui organização eclesiástica e não existem crenças ou práticas comuns a todos os hindus.

É politeísta ao extremo, sendo adorados centenas de milhares de deuses e mesmo algumas forças de vida animal. As divindades principais são Brama, espírito criador inalcançável, e Siva e Vishnu, deuses populares que geraram inúmeros cultos.

VII. *O Budismo.* Insatisfeito com o formalismo da religião hindu, e disposto a encontrar uma explicação para o sofrimento humano, o príncipe SIDARTA GAUTAMA - que nasceu em Lumbini, perto de Kapilavastu, no sul do Nepal, provavelmente em 550 a.C. - deixou sua família e viveu como um eremita durante sete anos.(146)

Após 49 dias de meditação (de acordo com seus seguidores) sentado sob um *bo* (uma figueira sagrada), na aldeia de Budgaia, no Norte da Índia, Sidarta recebeu uma iluminação - a de que o sofrimento é causado pelo apego às coisas do mundo, e que só pode ser eliminado através da disciplina mental e de uma correta forma de vida.

Adotando o nome de *Buda* (o iluminado), iniciou sua pregação, enviando os primeiros adeptos da Sangha - a ordem monástica budista - para difundir seus ensinamentos. Buda insistia em que, para alcançar a felicidade, precisava-se seguir as *quatro verdades* básicas,:

Primeira - A existência implica sofrimento;

Segunda - O sofrimento resulta do desejo;

Terceira - O desejo pode ser destruído;

Quarta - E para fazê-lo, basta seguir "os oito caminhos":

- a prática justa e correta de idéias,
- desejos,
- fala,
- conduta,
- meio de vida,
- esforços,
- reto desvelo,
- atenção e meditação.

Os seus ensinamentos, entretanto, foram mais um sistema ético e filosófico do que uma religião propriamente dita.

VIII. *O Taoísmo.* Juntamente com o confucionismo, o taoísmo influenciou a filosofia e a cultura chinesa. Constitui-se de um sistema filosófico (Tao-chia) e de uma doutrina religiosa (Too-Chiao), ambos originais do Tao-tehking, livro atribuído a Lao-tsé (pseudônimo de Li Ehr, que, segundo a tradição, viveu no século VI a. C. e foi arquivista da corte Chu), em que se afirma que viver de acordo com o tao (caminho para o bem) significa obeceder aos impulsos naturais e afastar-se de todas as artificialidades.

IX. O *Confucionismo.* Mais uma filosofia ou sistema ético do que uma religião, o confucionismo conhecido pelos chineses como ju-chaio (os ensinamentos dos sábios), influenciou profundamente as formas de pensamento, educação e governo chineses durante 2000 anos.

Seu fundador foi Kung Fu-tsé (Confúcio) que viveu de 551 a 479 a.C. Seus pensamentos, coligidos no Lun Yu (os Analectos de Confúcio), foram publicados por seus discípulos, entre os quais o filósofo Mêncio, que viveu 150 anos

depois dele no Wu Ching (Os Cinco Clássicos) e nos Shih Chu (Os quatro Livros).

O conceito geral da ética confucionista é o jen, palavra que originalmente designava a benevolência dos governantes, e que passa a indicar o exercício do amor e da bondade.

O saber, a sinceridade, o cultivo da vida interior, a harmonia na vida familiar e nas relações sociais e a paz mundial são os objetivos básicos desse sistema filosófico.

X. *O Zoroastrismo.* A religião fundada por Zoroastro - ou Zaratustra, que a tradição, seguida por seus adeptos, afirma ter vivido entre 630 a 580 a.C, mas cuja existência histórica é contestada, possui uma teologia dualista baseada na luta entre Ormuzd (ou Ahura-mazda), o espírito do Bem, e Ahrimã (ou Angra-mainyu), o espírito do Mal.

O zoroastrismo foi a religião do Império Persa, principalmente durante a dinastia Aquemênida, perdendo sua supremacia após a invasão de Alexandre, o Grande, 330 a.C., que mandou queimar os pergaminhos originais do Zend-avestra.

XI. O *Xintoísmo.* Esta religião japonesa surgiu da adoração da natureza e dos ancestrais, em alguma época anterior ao século VI, quando apareceram os primeiros escritos.

Em chinês, shinto equivale a "caminho dos, ou para os deuses".(147) E a religião surgiu na época em oposição ao budismo, que era então importado do continente chinês.

Esta religião possui um complexo de Kami, ou divindades, dentre elas a deusa do sol, conhecida como "governante dos céus". Também são venerados os imperadores, deificados, espíritos guardiães de famílias, heróis nacionais e divindades de árvores, rios, cidades e fontes de água.(148)

XII. *O Islamismo.* Os seguidores do islamismo (da palavra árabe islan-resignação, ou seja, a inteira submissão à vontade de Deus) chamam-se de muçulmanos (crentes) ou de maometanos, designação tirada do nome de Maomé (570-632 d.C), um mercador da tribo quraych que foi o fundador dessa religião. (149)

Aos quarenta anos, Maomé teve uma "visão", na caverna do Monte Hira, ao norte de Meca, em que lhe foram feitas as revelações, segundo o Alcorão, as quais ele enfeixou num livro sagrado, o Corão, ou Alcorão (do árabe *qur'am* = leitura).

Iniciando a pregação da nova doutrina, ele precisou enfrentar várias perseguições, tendo inclusive de fugir para Iatribe, a atual Medina, em 622, para não ser assassinado. A data dessa fuga, a que se dá o nome de Hégira, é considerada pelos muçulmanos como o início de sua religião e o ponto de partida para seu calendário.

A profissão de fé do islamismo está contida na shahadah; "Não há outro Deus senão Alá. Acreditamos em Deus, em seus anjos, livros e mensageiros, no último dia, na ressurreição dos mortos, na predestinação por Deus, no bem e no mal, no julgamento final, na justiça, no Paraíso e no fogo do Inferno". Todo seu conjunto de doutrinas se encontra inserido no Alcorão.

Este livro, o Alcorão, não foi escrito por Maomé. Ele, aliás, não sabia escrever (ver o Alcorão, Notas Preliminares, XIV, 1984). Recitava conforme as circunstâncias o que acreditava ser-lhe transmitido pelo anjo Gabriel a mando de Deus e, naquela época de literatura oral, seus seguidores retinham suas palavras na memória ou as registravam em qualquer material disponível: pele de cabra, omoplatas de camelo, folhas de Tamareira, pedras, pergaminhos, etc.

Após a morte de Maomé (632), seu sucessor Abu-Bakr, receando que a mensagem se perdesse com o desaparecimento dos primeiros companheiros e a flutuação dos textos memorizados, encarregou Zaid Ibn- Thabet de reunir todos os fragmentos.

E Osman, terceiro sucessor de maomé, mandou organizá-los no texto definitivo que chegou até nós, e que está dividido em *114 capítulos* (que os maometanos chamam de Suras), os quais são subdivididos em 6.236 versículos.

XIII. *O Judaísmo.* O judaísmo, cujo nome deriva de e Yehudi, "descendente de Judá" (o quarto filho de Jacó) é uma religião monoteísta de procedência muito antiga, e está na origem do cristianismo. De acordo com a Bíblia, o Patriarca dos judeus, Abrão, depois Abraão (1500 a.C),

recebeu do Deus Todo-poderoso o Pacto de que este e seus descendentes levariam ao mundo a mensagem do Deus único.

A nova nação foi organizada, no século XIII a.C, por Moisés, que, segundo os relatos bíblicos, nasceu no Egito, filho de pais escravos, educado por uma filha do Faraó, que o encontrou em uma arca de papiro às margens do Nilo. Daí por diante, a nação israelita, e mais tarde o judaísmo tomou forma.

XIV. *O Cristianismo.* Alguns judeus do I Século aceitaram que Jesus de Nazaré (c. 4 a.C. - 33 d.C), a quem se deu o nome por determinação divina de Jesus Cristo, (Ioshua-Salvador; Christos - O Ungido), é o Messias prometido pelas profecias e tradições hebraicas.

A teologia cristã primitiva considera e aceita sem restrição que Jesus é o filho de Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, que se humanizou e veio ao mundo para salvar os pecadores através da pregação e sua doutrina, que mostra o valor de seu sangue; foi crucificado, sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao Céu e voltará para arrebatar sua Igreja e depois, num futuro próximo, para executar o juízo das nações vivas no vale de Josafá e, num futuro distante, para o juízo final, onde há de julgar todos os homens.(150)

O alcance do argumento. Procuramos assim através deste argumento, atingir um conhecimento de alguns princípios que, sem dúvida, deram origem às principais religiões da antigüidade. Porém, jamais (com exceção do judaísmo e do cristianismo) tais religiões foram sensíveis à mente e ao coração (...) Porém, o apóstolo Tiago, por amor de seu argumento, nos apresenta o verdadeiro caminho que nos conduz a Deus. Ouça: "A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo" (Tg 1.27).

3. DEVERES PARA CONSIGO

Entre os deveres do homem para consigo mesmo, uns se referem ao corpo, outros se referem à alma, isto é, dizem respeito ao homem interior.

O homem é forçado a prover sua manutenção e conservação da vida, a fim de ficar apto a satisfazer convenientemente seus deveres de estado. Este dever acarreta obrigações positivas e obrigações negativas. (151) De acordo com o filósofo Régis Jolivet (COURS DE PHILOSOPHIE) as obrigações positivas e as obrigações negativas se resumem assim:

a. *Obrigações positivas:* Resumem-se no emprego dos meios ordinários para assegurar a conservação da saúde corporal. Mas o dever de manter e proteger sua vida não é de tal ordem que possa absolutamente (a não ser em certos casos excepcionais) impor um recurso aos meios extraordinários.

b. *Obrigações negativas:* Essas obrigações são de dois tipos: temperança e interdição do suicídio. Do lado divino de observação, a temperança está restritamente ligada ao domínio próprio (1 Tm 3.2; Tt 1.8), enquanto que a interpretação do suicídio ao temor devido ao Senhor Deus como Criador. Ele disse: "Não matarás"!

Segundo os rabinos, isso quer dizer: Não matarás a outrem e nem a ti mesmo (Êx 20.13).

A temperança (fil. moderação na bebida e na comida, castidade), preservação dos excessos da sensualidade, que arruinam a saúde, mais ainda que as suas privações.

Interdição do suicídio. O suicídio viola o direito natural, porque o homem não pertence a si mesmo: ele não é o autor e senhor da sua vida, e ela não pode, portanto, renunciar a seu alvedrio. Matando-se, o homem peca, pois, gravemente, contra Deus, que é o Senhor da vida.

Peca, também, contra si mesmo, privando-se do primeiro dentre os bens deste e do mundo vindouro, que é a vida. Sem dúvida, este bem pode ser penoso ao sofredor; mas esta vida é a preparação para uma outra, que proporcionará as compensações necessárias.

Enfim, aquele que se mata peca contra a sociedade, primeiro por privá-la de um dos seus membros, e, depois, por recusar-lhe o exemplo da virtude e da paciência na adversidade.

No que tange aos seus deveres para com a alma, isso é encontrado e exercido na prática da religião pura, verdadeira e imaculada para com Deus.

4. DEVERES PARA COM O PRÓXIMO

Os deveres para com o próximo pertencem à ordem da caridade e à ordem da justiça. Em um outro tópico deste livro, já definimos o papel da caridade. Resta-nos, aqui, determinar os diferentes deveres de justiça para com o próximo. Esses deveres referem-se à pessoa física, à pessoa moral, à propriedade e ao trabalho alheio.([152]) De acordo com as regras estabelecidas, os deveres para com a pessoa alheia envolvem os seguintes requisitos:

O respeito que se deve ter pela vida do próximo, que inclui não se praticar:

- o homicídio
- a violência
- a mutilação
- o duelo, etc.

Acima de tudo, a moral exige deveres para a pessoa alheia, que entendemos da seguinte forma: todos os bens espirituais que constituem a dignidade própria da pessoa humana e fundamentam o seu direito à verdade, à liberdade, à honra, etc.

([140]) **RJ. Curs. de Fil. p. 1984**
([141]) **O NT. Int. v.p.v. R.N. Champlin, Ph. D. 1982**
([142]) **op. cit. 1982**
([143]) **Alm. Ab. p. 527 e ss. 1984**
([144]) **op. cit. p. 527. 1984**
([145]) **op. cit. p. 526. col. "B" 1984**
([146]) **Idem. p. 526 e ss. 1984**
([147]) **Idem. p. 526 e ss. 1984**
([148]) **Al. Ab. p. 532. 1984**
([149]) **O Alc. N. Prel. XIV-XV, 1984**
([150]) **op. cit. p. 530. 1984**
([151]) **RJ. Curs. de Fil. 1984**
([152]) **op. cit. 1984**

24

A moral social

A moral social tem por finalidade solucionar os problemas morais, que se referem aos três graus da vida social, a saber: a sociedade doméstica, a sociedade civil e a sociedade internacional.

Qualquer sociedade comporta dois elementos essenciais, que são: Os membros que a compõem (matéria da sociedade); o fim comum que eles têm naturalmente, ou que assumem livremente (forma de sociedade). É este fim comum para todos.

A sociedade doméstica. A sociedade doméstica se subdivide em sociedade conjugal entre esposos, e sociedade paternal, entre pais e filhos, e estes dois elementos formam a família, que pode ser definida como: um grupo de pessoas que se ajudam mutuamente.

1. O CASAMENTO

"Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula..." (Hb 13.4). Do ponto de vista divino, o casamento foi e é uma instituição divina. Isso se deu, conforme está dito, logo no início da Bíblia (Gn 1.27,28; 2.18-24). Do pon-

to de vista social, porém, o casamento é praticado em todas as sociedades; o indivíduo é responsável perante o seu grupo social.

Em geral, a família constitui o agente de uma comunidade mais ampla, e através dela tende a regular-se o comportamento do indivíduo. O matrimônio é uma das formas de comportamento que propende a ser muito cuidadosamente regulamentada em todas as sociedades, visto que envolve a criação de laços íntimos, não só entre os indivíduos que se casam, mas também entre as suas famílias. (153)

No casamento se estabelece o parentesco entre dois grupos, e não apenas entre dois indivíduos.

a. *As formas de casamento.* O casamento torna o casal sal membro de uma família elementar diferente daquela em que nasceu. Assim, em cada sociedade, um adulto moral pertence a duas famílias nucleares: a de Orientação (onde nasceu) e a de Procriação (que constituiu).

Na primeira, ele é filho e irmão; na segunda, marido e pai. A família, portanto, em geral, é considerada o fundamento básico e universal das sociedades, por se encontrar em todos os agrupamentos humanos, embora variem as estruturas e o funcionamento.

De modo geral, é o casamento que estabelece os fundamentos legais da família, mas pode haver famílias sem casamento, mas isso no contexto social e divino é ilegal. As sociedades, de modo geral, estabelecem certas regras para o casamento, permitindo ou restringindo outras, tais como:

I. *Endogamia.* Essa forma de casamento atinge um pouco mais de 10% das culturas mundiais. O exemplo mais típico de endogamia encontra-se nas costas da Índia.

Endogamia (endo, dentro; gamo: casamento) significa a regra de casamento que obriga o indivíduo a escolher seu cônjuge dentro do mesmo grupo, local, ou de parentesco, de status, étnicos, etc.(154)

II. *Exogamia.* Essa forma de casamento é o inverso da outra. Isto é, da Endogamia. Exogamia, que significa "fora" de "gamo" = casamento, quer dizer regra social que exige o casamento de uma pessoa com outra fora do grupo

a que pertence (local, de parentesco, de status ou qualquer gênero). A exogamia é bastante aceita entre índios da América do Norte (83%), e entre as populações mediterrâneas (34%).

III. *Pré-marital.* A maior proporção dos que aceitam essa forma de união encontra-se na área do Pacífico (75%); e uma parte das sociedades mediterrâneas e adjacentes (41%).

Das 863 sociedades constantes do "Atlas Etnográfico", afirma que 67% das sociedades aceitam este tipo de comportamento, sendo, porém, restrito nos meios religiosos.

IV. *Monogamia.* A monogamia consiste no casamento de um homem ou mulher com apenas um cônjuge, como ocorre na sociedade ocidental. Conseqüentemente, essa foi e é a forma estabelecida por nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 19.2-9 etc).

V. *Poligamia.* A poligamia refere-se ao casamento do homem ou da mulher com dois ou mais cônjuges. Essa prática é bastante aceita no Oriente Médio; especialmente no Egito.

([153]) Int. à Antrop. A.M. 1969
([154]) op. cit. 1969

25

A família

As sociedades apresentam diferenças na maneira como se organizam ou estruturam seus grupos (família aqui é vista do ponto de vista sócio-cultural) familiares, variáveis no tempo e no espaço.

Essas variações sofrem, porém, modificações profundas, dependendo de certas influências internas e externas.

1. MÉTODO E DIVISÃO

Hoebel[155] dividia a família da seguinte maneira:

1º: elementar; 2º: extensa; 3º: composta; 4º: conjugada-fraterna e 5º: fantasma.

a. Família elementar (nuclear, natal-conjugal, simples, imediata, primária) é uma unidade formada por um homem, sua esposa e seus filhos, que vivem juntos em união reconhecida pelos outros membros de sua sociedade.

Na família elementar, pode, à medida que os filhos crescem e deixam o lar, o grupo familiar diminui; eventualmente, pode desaparecer com a morte dos pais. Os Esquimós exemplificam esse tipo da família. [156]

b. A família extensa. A família extensa (grande, múltipla como determina o termo) é uma unidade composta de duas ou mais famílias nucleares ligadas por laços consangüíneos; Assim, uma família extensa é, primeiramente, uma estrutura consangüínea, no sentido de que certo número de parentes consangüíneos estão ligados entre si por deveres e direitos mútuos, reconhecidos.

c. A família composta. A família composta (complexa, conjunta) é uma unidade formada por três ou mais cônjuges e seus filhos.

Por exemplo: numa sociedade matrilocal (unilinear), a família complexa compõe-se do Ego (eu): feminino, seus pais, irmãs casadas e solteiras, irmãos solteiros, os filhos de Ego assim como os de suas irmãs casadas e respectivos maridos, etc.

d. A família conjugada - fraterna. Essa refere-se a uma unidade composta de dois ou mais irmãos, suas respectivas esposas e filhos. O laço de união é consangüíneo. (157)

e. A família fantasma. Essa consiste em uma unidade familiar formada por uma mulher casada e seus filhos e o fantasma. O marido fantasma não desempenha o papel de pai, é apenas o genitor (pai biológico). A função de pater (pai social) cabe ao irmão mais velho da mulher (fantasma), etc.

2. O PARENTESCO

A origem do sistema de parentesco encontra-se no fato de o indivíduo pertencer, ao mesmo tempo, as duas famílias nucleares: a de Orientação (onde nasceu) e a de Procriação (que constituiu).

Este sistema de parentesco, segundo Murdock, refere-se a um sistema estrutural de relações, no qual os indivíduos encontram-se unidos entre si por um complexo interligado de laços ramificados.

a. Como já tivemos ocasião de estabelecer acima, o elemento pertence às duas origens de parentesco (Orientação e Procriação), ele, então, estabelece um elo entre os membros de ambas.

Realmente, a ramificação dessas séries de elos vai unindo pouco a pouco um grupo de indivíduos a outros por meio dos laços de parentescos; cada família terá seus próprios parentes. (158)

b. São três tipos de parentes: primário, secundário, e terciário.

A Enciclopédia Universal, em seu verbete "Antropologia Cultural", apresenta um gráfico muito importante sobre parentesco. Esse gráfico, é utilizado pelos antropólogos na esquematização das famílias e facilita a composição dos laços de parentesco. Vejamos:

I *Primário:* Aplica-se aos que pertencem à mesma família nuclear: pai, mãe, irmão de Ego (família de Orientação); marido, esposa e filhos (família de Procriação).

II. *Secundário:* Partindo de Ego, refere-se ao pai do pai, pai da mãe, (avós); irmão do pai, irmão da mãe (tios).

III. *Terciário:* Tomando Ego (aparte da psique intermediária entre o "id: o substrato instintivo da psique" e o mundo exterior) como referência, seriam: bisavô, esposa dos tios e outros parentes mais remotos.

No caso dos parentes primários, são ligados por laços de sangue ou parentesco biológico (consangüinidade), com exceção de marido e mulher (afinidade).

c. Segundo Kroeber e Lowie, há nove critérios de identificação (estruturais), sendo seis fundamentais e três derivativos, tais como:

I. *Fundamentais:* Geração: diferença nos níveis de geração, reconhecida através de Ego (pai, filho, avô, neto).

Sexo: diferença biológica relativa aos parentes, reconhecida na terminologia de parentesco (irmão, irmã, tio, tia).

Afinidade: diferença entre os parentes consangüíneos e os ligados pelo matrimônio, que amplia a rede de parentesco (mãe, mãe do marido).

Colateriedade: diferença entre o relacionamento linear e o colateral. Na geração de Ego, alguns parentes estão mais relacionados do que outros e todos os colaterais são primos (irmãos e primos paralelos do mesmo sexo).

Bifurcação: diferença do sexo da pessoa através da qual se estabelece o relacionamento. Aplica-se somente a

parentes secundários e remotos (irmão do pai, irmão da mãe, pai do pai, pai da mãe; filho do filho do irmão da mãe da mãe, etc.)

Polaridade: diferença de status ou condição de vida da pessoa pela qual se estabelecem as relações sociais; (solteiros ou casados).

II. *Derivativos:* Idade relativa: diferença nos níveis de idade dentro da mesma geração (irmão mais velho e irmão mais moço); irmão mais velho da mãe, etc.[159]

Sexo: de quem fala: diferença do sexo de quem fala (homem e mulher podem ter sistemas separados de termos: ego masculino, ego feminino).

Descendência: refere-se a parentes secundários e está sujeito à pessoa pela qual o parentesco é traçado. Não é muito importante, mas está condicionado ao fator morte (sororato, levirato), etc.

3. DO PONTO DE VISTA DIVINO

A doutrina bíblica fundamental do matrimônio está intimamente ligada ao desenvolvimento da história da salvação. Em relação ao casamento, esta história tem três capítulos essenciais:

a. O primeiro período teve início no Jardim do Éden e seu equivalente nas palavras de Jesus: "...Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez. E disse: portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher [pelo casamento], e serão dois numa mesma carne?" (Mt 19.4 ess).

Ora, o casamento não é elemento acidental, mas essencial da criação, ponto de que o próprio homem não é completo em suas necessidades sem a sua adjutora (cf. Gn 1.26,27; 2.18). Enquanto não estava formado o casal humano, Deus não estava contente com sua obra: Ele disse: "Não é bom". Conforme se depreende, o casamento é essencial para o futuro do homem, por vários aspectos:

I. Em primeiro lugar, pela presença da morte, que limita o homem. O casamento torna-se um meio de contornar esta limitação, de sobreviver nos filhos. Por isso agora o primeiro alvo do matrimônio é a procriação, e era este o motivo na Antiga Aliança, porque a mulher estéril buscava

logo proteção divina, para cumprir seu dever da missão de mãe (Gn 29.32; 30.1 etc). Assim, o matrimônio se tornou um meio de assegurar o futuro.

Nesse aspecto, o povo da Aliança seguia vários métodos (alguns deles até errados para a continuação da perpetuidade familiar, tais como:

Abraão recebeu a promessa de descendência, mas seu cumprimento se fez de tal maneira esperar, que ele quer tomar por si mesmo a decisão de cumprir a promessa divina, unindo-se a Agar, uma escrava egípcia (Gn 16.1 e ss).

Por temor de que Ló, que não tinha filho homem, viesse a perder toda posteridade, suas duas filhas, depois de havê-lo embriagado, conceberam dele os progenitores de duas nações: moabitas e amonitas (Gn 19.30-38).

II. Em segundo lugar, era dever do homem casar com m
a viúva de seu irmão se ela não tivesse filhos - e dar-lhe pelo menos um filho: "...para que o seu nome [o nome do esposo falecido] se não apague em Israel" (Dt 25.6b; Mt 22.25 e ss).

No judaísmo o costume exigia que um marido, após dez anos de casamento com uma esposa estéril, a repudiasse e tomasse outra.(160) Já nos dias de Davi e Salomão, o casamento tomava mais conotação para o lado divino (na vida do casal).

Lembremos sobretudo, o Cântico dos Cânticos, verdadeiro retorno aos primeiros tempos, à juventude da humanidade. Ali aparecem dois nomes que, segundo se diz, não expressam a idéia comum apenas de um homem ("Ish") e aquela que leva seu nome ("Isha, Gn 2.23") e sim por Salomão ("SHELOMO") e Sulamita ("SHULAMÎTH"). O nome que eles trazem prova a necessidade da paz ("Shalom") e do perdão divino, para que não haja "dureza de coração". (161)

b. O segundo período teve início durante a lei mosái- ui-
ca. Isto é, o tempo de Inocência e alegria cedo deu lugar ao da "...dureza de coração" (Mt 19.8), em que o matrimônio, tal como Deus o havia querido, está comprometido pelo pecado, e para qual há necessidade de regras sólidas e precisas.

Mas isso não pode afastar o significado do pensamento da Bíblia no seu contexto geral, quando diz: "A mulher virtuosa é a coroa do seu marido..." (Pv 12.4a) e a felicidade (Pv 31.10 e ss).

c. Sob a Antiga Aliança da Lei, o casamento era comprometido pela presença do pecado e, portanto, da morte. Sob a Nova Aliança da graça, o casamento está sob o comando do perdão e, portanto, da vida. Ele agora é retratado em vários aspectos de maior segurança.

Primeiro: O casamento é indissolúvel como a unidade entre o Senhor e a Igreja: "O que Deus ajuntou não o separe o homem" (cf. Mt 19.6);

Segundo: O casal forma uma hierarquia, reflexo daquela que une Jesus, o Chefe, (a Cabeça) a seu corpo, que é a Igreja (1 Co 11.8. e ss; 1 Tm 2.13);

Terceiro: O marido é a cabeça da esposa (1 Co 11.3), isto é, aquele que lhe dá sua razão de ser: a esposa é o corpo (Ef 5.28), ou a glória do marido (1 Co 11.7). Por razão do significado, a recomendação final é: "Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito (do casal) sem mácula..." (Hb 13.4a).

4. AS REGRAS DE RESIDÊNCIA

Nas sociedades onde as descendências são o mais importante princípio de agrupamento social, normalmente há regras sobre onde um jovem casal deve morar. Nem sempre são obedecidas e nem significam que os dois devem morar toda a vida no originalmente estabelecido. As regras assim variam, e as mais comuns são:[162]

Matrilocal - residência na comunidade dos pais da esposa.

Patrilocal - residência na comunidade dos pais do noivo.

Virilocal - residência na casa dos pais do marido.

Uxorilocal - residência avuncolocal significa que, depois de casado, o noivo traz a esposa para morar onde ele reside, ou seja, na casa do irmão da mãe dele (tio materno do rapaz).

Amilocal - os noivos deverão residir no lar do irmão da mãe da moça, isto é, com o tio materno da noiva.

Neolocal - estabelecimento de um grupo doméstico independente.

Bilocal - possibilidade do casal morar com os pais de qualquer dos cônjuges.

Patrimatrilocal - padrão de residência matrilocal inicialmente, seguido por residência matrilocal permanente.[163]

---

[155] **H.E. Adamsom. Antrop. Cult, e Social. 1981**
[156] **op. cit. 1981**
[157] **Ibid. 1981**
[158] **MURDOCK G. P. Est. Social. N. York. 1949**
[159] **KROEBER. A.L. Antrop. Geral. México. 1945**
[160] **J.J.V. Allmen. Voc. Bibl. 236. 1972**
[161] **op. cit. p. 239. 1972**
[162] **H.E. Adamsom. Antrop. Cult, e Social. 1981**
[163] **op. cit. 1981**

26

As formas de governo

Entende-se por governo a autoridade *individual ou grupal* que controla (ou melhor, administra) determinado território e que exerce sobre ele determinados poderes. Governo pode também ser definido como a administração oficial dos negócios públicos, religiosos, etc, regidos por pessoas especializadas, com delegação de poderes.

O contrôle político assume formas diferentes, de acordo com as culturas onde se manifesta.

São, porém, as formas de governo encontradas nas sociedades e comunidades religiosas, as seguintes:

Oligarquia: poder supremo investido nas mãos de uma classe pequena, exclusiva.

Monarquia: poder supremo investido na pessoa de um rei.

Gerontocracia: governo dos velhos (ou de pessoas idosas).

Democracia: poder supremo investido no povo e exercido por ele direta ou indiretamente.

Teocracia: governo por direção divina, através de sacerdote (Israel) antes da monarquia ou outros agentes sa-

grados, tais como pastores (exemplificando: as comunidades evangélicas).

Todas essas formas de governo tornam-se atos e obrigações sociais e religiosas, e são regidas no homem através de uma lei natural. À lei natural devem-se acrescentar as leis positivas, divinas e humanas, para explicá-las e determinar-lhes as diversas aplicações.(164)

1. O SENTIDO GERAL

A lei positiva que rege nosso caráter deve ser entendida da seguinte forma:

a. *Divina.* Esta nos é ensinada pela Revelação e estudada pela Teologia Moral.

b. *Humana.* É o conjunto das leis civis, contidas nos códigos e executadas por agentes humanos.

Os princípios da lei natural compreendem:

Primeiro: Enquanto ser vivo, o homem deve respeitar o ser que recebeu de Deus, o que o obriga a zelar pela manutenção de sua vida e de sua saúde, não podendo matar-se a si mesmo. Isso é concebido nas palavras do próprio Criador: "Não matarás" - a outrem e a ti mesmo - portanto, a ninguém (Êx 20.13).

Segundo: Enquanto ser racional, o homem deve conduzir-se como uma pessoa, quer dizer, conduzir-se como gente, desenvolver sua razão pela busca do verdadeiro, sua liberdade pelo domínio de suas paixões, sua vida moral e aspirar "...pela religião pura e imaculada para com Deus" (Tg 1.27).

Terceiro: Enquanto membro de uma espécie, o homem deve poder contribuir pelo casamento (se tal é sua vocação), pela procriação e educação das crianças, à conservação da espécie humana.

Quarto: Enquanto ser social, o homem deve obedecer às autoridades encarregadas de assegurar o bem comum da sociedade, etc.

2. A LEI COMO PRIMEIRO PRINCÍPIO

Segundo R. Jolivet, esse princípio que governa, enquanto primeiro princípio, toda a vida moral, é o seguinte:

é necessário fazer o bem e evitar o mal. Ele também se molda dos limites da santidade divina. ([165]) E como tal é essencial à pessoa humana.

a. *Evidência do primeiro princípio.* O primeiro princípio da ordem prática, como o primeiro da ordem especulativa (princípio de identidade: o que é, é), exprime uma evidência e absolutamente primeira, à luz da qual se desenrola toda a vida moral, como toda a ciência se constrói sob a luz do princípio de identidade e de contradição.

b. *Origem do primeiro princípio.* Como o primeiro princípio da ordem especulativa, o primeiro princípio da ordem prática é aprendido no ser, por uma intuição imediata. Do mesmo modo, como a inteligência aprende imediatamente, no ser objetivo que se oferece a ela, a lei universal do ser, que é a de ser conforme a si mesmo, assim também ela aprende imediatamente, no ser que se apresenta como o termo de nossas tendências, quer dizer, como bem, a lei universal do bem, que é a de ser querido e possuído, enquanto o mal aparece como o que contraria nossas tendências e compromete nossa perfeição, devendo, portanto, ser evitado.

Estas noções de bem e de mal são, pois, absolutamente primitivas como a intuição do ser, embora sejam submetidas, como o desenvolvimento da razão, a uma explicação e uma precisão progressiva.

Já na recomendação divina, o grito para a santidade é mais contundente: "Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal" (Jr 13.23b). E num contexto bem conhecido de todos, o significado do pensamento é expresso: "...Sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1 Pe 1.15b).

3. COMO UMA AÇÃO DIVINA

A moral emana da definição de "puro". A ação realizada por mãos puras, sem pecado (2 Sm 22.21; Jó 17.9), provém inteiramente da alma; ela é correta se o todo está aplicado. Ela reage, porque a impureza destrói a integridade da alma e causa a ruína do ser (Mq 2.10). Um coração puro (Gn 20.5) é o contrário de um coração dividido, de uma ferida por vontade estranha.

Quem é separado por (e para Deus) não recebe sua vontade como uma ordem exterior, mas é colocado na esfera de sua santidade e participação de seu espírito.

Então é possível aproximar-se de Deus: orar (Jó 16.17), entrar no templo (Sl 5.7; 24.4). O pecado é revolta, isto é, oposição a Deus, submetendo-se também a outra vontade, portanto a outra potencialidade, por isto o pecado de Israel é maior que o dos gentios (Am 1.1; 3.2).

a. *A impureza vem de fora,* mas dá consentimento à impureza interior (na alma).

Uma alma impura (2 Co 7.1) não pode se desenvolver e definha: a relação da aliança com Deus é perturbada. Originalmente havia conseqüências automáticas na relação, entre Deus e o homem; apareceu daí o ciúme do Deus Santo, sob cuja ira o homem não pode viver.

b. *A solução.* A purificação da alma através do sangue de Jesus é a única solução da alma impura. Deus é santo, o homem é impuro (Lv 11.44; Jó 4.17; Tg 4.8): por contágio, por comportamento e mesmo por natureza (Jó 14.4; Sl 51.7). É necessário, pois, uma purificação, depois da qual o homem se esforçará, como Jó (33.9), a permanecer puro. Esta "pureza" no campo social: é pureza moral. No campo divino, porém, é pureza santificada. ([166])

4. A VONTADE DE DEUS NA LEI

Antes de podermos compreender a queda do homem, precisamos considerar dois outros assuntos. São: a lei de Deus e a natureza do pecado. O primeiro assunto estudaremos nesta seção e, o segundo, em outro capítulo deste livro.

Precisamos saber a respeito da lei de Deus para podermos compreender a transgressão dela, que foi o pecado, e precisamos saber a respeito da natureza do pecado para compreendermos sua origem e fim último.

a. *A lei de Deus.* De acordo com o Dr. H. C. Thiessen, a lei é uma expressão da vontade executada pelo poder; subentende um legislador, um sujeito, uma expressão da vontade, e poder para executar essa vontade. Strong define que os termos "leis da natureza", "leis da mente", etc, são

termos usados para denotar um princípio lógico para que aquilatemos qualquer coisa. Alguns têm advogado que, por ser o termo "lei" tão sugestivo de alguém que dê essa lei, deveríamos deixá-lo de lado e falar de um "método" de ação, ou uma ordem de seqüência. Mas isto é posição assumida pelo gnosticismo. A lei não é uma causa eficientemente operadora; ela pressupõe um legislador, e é apenas uma norma ou modo de acordo com o qual o legislador procede.

O significado desta lei é que, em particular, ela expressa a vontade de Deus executada por seu poder. Possui duas formas: Lei Elementar e Lei Promulgada Positivamente:

I. *A Lei Elementar.* Esta é a lei entretecida nos elementos, substâncias e forças das criaturas racionais e irracionais. Por ser entretecida na constituição do universo material, chamamo-la de lei física ou natural. A lei física é e não é necessária; alguma outra ordem é concebível. Nem é tampouco um fim em si própria; existe por causa da ordem moral. Portanto, a ordem física tem uma substância apenas relativa; às vezes Deus a suplementa através de um milagre.

II. *A Lei Promulgada.* Promulgação Positiva é a expressão da vontade de Deus em decretos publicados. Estes consistem de seus preceitos definitivamente morais, tais como o Decálogo (Êx 20); o Sermão do Monte (Mt 5 a 7). No Novo Testamento, todos os mandamentos são repetidos e sancionados com exceção do quarto. Consistem também da legislação cerimonial. Estes são: as ofertas (Lv 1 a 7), as leis do sacerdócio (Lv 8 a 10), as leis da pureza (Lv 11 a 15). São temporárias, mas somente Deus pode dizer quanto tempo vão vigorar. Podemos acrescentar que algumas leis estão enraizadas na natureza essencial de Deus, e são eternas; outras são fundadas sobre as relações permanentes dos homens uns para com os outros em sua presente condição de existência; outros estão fundados em certas relações temporais dos homens ou condições da sociedade; e outras são leis positivas que derivam sua autoridade de comandos explícitos de Deus. As leis cerimoniais do sacrifício, circuncisão, etc, são deste tipo.

b. *O propósito da Lei de Deus.* Precisamos ter claro conhecimento do propósito da lei. Não foi dada como um meio através do qual o homem pudesse ser salvo. "Logo, a lei é contra as promessas de Deus? De nenhuma sorte; porque, se dada fosse uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade teria sido pela lei" (Gl 3.21).

Não obstante, ela foi dada para intensificar o conhecimento que o homem tem do pecado, para revelar a santidade de Deus, e para levar o pecador a Cristo. O homem sabe que é pecador por causa do testemunho da consciência; mas, por causa da lei escrita de Deus, ele tem um conhecimento intensificado do pecado (Rm 3.19,20; 7.7). O pecado assume agora a forma de transgressão (Rm 5.13; 7.13). Paulo diz: "...eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás" (Rm 7.7b). Neste ponto Paulo não quer dizer que não teria conhecido o pecado de nenhuma maneira, mas sim que não o teria conhecido extremamente pecaminoso. É por isso que devemos pregar a lei aos pecadores. De maneira que a lei lhe sirva de aio, para os conduzir a Cristo (Gl 3.24). Uma vez, porém, que eles encontram Cristo, ela não se fará mais necessária: "Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê" (Rm 10.4; Gl 4.1-4 etc).

---

(164) **RJ. Curs. de Fil. 1984**
(165) **op. cit. 1984**
(166) **J.J.V. Allmen. Voc. Bibl 1972**

27

A queda do homem

A catástrofe da queda de Satanás trouxe conseqüências também aos "ares" (Ef 2.2; 6.12). O grande inimigo de Deus e dos homens abriu uma grande "cisão", talvez na região setentrional do céu, onde parece existir um "vazio" (Jó 26.7; Is 14.13-15). O pecado deste terrível ser atingiu o céu e infestou as regiões celestes com seres caídos.

Eles ali existem como inimigos de todo o bem, eles são vistos nessas regiões fazendo guerra aos santos. Em suas disposições hostis, opõem-se a Deus e aos homens.

1. COMO EXTENSÃO

Ora, o pecado de Satanás tomou uma extensão contagiosa, afetando cada parte do Universo Físico e Espiritual.

No Universo Espiritual, suas vítimas foram os seres angelicais; enquanto que no Universo Físico, Adão e sua mulher foram os primeiros atingidos. O tentador usou nesta sombria conquista a arma da sedução! Essa é também vista na face da tentação. A sedução é sempre querida e determinada por um inimigo que deseja o mal.([167]) Eva declara ter sido seduzida pela sombria serpente (Gn 3.13; 1

Tm 2.14). Nesse sentido, a sedução possui a intenção de desviar alguém da obediência devida a Deus (Dt 13.6; Ef 5.6).

Influenciado por ela, o homem pode enganar-se a si mesmo (Jr 17.9) e deixar seduzir por seu próprio coração, pelo amor ao dinheiro, pela cobiça, pelo orgulho e por outros males grosseiros (Mt 13.22; Hb 3.13; Tg 1.26; 1 Jo 1.8). A sedução deve ser relacionada com a cobiça, por ocasião do tropeço, com o escândalo: o destino de tudo isso é a "queda", o "mal" daquele que assim é visado.

Devemos ter em mente dois pontos focais no que diz respeito ao homem na sua provação e queda:

a. *Sua provação* - O homem não foi criado numa condição moral neutra; antes, foi-lhe outorgada uma natureza santa que podia exercer-se plenamente, sem incitamento externo em direção ao pecado e sem reação interna favorável ao pecado. Esse exercício sem obstáculo da natureza moral, fora de qualquer teste, teria sido uma infração do exercício de sua liberdade moral. Era-lhe necessário ter o direito e a liberdade de escolher a retidão, e a liberdade de escolher tanto o mal como o bem. Os resultados seriam: ou o favor continuado de Deus, por motivo de sua obediência; ou a imposição da penalidade da morte por motivo de sua desobediência.

b. *Sua queda* - O homem não foi criado pecador, mas o pecado entrou no mundo dos homens através de sua própria escolha, consciente e voluntária. Tudo agora em sua vida sofre posição inversa, como bem pode ser ilustrado em qualquer poema ou doutrina das Escrituras:

Quanto à vontade, o pecado é inimizade (Rm 8.6; Tg 4.4) - "...a amizade do mundo é inimizade contra Deus". E, na palavra de Paulo, ele delineia a oposição da velha "natureza" com a nova "natureza regenerada por Cristo". A experiência do apóstolo atende à questão vital, isto é, como pode a velha natureza ser domada pela nova. Este poema é ilustrado por Paulo como se tratasse de dois guerreiros que estão a combater.

Usaremos os dois nomes do Apóstolo: Saulo, o homem da carne, e Paulo, o homem regenerado.

A passagem com alguns comentários para melhor compreensão do significado do pensamento:

"Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois (eu, Saulo) não faço o que (eu, Paulo) prefiro, e sim, o que (eu, Paulo) detesto. Ora, se (eu, Saulo) faço o que (eu, Paulo) não quero, consinto com a lei (ou a vontade de Deus para mim), que é boa. Nesse caso, quem faz isto já não sou eu (Paulo), mas o pecado (Saulo) que habita em mim. Porque eu sei que em mim (Saulo), isto é, na minha carne, não habita bem nenhum; pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque (eu, Saulo) não faço o bem que (eu, Paulo) prefiro, mas o mal que (eu, Paulo) não quero, esse (eu, Saulo) faço. Mas, se (eu, Saulo) faço o que (eu, Paulo) não quero, já não sou eu (Paulo) quem o faz, e, sim, o pecado (Saulo que habita em mim). Então, (eu, Paulo) ao querer o bem, encontro a lei de que o mal (Saulo) reside em mim. Porque, no tocante ao bem interior, (eu, Paulo), tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei (Saulo) que, guerreando com a lei da minha mente (o Paulo que tem prazer na lei de Deus), fez-me prisioneiro da lei do pecado (Saulo) que está em meus membros. Desventurado homem (cristão) que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.15-24").[168]

Veja então o leitor que o "eu" desamparado e derrotado está em evidência em um caso, e o "eu" suficiente e vitorioso pelo Espírito, está em evidência no outro.

Mas essa suficiente vitória dá-se apenas "por Jesus Cristo, nosso Senhor".

2. O HOMEM DEPENDIA DE DEUS

O homem, como criatura, é dependente de Deus (Mt 6.26-30; 10.28; At 17.25-28). Ele lhe pertence de corpo e de alma e de espírito. Só por Deus ele sobrevive na existência. Por outro lado, ele só é pessoa, na consciência de si, em liberdade, na disponibilidade de si mesmo, porque, de uma forma ou outra, é interpelado por Deus.

Porque ele é, por causa do Senhor, um ser responsável diante de Deus. Mas Adão mesmo em seu estado de ino-

cência não primou por reconhecer este vínculo com o Criador.

Existindo por e diante de Deus, ele rejeitou a evidência que o fez existir. Ele fez uso mau de sua liberdade, afastou-se de Deus (Rm 1.19 para exemplificar). Ele frustrou sua vida. Sua existência passou de um estado de inocência para um estado carnal, o que concretamente quer dizer: submetido ao pecado.

a. *Suas conseqüências.* Mediante o pecado de Adão, podemos destacar "sete pragas angustiantes" que vieram sobre o homem e que foram sofridas por Cristo: [169]

NA QUEDA	EM CRISTO
A dor (Gn 3.16a)	(Is 53.11)
A sujeição (Gn 3.16b)	(Gl 4.4)
A maldição (Gn 3.17)	(Gl 3.13)
A tristeza (Gn 3.17b)	(Is 53.3)
Os espinhos (Gn 3.18)	(Mt 27.29)
O suor (Gn 3.19)	(Lc 22.44)
A morte (Gn 3.19)	(Fl 2.8)

b. *As conseqüências na pessoa humana.* Através do pecado do primeiro homem (a causa), a humanidade passa agora a sofrer todos os seus efeitos maléficos.

Há vários aspectos por meio dos quais o pecado se manifesta, tais como aqueles que se seguem:

I. *Há o pecado "congênito",* inato, herdado de Adão, nosso pai (a exemplo do veneno da serpente que se generaliza no corpo através da corrente sangüínea). É exatamente isso que Paulo chama de "salário do pecado" (Rm 6.23). Há também o pecado praticado, isto é, a transgressão (1 Jo 1.9). O primeiro vem no singular, o segundo no plural. No que diz respeito à sua prática, o primeiro é por comissão (a voluntariedade). É aquilo que se depreende de Tiago 1.15: "Depois, havendo a concupiscência concebida, dá a luz ao pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte". A segunda é por omissão (a indisposição). É também depreendido em Tiago 4.17: "Aquele pois que sabe fazer o bem e não faz, comete pecado".

"Aqui (diz Frost) passamos do lado negativo para o lado positivo da vida cristã, ou vice-versa, e aprendemos que deixar de fazer aquilo que sabemos (omitirmo-nos) é pecar".(170)

II. *A "depravação".* O segundo ponto a ser analisado é a "depravação". Nesse sentido o pecado procede de algo que é mais profundo do que a própria volição, o que igualmente sucede à volição pecaminosa.

Um ato pecaminoso é a expressão de um coração depravado (Pv 4.23; 23.7; Mc 7.20-23). O pecado deve incluir, por conseguinte, a perversidade do coração (quando é voluntário), e essa consiste e persiste sempre em corações depravados e desprovidos da natureza divina.

III. *A "revolta contra Deus".* Um terceiro ponto a ser analisado neste argumento é, sem dúvida, o pecado em relação a Deus. Há ainda outro fato peculiar à moralidade das Escrituras, e que é, ao mesmo tempo, verdadeiro em si mesmo e admirável. Em toda a Bíblia se fala do pecado como sendo um mal (*contra Deus*, e, doutro lado, em parte alguma é exaltado o instrumento ou agente humano, pelo menos do ponto de vista divino) porque pecou.

Quando lemos nas Escrituras que "Deus cria o mal" (Is 45.7), fica esclarecido, quando vemos que em mais de 459 vezes esta palavra se encontra no Antigo Testamento, muito poucas vezes ela se refere a Deus como a causa da coisa realizada, e também veremos que em cada um desses casos o mal mencionado consiste no castigo justo que Ele impõe sobre aqueles que pecam.

Não se diz que Deus criou o pecado deles, mas se diz que Ele trouxe a calamidade e o castigo sobre eles. Esta correção divinamente imposta foi com a palavra ("rã") distintamente da palavra ("HAMARTIA") - tortuosidade, Rã, (mal) - declara como uma experiência do mal vinda de Deus como penalidade para trazer a pessoa ao arrependimento (2 Co 7.10).(171)

IV. *O "erro".* Um quarto ponto a ser analisado é o "pecado do erro". Neste sentido podíamos encontrar muitas passagens e exemplos narrados nas Escrituras, mas tomaremos para exemplificar apenas o "erro de Balaão".

Nos livros de Números, capítulos 22 a 24, Segunda Pedro 2.15 e Apocalipse 2.14, fala-se de um homem chamado "Balaão". As características dele são: Olho mau (malícia). Espírito orgulhoso (egoísmo). Alma sensual (imoralidade).

O doutor Pirke Aboth declara: "Todo aquele que a muitos torna virtuoso, o pecado não vem por seu intermédio; e todo aquele que leva muitos a pecarem, não lhe dão a oportunidade de arrependimento. Todo aquele que tem três coisas é um dos discípulos de Abraão, nosso pai. E todo aquele que tem três outras coisas é um dos discípulos de Balaão, o ímpio. Se alguém tem *olho bom, alma humilde* e *espírito manso,* então é discípulo de Abraão, nosso pai. Mas se alguém tem *olho mau,* uma *alma jactanciosa* e um *espírito altivo,* é um dos discípulos de Balaão, o ímpio". Qual é a diferença entre os discípulos de Abraão e os discípulos de Balaão?

Os discípulos de Balaão herdarão o que ele herdou - a morte, o preço de seu salário (Rm 6.23), e os discípulos de Abraão herdarão o que ele herdou - o preço do sangue de Cristo.

V. *O "reflexo do argumento".* No Novo Testamento, o, Jesus retratou a vida humana ideal como a vida de comunhão com Deus. O pecado de Adão, portanto, trouxe esta falta de comunhão, que, necessariamente, o homem só a encontrará por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

---

(167) **Teol. Elem. E.H.B. D.D. 1975**
(168) **J.J.V. Voc. Bibl. p. 174. 1972**
(169) **As Anot. Da Bib. de D.L. Moody**
(170) **op. cit. E.H.B. D.D. 1975**
(171) **Teol. Sist. L.C.C. Vol. I. 1986**

28

A salvação do homem

A salvação, ou a palavra que descreve o seu significado, tem sua raiz no vocábulo grego ("sõtẽria"), ocorrendo em ambos os Testamentos com profundo significado e infinito alcance. Por toda a extensão das Escrituras Sagradas ocorre uma vez no plural (2 Sm 22.51) - Edição Revista e Corrigida.

Do ponto de vista divino de observação, "salvação" é um termo, inclusive, que abrange dentro de seu escopo muitos aspectos. Por exemplo, há a salvação do passado, no presente e para o futuro; seja, salvação do *espírito* na regeneração, da *alma* na santificação, e do *corpo* na glorificação.

1. DEFINIÇÃO DE SALVAÇÃO

De acordo com o doutor C. I. Scofield, são incluídas nesses diversos aspectos as doutrinas fundamentais que, teologicamente falando, constituem aquilo que chamamos de SOTERIOLOGIA ou seja, "doutrina da salvação"([172]). O vocábulo português que aparece em nossas versões e traduções se deriva do latim, "salvare", "salvar", de "sa-

lus", "saúde", "ajudar", e traduz o termo hebraico "yeshua" e cognatos: "largura, facilidade, segurança, etc".

a. Em o Novo Testamento, o verbo "salvar" e o substantivo "salvação" aparecem por mais de 150 vezes, correspondendo mais 100 vezes ao verbo, ora no ativo, ora no passivo. Porém, o Novo Testamento conhece também o significado mais comum do verbo; salvar no grego clássico deriva de "são" e significa devolver a saúde ao doente (sentido elementar), a segurança ao ameaçado (sentido geral), e arrancar da morte o moribundo (sentido individual) (Cf Mt 8.25; 14.30; 27.40,42,49; Mc 3.4; Lc 6.9; Jo 12.27; At 27.20; Hb 5.7). Sendo porém, ampla e objetiva em todos os seus aspectos.

b. No que diz respeito à sua origem, a salvação teve (e tem) seu ponto inicial no coração de Deus. Segundo se diz, ela foi criada por Ele; manifestada aos homens por meio de Jesus Cristo e, evidentemente, executada no coração humano através do Espírito Santo (Lc 1.68,69; Jo 12.48,49; 16.7-14 etc). A obra propiciatória de Jesus Cristo nosso Senhor é a maior revelação do grande propósito de Deus no plano da redenção em salvar a humanidade.

Foi nele que todos os matizes da salvação plena tiveram seu encontro de expansão (Hb 2.3).

2. O ALCANCE DA SALVAÇÃO

A encarnação e a propiciação de Jesus constituem a maior prova da boa vontade de Deus. Observemos a soberania de Deus em relação à salvação do homem e a sua iniciativa na obra da redenção. Vimos que Deus deseja a salvação de todos e tomou essa iniciativa, dando origem à salvação com este fim em mira.

Assim sendo, a origem da salvação e a sua manifestação está em Deus e não no homem. Se Ele não tivesse tomado tão sublime decisão primordial na salvação da criatura, ninguém seria salvo. Assim este ato criador de Deus, não é apenas uma manifestação da sua vontade, mas também, a sua satisfação, pois Ele é amor e, como tal, ama e deseja o bem-estar de todos.

a. A salvação era primeiramente vista como uma libertação material e concreta; diz respeito à vida do homem ou do povo nas múltiplas peripécias em que ocorre perigo. Ser salvo eqüivale a sair ileso de uma situação perigosa, uma derrota ou a morte. O israelita sobre o campo da batalha (Dt 20.4), ou o fiel atacado pela doença ou a angústia moral (Sl 6.5; 69.2 etc), voltava-se para o seu Senhor em procura de libertação ou de saúde. Assim, no Antigo Testamento, muitas vezes, a salvação era concebida mais como libertação coletiva e nacional do que individual. (173)

b. No Novo Testamento, porém, a salvação é vista e analisada mais do ponto de vista divino e interiormente. Ela é, então, salientada, contendo os atos e processos que ressaltam todos os elementos da fé cristã.

Para sua introdução na pessoa humana, se fazem necessárias a "fé e a graça"; enquanto que, para seu aperfeiçoamento, são necessários os demais dispositivos que envolvem todo o plano da redenção. Estes dispositivos são:

A justificação
A regeneração
A expiação (para dar certeza)
O perdão
A redenção
O arrependimento
A santificação e,
A adoção de filhos.

É evidente que todos esses matizes da salvação são revelados no Evangelho de Deus ou de Cristo. A palavra "evangelho" em si significa "boas-novas"; por isso o Evangelho é alguma coisa essencialmente diferente de qualquer ensino filosófico anterior. Por isso em qualquer época ou lugar, este Evangelho é chamado:

De "Deus" (Rm 1.1), porque origina-se no seu amor, tendo como fonte a plenitude de sua bondade;

De "Cristo" (2 Co 10.14), porque dimana do seu sacrifício e porque Ele é o único objeto de fé para salvação do mais vil pecador que em penitência olha para o Filho de Deus;(174)

Da "graça de Deus" (At 20.24), porque salva aquele que a Lei condena sem nenhuma trégua;

Da "glória" (2 Co 4.4; 1 Tm 1.11), porque diz respeito Àquele que está na Glória, e que leva muitos filhos à Glória (Hb 2.10);

Da "Nossa salvação" (Ef 1.13), porque é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16);

Da "Circuncisão" (Gl 2.7), porque, diante do poder deste Evangelho, "não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11);

Da "incircuncisão" (Gl 2.7), porque salva inteiramente, à parte de formas e ordenanças;

Da "paz" (Ef 6.15), porque por Cristo, por meio do Evangelho estabelece paz entre o pecador e Deus, e dá uma paz inteiramente também. E, deste modo, Deus e o pecador se encontram em paz (Ef 2.15);

Do "reino" (Mt 4.23), porque anuncia "as boas-novas" que Deus propôs estabelecer na terra em cumprimento às suas promessas de ambos os Testamentos".

Assim, prezado leitor, segue-se que o homem precisa ser espiritualmente despertado e iluminado, a fim de poder receber e aprender as coisas pertencentes a Cristo e aceitá-lo pela fé. Nesta conjuntura, pois, é que se verifica a operação necessária do Espírito Santo, para a criação da nova vida.

Assim sendo, percebe-se que Deus, ao traçar um plano para a recuperação moral e física do homem, estabeleceu contato vital em cada ponto sucessivo. Não há falhas, não há lacunas na obra da graça redentora, desde o princípio até o fim. Tudo foi vitalizado; tudo é orgânico do Éden ao Trono divino.

3. MEDIANTE A FÉ

O sentido da fé na justificação do homem torna-se o primeiro princípio, como é afirmado por Paulo e outros escritores do Novo Testamento. "Porque pela graça sois salvos, por *meio da fé...*" (Ef 2. 8a). Fé: nesse sentido é confiança em Jesus como Salvador do pecado mediante o perdão. Essa confiança é incondicional e irrestrita submissão

da alma a Cristo. É um tipo de confiança que só se pode exercer corretamente em relação a Deus. Salvação do pecado é obra divina. O pecado é contra Deus. Só Deus pode perdoar pecados. Neste sentido os censores de Jesus não estavam errados (Mc 2.7). Quando, porém, isso é efetuado, se dá por meio de Cristo, "...ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6b); "...tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo... Isto é, Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo... Rogamo-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus" (2 Co 5.18-20).

Por isso Jesus podia arrogar para si o poder de perdoar (Mc 2.5). Se Cristo teve essa pretensão, Ele era divino. Confiar nele para salvação é confiar em Deus. Observemos alguns casos sobre isso em vários elementos doutrinários das Escrituras:

a. Analisemos o mesmo fato noutra perspectiva, pela fé um homem encontra o amor de Deus em Cristo. Como diz Paulo em Romanos 5.5: "...porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado". Isto se verificou pela fé em Cristo. Quando um homem exerce fé em Cristo, ele encontra o amor de Deus. A partir daí, permanecem a fé, a esperança e a caridade... (1 Co 13.13). Isto não é uma inferência, mas é matéria de imediata experiência espiritual. Um ser humano sabe disto tão imediatamente e tão certamente como conhece qualquer outra coisa por experiência. É o amor de Deus que um ser humano encontra em Cristo que faz um homem amar outros homens, para o seu bem. a

Quando alguém se aproxima de Cristo em fé, ele está cônscio de que encontra a Deus. O clamor de Filipe exemplifica o clamor dos homens em todas as épocas: "...Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta" (Jo 14.8b). E a resposta de Jesus é a única resposta que satisfará aos anelos do coração humano: "...Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.9). A obra de Cristo, então, em salvar, é a mesma obra de Deus. É submissão a Ele como Senhor. A autoridade salvadora e o senhorio de nosso Senhor são inseparáveis. A fé do Novo Testamento envolve o reconhecimento do senhorio de Jesus e submissão a essa autoridade. Paulo fala

da obediência da fé (Rm 1.5). Significa isto a obediência que brota da fé ou a obediência que é fé? Fé, então, é não somente receber Cristo como Salvador, mas dar de si mesmo a Cristo.(175)

b. Um homem sabe que Cristo é divino tanto quanto to sabe que *há* um Deus, isto é, pela percepção da fé. No mesmo ato de fé em que conhecemos Deus nós também conhecemos Cristo como divino. Isto é verdade porque é em Cristo que conhecemos a Deus. E nisto está a confirmação da vida eterna: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Neste intercâmbio divino, duas coisas existem a respeito da vida religiosa do homem que confirmam este ponto de vista:

A primeira. É o senso que homem tem da sua dependência a Deus. Este é um elemento fundamental e essencial em religião. Não é o todo da religião, como o definiu Schleiermancher, mas é um elemento componente. Este senso de dependência dá testemunho ao fato de que o homem não pode viver sem Deus. O outro lado da mesma coisa é o espontâneo impulso de reconhecer Deus como o doador de todo o bem e lhe render graças por esse bem. Deste modo é ele reconhecido como estando presente em toda a vida.

A segunda. É a reconhecida presença de Deus na experiência cristã. Em nossa comunhão com Deus em Cristo temos indisputável evidência de que Deus é real para a vida humana.

Agostinho invoca a imediata presença de Deus para que tivesse paz. "Senhor Deus, concede-nos a paz, tu que tudo nos deste. Concede-nos a paz do repouso, a paz do sábado (repouso do trabalho), uma paz sem ocaso. Essa belíssima ordem de coisas muito boas, uma vez cumprido o seu papel, toda ela passará; porque terão um amanhecer e uma tarde (Gn 1.5,8,13,19,23,31).

"O sétimo dia, porém, não tem tarde nem repouso, porque o santificaste para permanecer eternamente".(176)

Aquele descanso, com que repousaste no sétimo dia depois de tantas obras muito boas - que realizaste sem cansaço - é um anúncio que nos vem pela palavra da tua

Escritura: também nós descansaremos em ti, no sábado da vida eterna, depois dos nossos trabalhos, que são bons porque os concedeste a nós (Hb 4.3 e ss).

c. Em Deus repousamos. O descanso almejado por Agostinho e os demais cristãos não se refere ao repouso do "sábado semanal", que era o quarto mandamento da Lei e, sim, o repouso eterno que somente em Deus, através de Cristo, o homem encontrará. "Porque nós, os que temos crido, entramos no repouso..."(Hb 4.3). Este repouso existe - porque Deus repousa em nós. "Também então repousarás em nós, de maneira que agora agem em nós. Este repouso será teu por nós, como são tuas essas ações por nós. Tu, porém, Senhor, estás sempre ativo e estás sempre em repouso. Não vês no tempo, não te moves no tempo, não repousas no tempo, e todavia crias a nossa visão no tempo, o próprio tempo, e o repouso depois do tempo".

d. Em Deus encontramos a verdade. Uma das características da lei de Deus é a verdade. Sabemos de bem pouco, mas aquilo que sabemos é imensamente importante. A Lei veio para revelar o caráter de um Deus verdadeiro e imutável. Deus é o Deus da verdade (Dt 32.4; Sl 31.5). Cristo é a verdade (Jo 14.6). Cristo estava repleto de verdade (Jo 1.14); Cristo falou a verdade (Jo 8.45).

O Espírito Santo é o Espírito da verdade (Jo 14.17); Ele nos guia em toda a verdade (Jo 16.13).

A Palavra de Deus é a verdade (Dn 10.21; Jo 17.17); Deus encara a verdade favoravelmente (Jr 5.3).

Os juízos divinos são segundo a verdade (Sl 96.13; Rm 2.2).

Os santos deveriam: adorar a Deus em verdade (Jo 4.24); servir a Deus na verdade (Js 24.14; 1 Sm 12.24); andar diante de Deus na verdade (1 Rs 2.4; 2 Rs 20.3); observar as festividades religiosas na verdade (1 Co 5.8); estimar a verdade como preciosíssima (Pv 23.23); regozijar-se na verdade (1 Co 13.6); falar a verdade uns para os outros (Zc 8.16; Ef 4.25); meditar sobre a verdade (Fl 4.8); escrever a verdade sobre as tábuas do coração (Pv 3.3); Deus deseja a verdade no coração (Sl 51.6); o fruto do Espírito se verifica na verdade (Ef 5.9).

Os ministros deveriam: falar a verdade (2 Co 12.6; Gl 4.16); ensinar a verdade (1 Tm 2.7); ser aprovados pela verdade (2 Co 4.2; 6.7,8; 7.14).

Os magistrados deveriam ser homens caracterizados pela verdade, sinceros (sem cera) (Êx 18.21; Jó 1.1).

Os reis são preservados pela verdade (Pv 20.28).

Os que dizem a verdade exibem a retidão (Pv 12.17); serão firmados (Pv 12.19); serão deleitáveis para Deus (Pv 12.22).

Os ímpios são destituídos de verdade (Os 4.1); não dizem a verdade (Jr 9.5); não sustentam a verdade (Is 59.14,15); não pleiteiam a verdade (Is 59.4); não são corajosos em defesa da verdade (Jr 9.3); serão punidos por não terem a verdade (Jr 9.5,9; Os 4.1).

O Evangelho, como a verdade, veio por Cristo (Jo 1.17); Cristo dá testemunho da verdade (Jo 18.37); ela se acha em Cristo (Rm 9.1; 1 Tm 2.7); João deu testemunho da verdade (Jo 5.33).

O que a verdade é: ela é segundo a piedade (Tt 1.1); ela é a santificadora (Jo 17.17,19); ela é purificadora (1 Pe 1.22); ela faz parte da armadura cristã (Ef 6.14); ela é revelada abundantemente aos santos (Jr 33.6); ela permanece com os santos (2 Jo 2); ela deveria ser reconhecida (2 Tm 2.25); ela deveria ser crida (2 Ts 1.12; 1 Tm 4.3); ela deveria ser obedecida (Rm 2.8; Gl 3.1); ela deveria ser amada (2 Ts 2.10); ela deveria ser corretamente manuseada (2 Tm 2.15).

Os ímpios afastam-se da verdade (2 Tm 4.4); os ímpios resistem à verdade (2 Tm 3.8); os ímpios estão destituídos da verdade (1 Tm 6.5).

O Diabo é despido da verdade (Jo 8.44).

A Igreja é a coluna e a firmeza da verdade (1 Tm 3.15). A verdade é comprovada nas vidas daqueles que são transformados segundo a "imagem de Cristo". É necessário poder para que isso se concretize, e o que é bom traz consigo a verdade!

Certa feita Aristóteles declarou: "A verdade é que os homens se vão tornando menos e menos dogmáticos à proporção que envelhecem, reconhecendo cada vez mais a vastidão da verdade; e isto certamente é o caso da verdade

de Deus, pois essa é infinitamente ampla e não pode ser contida por qualquer credo ou denominação religiosa, porquanto é impossível alguém cercar Deus com uma sebe".[177]

Jesus Cristo disse: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). Se o leitor ainda não é uma pessoa liberta pelo sangue de Jesus, ouça o que diz a Bíblia: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Amém!

([172]) Scofield, Dr. C.I. (Scofield Reference Bible)
([173]) J.J.L.V. Voc. Bibl. 1972
([174]) SPS - Apoc. V. por V. 1986
([175]) W.T.C. Rev. e Deus. 1979
([176]) S.A. (Confissões), Liv. XIII. p. 417, 1986
([178]) Retórica II. 13.

Bibliografia

BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar.* J. M. Bentes. (tradutor). Imprensa Batista Regular, 2ª Edição, São Paulo, SP, 1975.

BENNETT, D. R. *Trindade do Homem.* J. R. Batista (tradutor). Editora Vida, 1ª Edição, Miami, Flórida, 1982.

BROMILEY, G. W. e ss (3v). O *Novo Comentário da Bíblia.* Editora Vida Nova, 1ª Edição, (3ª Reimpressão), São Paulo, SP, 1963.

CHAFER, L. S. *Teologia Sistemática.* Imprensa Batista Regular, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1986.

CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo.* J. M. Bentes (6v) (tradutor). Editora Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1982.

DAVIS, J. D. *Dicionário da Bíblia.* J. R. C. Braga (tradutor). Editora JUERP, Rio de Janeiro, RJ, 1985.

DE HANN. M. R. *Gênesis e Evolução.* W. W. Rocha (tradutor). Associação Fluminense de Educação, 1ª Edição, Duque de Caxias, RJ, 1982.

FILHO, T. da G. L. O *Homem em Três Tempos.* CPAD, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1983.
HOFF, P. *O Pentateuco.* L. A. Caruso (tradutor). Editora Vida, 1ª Edição, Miami, Flórida, 1985.
JOLIVET, R. *Curso de Filosofia.* E. P. de Mendonça (tradutor). Livraria AGIR Editora, 15ª Edição, São Paulo, SP, 1984.
KEYES, N. B. *História Ilustrada do Mundo Bíblico:* De Seleções do Reader's Digest. J. Távora (tradutor), Seleções do Reader's Digest, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ - São Paulo, SP - Porto Alegre, RS, 1959.
LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática.* JUERP, 5ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1977.
MC NAIR, S. E. *Pequeno Dicionário.* Edição Casa Editora Evangélica, 5ª Edição, Teresópolis, RJ, 1952.
MONDIN, B. *Antropologia Teológica:* História, Problemas, Perspectivas. M. L. J. de Amarante (tradutor). Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, SP, 1984.
MONDIN, B. *O Homem, Quem é Ele?* R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari (tradutor). Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, SP, 1982.
MONTAGU, A. *Introdução à Antropologia.* O. M. Cajado (tradutor). Editora Cultrix, 2ª Edição, São Paulo, SP. 1969.
PACER, J. I. e ss (4v) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* G. Chown (tradutor). Edições Vida Nova, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1983.
PEARLMAN, M. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia.* L. Olson (tradutor). Editora Vida, 6ª Edição, Miami, Flórida, 1977.
SCOFIELD, C. I. *Scofield Reference Bible.*
SUARES, D. F. *Os Falsos Testemunhas de Jeová* (Refutação). A. R. Machado (tradutor). Casa Publicadora das Assembléias de Deus de Portugal, 2ª Edição, Lisboa, Portugal, 1972.
TELES, A. X. *Introdução ao Estudo de Filosofia.* Editora Ática, 22ª Edição, São Paulo, SP, 1984.
VON ALLMEN, J. J. *Vocabulário Bíblico.* Editora ASTE, 2ª Edição, São Paulo, SP, 1972.

_____. *Almanaque Abril 84,* Seção de (Biologia). Editora Abril Cultural, São Paulo, SP, 1984.
_____. *Antropologia* (uma introdução). Editora Atlas, S. A. 1ª Edição, São Paulo, SP, 1986.
_____. *Archipel:* Français langue ètrangére. Centro de Cultura Francesa. S. P. da Silva (tradutor) Livro 1. Unidade de 1 a 7, 1ª Edição, Editora ao Livro Técnico S. A. Didier, Paris, França, 1982.
_____. *Enciclopédia Barsa* (16 v): Verbetes de Antropologia e Anatomia. Editora Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda. Rio de Janeiro, RJ - São Paulo, SP, 1982.
_____. O *Novo Dicionário da Bíblia.* J. J. M. Bentes (2v). Edições Vida Nova, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1983.

O HOMEM

A natureza humana explicada pela Bíblia

CORPO ALMA e ESPÍRITO

O que é antropologia? Podemos aceitar a Teoria da Evolução? Por que existem as raças branca, amarela e negra? O autor responde a estas indagações numa exposição clara e direta. Neste livro, o leitor encontra ainda outros temas muito comentados no cotidiano. Também é comentada a relação entre o corpo, a alma, o espírito, a consciência, a imaginação, a memória, os instintos, o sangue, o coração e a imortalidade, com apresentação de argumentos à luz da Bíblia.

Severino Pedro da Silva
Ministro do Evangelho, bacharel em filosofia e teologia, autor dos livros *Daniel, Versículo por Versículo; Apocalipse, Versículo por Versículo; Os anjos, Sua Natureza e Ofício; Escatologia, Doutrina das Últimas Coisas, entre outros.*

ISBN 85-263-0137-3